

**COLÉGIO PEDRO II**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e  
Cultura

Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

Adriana do Nascimento Querido

**A INVERSÃO DA LÓGICA DA SALA DE AULA E  
ALGUMAS POSSIBILIDADES PARA COMPREENSÃO  
LEITORA NO ENSINO MÉDIO**

**Produto educacional: Leia Lima! Uma proposta para  
compreensão leitora no ensino médio**

Rio de Janeiro  
2021



**A INVERSÃO DA LÓGICA DA SALA DE AULA E ALGUMAS  
POSSIBILIDADES PARA COMPREENSÃO LEITORA NO ENSINO MÉDIO**

**Produto educacional: Leia Lima! Uma proposta para compreensão leitora no  
ensino médio**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Orientador (a) Professor (a) Dra. Aira  
Suzana Ribeiro Martins

Rio de Janeiro  
2021

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

Q4 Querido, Adriana do Nascimento

A inversão da lógica da sala de aula e algumas possibilidades para compreensão leitora no ensino médio / Adriana do Nascimento Querido. - Rio de Janeiro, 2021.

163 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Aira Suzana Ribeiro Martins.

1. Língua portuguesa (ensino médio) - Estudo e ensino. 2. Leitura. 3. Compreensão na leitura. 4. Crônicas. I. Martins, Aira Suzana Ribeiro. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 372.4

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Adriana do Nascimento Querido

**A INVERSÃO DA LÓGICA DA SALA DE AULA E ALGUMAS  
POSSIBILIDADES PARA COMPREENSÃO LEITORA NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Aprovado em: 20/05/2021.

Banca Examinadora:

---

Dra. Aira Suzana Ribeiro Martins (orientadora)  
MPPEB – Colégio Pedro II

---

Dra. Maria Teresa Tedesco Vilaro Abreu  
(Uerj)

---

Dra. Flávia Amparo  
MPPEB – Colégio Pedro II

---

Dra. Darcília Simões  
(Uerj)

Rio de Janeiro  
2021

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor meu Deus pelo dom da vida, pelas alegrias e pelo sustento constante e Sua presença real em meu viver. Por ter me permitido chegar até aqui e me sustentado nos momentos mais difíceis que passei durante este período.

Aos meus pais (em memória), meus maiores incentivadores. Minha mãe Adélia, que sempre me estimulou a estudar e acreditou em mim dizendo que desta maneira teríamos melhores condições que ela teve e que o que aprendemos ninguém rouba. Ao meu pai, Hélio, um ávido leitor que sempre leu na minha presença “devorando” os jornais e conhecendo os significados de “todas as palavras” que eu não sabia quando criança. Aos meus irmãos e irmãs Cláudia, Valéria, Leonardo e Leandro, meus amigos e parceiros ao longo de minha vida e jornada profissional. Meus sobrinhos e sobrinhas, fundamentais na minha formação como ser humano, especialmente minha sobrinha e design Bianca, que fez belíssimas ilustrações para o produto educacional.

Aos queridos professores e professoras que pude conhecer e admirar durante o período que passei aqui nesta importante Instituição. Às queridíssimas e especiais professoras Edite e Marcia que foram fundamentais em minha formação, no repensar de minha prática associando teorias e instigando novas leituras e pesquisas. À minha orientadora Aira Suzana que com tanta paciência e compreensão esteve ao meu lado com toda sua sabedoria, inteligência e disposição em me auxiliar, incentivar para que conseguisse finalizar minhas leituras e produções. A cada colega da turma 2018, grandes profissionais com quem tive o prazer de conviver e aprender! Em especial Bruno César e Mariana Vera Cruz, que fizeram o *abstract* dessa pesquisa. Mari, ser humano inigualável, companheira de estudos, risos, aventuras e conversas durante o caminho de volta para casa, quando nem víamos o tempo passar e se despedia me dizendo: avisa, quando chegar! À equipe gestora da E.M. Gonçalves Dias que com toda gentileza e generosidade permitiu estacionar meu carro e sempre abria a porta com um sorriso encantador nos lábios dando “bom dia!”, um simples gesto que já alegrava minhas manhãs sempre corridas para as aulas.

Às professoras doutoras que aceitaram participar da banca desta pesquisa: Flávia Amparo, por sua gentileza, calma e contribuições valiosas e Maria Teresa Tedesco, uma companheira e incentivadora em momentos delicados, mas que com todo afeto e conhecimentos indescritíveis me fazem admirá-la cada vez mais.

À direção e equipe pedagógica do CIEP 244 Oswaldo Aranha pelo apoio e

valorização do meu trabalho. Aos meus alunos e alunas que participaram da pesquisa, agradeço pela convivência, pelo riso e alegria nas manhãs de quartas e sextas-feiras.

E meu agradecimento mais que especial, minha dedicação, minha alegria à minha família que tolerou minha ausência e ainda assim me apoiou e respeitou cada momento vivido ao longo deste período de pesquisa. Meu marido, Ian, por todo incentivo, parceria e escuta de cada capítulo. Minhas crianças, os verdadeiros amores e razão da minha vida: Flavinho e Isabela, motivos para acreditar na bondade, na simplicidade e leveza que a vida pode nos oferecer, que me fazem acordar feliz e sorrir diariamente.

## RESUMO

QUERIDO, Adriana do Nascimento. **A inversão da lógica da sala de aula e algumas possibilidades para compreensão leitora no ensino médio.** 2018. Dissertação (Mestrado) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, Rio de Janeiro, 2020.

A presente pesquisa está inserida na temática da aprendizagem de alunos de Ensino Médio e trabalhou com o seguinte problema: Como a leitura de crônicas pode auxiliar a compreensão leitora de alunos do Ensino Médio? A fim de responder a essa questão traçou-se como objetivo geral investigar se a leitura de crônicas e as atividades desenvolvidas com esse gênero textual podem contribuir para a compreensão leitora de alunos do Ensino Médio regular. Como objetivos específicos, identificar quais as maiores dificuldades para compreensão leitora; elaboração de atividades para o material didático escolar; aplicação do material e avaliação dos resultados durante as intervenções pedagógicas desenvolvidas ao longo da pesquisa. Este estudo se justifica por entender a necessidade de atividades específicas para o público-alvo (Ensino Médio), de acordo com sua faixa etária e com suas características peculiares, pois muitos adolescentes demonstram pouco interesse pelas atividades de leitura. Acredita-se que a leitura de crônicas favoreça a compreensão leitora dos estudantes por se tratar de um gênero cuja narrativa contém elementos do cotidiano, contribuindo para desenvolver no aluno o pensamento crítico e a cidadania. O estudo, de caráter qualitativo, foi desenvolvido com o auxílio de uma entrevista sobre leitura, um questionário sobre a faixa etária e a situação escolar anterior, além de um diário de campo, no qual se buscou conhecer a falta de motivações para leitura e se obterem informações mais consistentes sobre desinteresse pelas atividades nas aulas de Língua Portuguesa. Dessa forma, foram oferecidas, nas aulas de Português, estratégias necessárias para que os alunos pudessem desenvolver a prática de leitura, considerando sua importância e seus desafios. O público-alvo se foi uma turma do segundo ano de Ensino Médio regular matriculados no CIEP 244 Oswaldo Aranha, em Realengo, da Rede Estadual do Rio de Janeiro. Pelo fato de atuar na comunidade, o acesso da pesquisadora foi facilitado e, por já ser conhecida pela população local, tornou-se possível a pesquisa e a atuação como regente de forma concomitante. Para auxiliar os estudantes na prática de leitura construiu-se um material didático e instrucional com o gênero crônicas: um caderno de atividades que motivou os alunos a lerem, e orientações

que serviram como mapa para orientar a leitura. Esse material foi utilizado e testado ao longo desta pesquisa e, com a observação dos resultados, percebeu-se que os estudantes se sentiram mais estimulados e capazes de buscar novas leituras com mais prazer e autonomia. Espera-se aprimorar a prática de leitura dos alunos, promovendo autonomia para que leiam e compreendam o que foi lido dentro e fora da escola, nos espaços sociais onde interagem.

**Palavras-chaves:** Leitura; Compreensão leitora; Crônicas; Ensino Médio.

QUERIDO, Adriana do Nascimento. **The inversion of classroom logic and some possibilities for reading comprehension in high school.** 2018. Dissertation (Master's) - Colégio Pedro II, Dean of Postgraduate Studies, Research, Extension and Culture, Professional Master's Program in Basic Education Practices, Rio de Janeiro, 2020.

### ABSTRACT

The present research investigates the learning of high school students. In this scenario, we confront the following problem: How can the reading of chronicles enhance the reading comprehension of high school students? In order to answer the research question, a study was developed, in which the general objective was to investigate whether the reading of chronicles and the activities developed with this textual genre can contribute to improve the reading comprehension of regular high school students. The specific objectives are: to identify main difficulties in reading comprehension; to elaborate activities for school didactic material; to apply the material and evaluate the results during the pedagogical interventions made throughout the research. This study is justified by the understanding that there is a need for specific activities for the target audience (High School), according to their age group and peculiar characteristics, as many adolescents show little interest in reading activities. It is believed that the reading of chronicles benefits the reading comprehension of students for the narrative of which contains elements of everyday life, contributing to the development of critical thinking and citizenship. The qualitative research was developed based upon an interview about reading, a questionnaire regarding the age group and the previous school situation, in addition to a field diary, to investigate the reasons for the lack of motivation for reading and to obtain more consistent information about disinterest in the activities conducted in the Portuguese language classes. Thus, in Portuguese classes, the necessary strategies were offered so that students could develop the practice of reading, considering its importance and challenges. The target audience consisted of a group from the second year of regular high school, enrolled at CIEP 244 Oswaldo Aranha, in Realengo, Rio de Janeiro State Education Secretariat. Since the researcher works in the community, the access to the group was facilitated and, considering she is already known by the local population, it was possible to research and teach simultaneously. To assist students in the practice of reading, didactic and instructional material with the genre chronicles was produced: a notebook of activities that motivated students to read, along with guidelines to conduct

the reading. This material was implemented and tested over this research process. As a result of the study, it was noticed that students felt more stimulated and able to seek new readings with more pleasure and autonomy. It is expected to improve students' reading practice, promoting autonomy to read and understand what was read inside and outside the school, in the social spaces where they interact.

Keywords: Reading; Reading comprehension; Chronicles; High school

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Características da crônica .....	52
<b>Figura 2-</b> A liberdade da crônica .....	54
<b>Figura 3-</b> Casarão antes da escola ser construída.....	62
<b>Figura 4-</b> Entrada do Ciep 244 .....	63
<b>Figura 5-</b> Nova entrada do Ciep após reforma.....	63
<b>Figura 6-</b> Fachada e ambientes internos .....	64
<b>Figura 7-</b> Ambientes preservados pela comunidade e sala de professoras .....	65
<b>Figura 8-</b> Perfil dos estudantes.....	69
<b>Figura 9-</b> Enquete 1 .....	69
<b>Figura 10-</b> Capa do produto educacional.....	78
<b>Figura 11-</b> Currículo mínimo SEEDUC/RJ .....	81
<b>Figura 12-</b> Currículo mínimo SEEDUC/RJ 1º bimestre .....	83
<b>Figura 13-</b> Sala de aula invertida.....	90
<b>Figura 14-</b> Perfil no <i>Instagram</i> utilizado com as turmas.....	92
<b>Figura 15-</b> Perfil no <i>Facebook</i> utilizado com as turmas.....	92
<b>Figura 16-</b> Destruição local vista através da janela da sala de aula .....	96
<b>Figura 17</b> Aula no ambiente presencial antes da pandemia.....	97
<b>Figura 18-</b> Visita ao local para realização da atividade proposta.....	98
<b>Figura 19-</b> Turma participante da pesquisa.....	98
<b>Figura 20-</b> Roda de fala e escuta após visita ao local da enchente .....	99
<b>Figura 21-</b> Atividade proposta na rede social.....	100
<b>Figura 22-</b> Aprovação para o grupo no <i>Facebook</i> .....	103
<b>Figura 23-</b> Agendamento para aula no ambiente virtual.....	104
<b>Figura 24-</b> Postagem antes da aula.....	104
<b>Figura 25-</b> Aviso postado na rede social <i>Facebook</i> .....	105
<b>Figura 26-</b> Videoaula 1 no ambiente virtual.....	105

<b>Figura 27-</b> Enquete 2.....	106
<b>Figura 28-</b> Interação anterior à aula.....	106
<b>Figura 29-</b> Postagem de arquivo com os assuntos para a aula.....	107
<b>Figura 30-</b> Postagem de arquivo com os assuntos para a aula.....	108
<b>Figura 31</b> -Postagem de arquivo com os assuntos para a aula.....	108
<b>Figura 32</b> -Atividade on-line.....	109
<b>Figura 33</b> -Agendamento 2.....	110
<b>Figura 34</b> -Enquete 3.....	111
<b>Figura 35</b> -Videoaula 2.....	112
<b>Figura 36</b> -Interação 1 após aula.....	116
<b>Figura 37</b> -Interação 2 após aula.....	117
<b>Figura 38</b> -Enquete 4.....	117
<b>Figura 39</b> - Interação 3 após aula.....	115
<b>Figura 40</b> -Proposta de atividade .....	118
<b>Figura 41-</b> Fedback para os alunos.....	118
<b>Figura 42</b> - Atividade realizadas pela turma ( texto “Não as matem”).....	120
<b>Figura 43-</b> Atividade realizadas pela turma ( texto “Não as matem”).....	120
<b>Figura 44-</b> Atividade realizadas pela turma ( texto “Não as matem”).....	121
<b>Figura 45-</b> Atividade postada por uma aluna .....	122
<b>Figura 46-</b> Interações virtuais.....	124
<b>Figuras 47</b> Conversa com alunas e auxílio virtual.....	124
<b>Figura 48-</b> Conversa com alunas e auxílio virtual.....	125
<b>Figura 49-</b> Formulário após a leitura das cinco crônicas.....	126
<b>Figura 50-</b> Respostas abertas.....	131

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1-</b> Participantes da pesquisa.....	66
<b>Gráfico 2-</b> Idade dos participantes .....	70
<b>Gráfico 3-</b> Bairro onde moram.....	70
<b>Gráfico 4 -</b> Casos de reprovação.....	71
<b>Gráfico 5-</b> participação em projetos de aceleração.....	71
<b>Gráfico 6-</b> Gosto pela leitura.....	73
<b>Gráfico 7-</b> Dificuldades durante a leitura.....	73
<b>Gráfico 8-</b> Leitura fora da escola .....	74
<b>Gráfico 9-</b> Leitura de um livro completo.....	75
<b>Gráfico 10-</b> Observação das atividades dos alunos realizadas na plataforma.....	101
<b>Gráfico 11-</b> Envolvimento nas atividades postadas.....	102
<b>Gráfico 12-</b> Assunto da crônica.....	119
<b>Gráfico 13-</b> Ideia principal da crônica.....	119
<b>Gráfico 14-</b> Crônica preferida.....	129
<b>Gráfico 15-</b> Compreensão da crônica lida.....	130
<b>Gráfico 16-</b> Expectativas para a leitura .....	132
<b>Gráfico 17-</b> Assunto central do texto.....	134
<b>Gráfico 18-</b> Leitura dos textos.....	134
<b>Gráfico 19-</b> Interesse sobre o assunto.....	135
<b>Gráfico 20-</b> Dificuldades para compreensão do texto.....	136
<b>Gráfico 21-</b> Dúvidas sobre as palavras desconhecidas.....	138
<b>Gráfico 22-</b> Ação sobre as palavras desconhecidas.....	138
<b>Gráfico 23-</b> Recomendação para leitura das crônicas .....	139

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC- BASE NACIONAL Comum Curricular

MEC – Ministério da Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PISA- Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

SEEDUC – Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	16
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	29
2.1 Leitura	31
2.2 Compreensão leitora	38
2.3 Gêneros textuais	46
2.4 A crônica e suas principais características	49
2.4.1 Principais características do gênero	51
2.5 Lima Barreto	55
<b>3. METODOLOGIA</b>	57
3.1 Etapas da pesquisa	58
3.1.2 Tipo de pesquisa	59
3.2 Caracterização do campo de estudo e forma de ingresso	61
<b>4. PRODUTO EDUCACIONAL: apresentação e mudanças na aplicação ao longo da pesquisa</b>	75
4.1 A sala de aula invertida e sua aplicação nesta pesquisa	84
4.2 A sala de aula invertida	86
4.3 Aplicação das atividades nos ambientes presencial e virtual	93
<b>5. APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA</b>	125
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	140
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	146
<b>APÊNDICE 1- Questionário</b>	148
<b>APÊNDICE 2- Roteiro de entrevista</b>	150
<b>APÊNDICE 3 -Crônicas selecionadas para aulas e produto educacional</b>	151
<b>ANEXO 1- Termo de Assentimento Livre e esclarecido</b>	152
<b>ANEXO 2- Termo de Consentimento livre e esclarecido maiores de Idade</b>	153
<b>ANEXO 3- Termo de consentimento livre e esclarecido – responsável legal</b>	155
<b>ANEXO 4- Crônicas de Lima Barreto usadas na pesquisa</b>	157

## 1.INTRODUÇÃO

A leitura, presente em nosso cotidiano antes mesmo de ingressarmos na escola, é amplamente discutida no ambiente escolar e fora dele, sendo um assunto inesgotável. Entretanto, apesar do grande número de pesquisas e projetos voltados para essa área, os resultados da competência leitora de nossos alunos no cenário educacional atual não são muito animadores, além do fracasso escolar desolador e crescente.

Desde o início da atuação docente, percebia, de maneira empírica, as dificuldades dos estudantes nas questões concernentes à leitura e sua compreensão, pois os estudantes apresentavam dificuldades na interpretação, identificação do assunto principal e nas implicitudes dos textos. Via os maus resultados das avaliações e o desempenho desfavorável não apenas nas aulas de Língua Portuguesa, mas também nas demais disciplinas. Dessa forma, me deparava com a necessidade urgente de rever minhas práticas nas questões concernentes ao tema. Observava a importância de ações que fomentassem a leitura, o pensamento crítico e a construção de sentidos nos textos lidos.

Durante toda minha docência trabalhei paralelamente com adultos e com crianças. Observava que possuíam dúvidas semelhantes no que se referia à leitura, escrita e até à compreensão de textos. Ao final de textos lidos ou ouvidos, me perguntavam de que se tratava. Sempre pensei em uma maneira de contribuir com as crianças, para que chegassem à idade adulta com um grau de entendimento que fosse suficiente para se tornarem cidadãos participantes em nossa sociedade e pudessem ler com autonomia. Com os adultos, pensava como poderia contribuir para preencher a lacuna que se formou na aprendizagem, devido aos anos distantes da escola, endurecidos pelo cotidiano, mas com uma vontade enorme de transformação em suas vidas.

Após anos no ensino noturno, transferi-me de unidade escolar e, atualmente, minha prática docente está direcionada ao Ensino Médio regular diurno. Qual não foi minha surpresa: os adolescentes também têm muitas dúvidas, como os adultos que ficaram longe da escola, ao lerem os textos não só da disciplina de Língua Portuguesa, mas também Física, Biologia, Filosofia, entre outras. Essas dúvidas de meus alunos e alunas sempre foram motivo de inquietação e busca de possibilidades para auxiliar esses estudantes com propostas de leituras e minimizar os impactos dessa dificuldade no desempenho escolar.

Alfabetizei crianças durante muitos anos e percebia a alegria da descoberta, a curiosidade nos textos lidos e possibilidades de autonomia crescente a cada aula. Via nos seus rostos a satisfação e o prazer na leitura e no meu rosto também, pois amo ensinar a ler e a escrever. Entretanto, ficava curiosa com os alunos maiores que se descuidavam da leitura ou perdiam o prazer em ler e busquei me dedicar a ações para descobrir as razões que faziam os alunos deixarem de gostar de ler e, em paralelo, incentivar o gosto pela leitura. Assim, surgiu esta pesquisa: a professora alfabetizadora que atua com adolescentes e jovens no ensino médio regular.

As reflexões sobre minha prática cotidiana me fizeram buscar o Mestrado Profissional no Colégio Pedro II, por compreender a importância do trabalho desenvolvido nessa instituição e poder associar a teoria às minhas ações em sala de aula. Nessa perspectiva, busquei caminhos que pudessem auxiliar meus alunos, incrementar minha formação, construir novas propostas e estratégias para orientá-los, considerando seus saberes e adequando-os às necessidades de participação plena no mundo em que estamos inseridos.

A compreensão leitora faz parte da proposta desta pesquisa, visando a que os estudantes sejam estimulados a novas leituras e à descoberta de sentidos amplos, para que consigam inferir informações e ampliar seus conhecimentos de forma crítica e contextualizada. A leitura, de modo geral não é vista como uma atividade de lazer, prazer, aprendizagem, informação ou conhecimento, mas como algo enfadonho e de caráter obrigatório no ambiente escolar. Tentamos desconstruir essa concepção ao longo da pesquisa, mostrando que não podemos ser excluídos do universo da leitura e este bloqueio pode ser rompido à medida que se familiarizassem com textos e propostas que mostrem a riqueza e cultura presentes nos textos oferecidos nesta pesquisa.

A presente pesquisa, com enfoque na leitura e sua compreensão, considera a relevância das ações como professora-pesquisadora ao refletir sobre os desafios do cotidiano em sala de aula, na busca por um ensino que proporcione aos estudantes aulas interessantes e prazerosas nas quais o gosto pela leitura seja estimulado na escola. Percebo alunos desmotivados e desinteressados, mas acredito que a de leitura de uma boa crônica possa dar prazer e incentivar outras leituras de outros gêneros e não tornar o ato de ler em uma atividade cansativa. Como desenvolver é a grande questão. A prática mostra que os jovens leitores da escola não querem ler. Entretanto com o que há de fundamental, o compromisso, seguimos adiante refletindo sobre o que nos dizem

importantes autores, como Koch&Elias (2011, p.10) as quais compreendem a leitura como “uma atividade de produção de sentido”. Contudo, esse sentido do texto ainda não é bem percebido na pelos alunos da comunidade onde atuo e sua construção precisa ser elaborada e alimentada para que se sintam confiantes e autônomos durante as leituras.

Atuo no CIEP 244 Oswaldo Aranha, que pertence à Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, localizado no bairro de Realengo, em uma comunidade carente conhecida como Curral da Éguas, que trabalha com Ensino Médio, nas modalidades regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Percebia o mesmo desinteresse dos alunos pelas aulas em ambas as modalidades de ensino, além de as turmas ainda sustentarem a ideia que circula no senso comum: as aulas de Português são de conteúdos gramaticais, com atividades propostas nos livros didáticos recebidos. Também, existe a ideia de que devem estudar para as provas bimestrais, pois precisam “passar de ano”.

Ficava me perguntando como atrair esses jovens para o mundo da leitura, pois a falta de interesse é um enfrentamento cotidiano e quando veem um texto considerado extenso em quantidade de linhas, perdem a vontade de ler e, muitas vezes, nem iniciam a leitura. Essa situação tão comum em várias escolas não era diferente em minha sala de aula, mas a realidade presente em minhas turmas e trouxe-me inúmeras reflexões.

Algumas perguntas me moviam: Que estratégias usar para aprimorar o gosto pela leitura? Por que deixam de ler? Por que reclamam ao ler? Refletindo sobre o assunto, pensei na possibilidade de desenvolver exercícios por meio de atividades, utilizando gêneros textuais com a intenção de auxiliar minhas turmas nesse processo, realizando o importante mecanismo da intervenção pedagógica em sala de aula. Para esta pesquisa, contamos com uma população composta pelos alunos da unidade escolar onde atuo e a amostra de alunos, com idade média entre 15 e 19 anos em uma turma de segundo ano, matriculados no turno da manhã que aceitaram participar da pesquisa.

Comecei a pensar nas atividades com a turma e inúmeras ideias para escolha de gênero povoavam minha mente. Charges? Quadrinhos? Contos? Cartas? Enfim...muitos! Queria um gênero “atraente”, que pudesse abranger questões sociais enfrentadas por eles, críticas, emoção e reflexões sobre o cotidiano. Assim, escolhi a crônica, um gênero que narra os fatos ocorridos de forma simples e com linguagem informal podendo envolver

personagens reais ou fictícios, e modo geral no tempo presente, mas tornando-se, muitas vezes, atemporal como as escolhidas para esta pesquisa.

As crônicas que, inicialmente, apresentavam fatos históricos como um relato cronológico, hoje narra fatos cotidianos. Esse gênero de texto chegou o Brasil junto da esquadra de Cabral, em que o escrivão da contava fatos históricos, descrevendo o local onde explorariam e implantariam o processo colonial. Entretanto, somente por volta de 1930 ganhou força entre nossos escritores nacionais, como Machado de Assis que assim descreve:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coletânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar as ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 10)

Essa definição divertida serviu para guiar minha pesquisa, pois percebi que a crônica, com sua escrita que abrange o espírito urbano, acontecimentos diários, e preocupação com o habitual do ser humano. A crônica nos envolve na sua “contação de histórias” e atrai os alunos para uma leitura que seria ideal para realização desta proposta de trabalho.

Ao ler as referências feitas Artur da Távola no texto “Há mil e tantas crônicas”, publicado em O Globo, em 5 de novembro de 1978 e depois incluída em outra publicação(1985, p. 54), percebemos como o trabalho com as crônicas poderia fornecer condições para tratar os conteúdos temáticos, a relação ativa do autor com seu público, além das características específicas do gênero.

A crônica é (e será) a leitura do futuro: compacta, rápida, direta, aguda, penetrante, instantânea (dissolve-se com o uso diário). [...] A crônica é um hiato, uma interrupção da notícia, um suspiro da frase, um desabafo do parágrafo, um relax do estilo direto e seco da escrita do jornal, do qual se arroga ser o hiato literário, a literatura do jornal. O jornalismo da literatura. Literatura jornalística. Uma pausa de subjetividade, ao lado da objetividade da informação. Um instante de reflexão, diante da opinião peremptória da editoria. (TÁVOLA, 1985, p. 54)

Diante dessas reflexões, encontrei na crônica o gênero para pôr em prática propostas para compreensão leitora com os alunos do Ensino Médio. Esse gênero abrange o literário e o jornalístico que diverte, e informa.

Fui orientada pelo seguinte problema: De que forma a leitura de crônicas nas aulas de Língua Portuguesa pode propiciar a compreensão leitora de textos e formar o hábito de leitura nos estudantes?

Percebi que o trabalho com jovens no século XXI não é simples, pelo contrário, é imensamente desafiador; e algumas perguntas permaneciam em minha mente: Que aspectos da crônica posso levá-los a perceber para que se sintam atraídos por sua leitura? Como esse gênero pode emocionar e fazer refletir? Será que a leitura de crônicas pode, realmente, promover/despertar o gosto e prazer pela leitura?

Refleti diante da hipótese de que a leitura de crônicas pudesse favorecer a aprendizagem dos estudantes, por se tratar de um gênero que transita entre a literatura e o jornalismo, cuja narrativa contém elementos do cotidiano e do mundo contemporâneo. Assim, esse foi o gênero escolhido para este trabalho, pois acredito que sua leitura possa motivar os estudantes para que leiam mais e estejam atentos aos acontecimentos presentes na sociedade. Creio, ainda, que com a leitura desse gênero descubram outras leituras e percebam, também, os recursos linguísticos que podem ser utilizados para se dirigir ao leitor ou interlocutor, narrar um fato, mostrar seu ponto de vista, argumentando com o propósito de convencer esse leitor ou interlocutor a aceitar essa ideia. Enfim, esse gênero textual, que não é desconhecido dos alunos; poderá levá-los a terem um novo olhar sobre ele, no ensino médio, refletindo sobre a sua riqueza em relação à reflexão sobre fatos do cotidiano por meio dos recursos oferecidos pela língua, com a percepção das inúmeras possibilidades de comunicação e expressão de um ponto de vista.

Esse gênero, que hoje tem grande circulação, conquistou seu espaço, mudou ao longo dos anos, começou como “filha do jornal”; não nasceu com ele, mas tornou-se mais popular junto com o avanço de suas tiragens, alcançando revistas e livros. Permanece no cenário nacional e continua transformando o corriqueiro em imprescindível, tratando de sentimentos e atos humanos. De acordo com Candido (2003),

Antes de ser crônica propriamente dita foi "folhetim", ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia - políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da seção "Ao correr da pena", título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855. Aos poucos o "folhetim" foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. (CANDIDO, 2003, p.15)

O estudioso prossegue com a descrição sobre o prestígio da crônica e sua humanização, fato que muito me inspirou para uso do gênero como ponto de partida e prosseguimento deste trabalho, quando aponta que

O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor. Quando vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando nas leituras do meu tempo de secundário. Fico comparando e vendo a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante. (CANDIDO, 2003, p.16)

Essa ideia do autor me mostrou como sua simplicidade pode alcançar os alunos e sua importância no cenário atual com a visão diante de questões sociais importantes, fatos que afetam a sociedade ou poderiam acontecer conosco e se tornam crônicas pelas mãos dos autores.

Na difícil missão de escolher os textos a serem apresentados aos alunos, selecionei para esta dissertação cinco obras de Lima Barreto, por se tratar de um escritor que, de acordo com alunos, apresenta uma linguagem que parece conversar com eles e com a qual se identificam.

O escritor negro, morador do subúrbio carioca, fala sobre o Rio de Janeiro no início do século XX; escreve seus textos “em defesa de sua cidade, protesta contra os sofrimentos a que é submetida, o desrespeito de poderosos que a ultrajam com demolições e intervenções que pretendem até domar o oceano que a cerca”. (Resende, 2017)

A história desse importante escritor chamou muito atenção dos alunos que se identificaram com suas lutas e a forma como expressava ideias e opiniões sobre a realidade social e o descaso do poder público. Ele insistia em denunciar os órgãos governamentais e as autoridades, utilizando-se de seu espaço na imprensa para essa finalidade. Dessa forma, encontramos em suas crônicas elementos do século passado que se repetem atualmente, como a violência contra mulher, a corrupção, as enchentes, as desigualdades sociais, entre inúmeros assuntos abordados em seus textos.

Lima Barreto é um autor que nos leva para o passado sem sair do presente. Seu percurso pelo Rio mostra-se em suas obras e apresenta os subúrbios da Cidade, sempre esquecidos pelas autoridades. Suas leituras nos encantam, professora e alunos que descobrem, a cada texto das décadas de 1910 e 1920, que nossos problemas atravessam gerações. Como não amar suas obras? Pode-se afirmar que a variedade de suas crônicas tem valor histórico fundamental para os registros sobre informações acerca do Rio de

Janeiro. Diante de tanta diversidade não foi simples realizar uma seleção de textos para a organização das atividades que foram realizadas com os alunos.

A busca se deu por temas que os alunos comentam ao longo das aulas e com os quais, geralmente, se inquietam e minha experiência no trabalho com a comunidade, lugar de desigualdade e resistência, indica que há a necessidade de se fazer o uso real da língua, com utilização adequada do léxico em um discurso que leva à conscientização de se estar no mundo com seus direitos e obrigações. A partir dessas observações, as crônicas escolhidas foram: “As enchentes” (1915), “País rico” (1920), “Não as matem” (1915), “Mais uma vez” (1920) e “Maio” (1911) e os temas abordados: problemas enfrentados devido às enchentes anuais no Rio de Janeiro, desigualdade social, feminicídio, racismo e antirracismo.

Os assuntos acima referidos são debatidos constantemente em sala de aula, por se tratar de situações recorrentes em nosso cotidiano, no cotidiano dos alunos e da sociedade. Ademais, consideramos ser relevante essa abordagem temática que não vemos, normalmente, nos livros didáticos e são importantes para esses alunos do Ensino Médio que vivem em comunidades periféricas de nossa cidade.

Nossa intenção era trabalhar com alunos desse segmento o gênero textual citado, estimulando a leitura, a compreensão e a reflexão crítica, visto que observamos que mesmo nessa etapa da educação básica ainda demonstram dificuldades na leitura de textos nas aulas de Língua Portuguesa.

Trabalhamos nesta pesquisa, de abordagem qualitativa, com as características de pesquisa-ação e nossa base teórica parte dos pensamentos de Thiollent (2011) que afirma:

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada com estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2011, p. 20)

Planejamos a participação dos alunos na realização das atividades e das pesquisas sobre os assuntos abordados, contribuindo para trocas e ampliação de conhecimentos de ambas as partes: pesquisadora e envolvidos na pesquisa, alunos do Ciep 244 Oswaldo Aranha.

Após a observação dos resultados das avaliações bimestrais e dos resultados no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) dos estudantes da unidade escolar

participante da pesquisa, percebemos que apresentam conceitos baixos nas disciplinas e desempenho insuficientes nas avaliações de larga escala. Esses dados preocupantes nos fazem refletir sobre a urgência de os estudantes atuarem em práticas escolares que auxiliem a compreensão de textos apresentados nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura e em todas as outras disciplinas, para que compreendam a diversidade de tipos e gêneros textuais nas mais variadas situações de suas vidas, fora dos bancos escolares

Esse fato justifica a relevância deste estudo de caráter social, profissional e acadêmico, pois contribui para que as aulas de Língua Portuguesa sejam mais produtivas, preparando os estudantes para o enfrentamento dos desafios linguísticos e culturais presentes nos diferentes espaços sociais. Além disso, como relevância acadêmica observou-se que ainda não foi realizada no âmbito do Mestrado profissional do Colégio Pedro II uma pesquisa específica sobre a compreensão leitora, utilizando o gênero crônicas com Ensino Médio.

Pretendemos, com esta pesquisa, estimular a leitura, levar os alunos a conhecerem um autor negro que sofreu preconceitos e teve a maior parte de sua obra reconhecida somente após sua morte. Sendo assim, pretendemos respeitar as diferenças, os conhecimentos prévios trazidos pelos alunos, ouvir/ dar voz a pessoas que nem sempre são ouvidas, valorizar suas experiências e potencialidades, promover o gosto pela leitura, além de ampliar o repertório lexical, de modo que construam sentido ao que leem dentro e fora do ambiente escolar.

Assim, me propus a pesquisar sobre as contribuições que a leitura de crônicas poderia propiciar aos meus alunos do Ensino Médio para melhor compreensão dos textos não só nas aulas de Língua Portuguesa como também em aulas de outras disciplinas. Busquei autores que pudessem ser referências no arcabouço teórico com suas valiosas contribuições no campo da leitura, das estratégias de leitura e da compreensão, sobre o sentido do texto, as orientações para leitura, a pluralidade de leituras, a intertextualidade, a leitura e a produção de sentidos que foram fundamentais para nossa investigação como Solé (1998), Kleiman (2002), Marcuschi (2008), Smith (1989), Koch & Elias (2011).

Irané Antunes (2003) forneceu, do mesmo modo, importantes contribuições, enfatizando o ensino de Português nas salas de aula, a exploração da leitura e as formas de avaliação, que representam importantes fontes de reflexões sobre o ensino da língua. Ao tratarmos do gênero crônica utilizamos as valiosas contribuições de Luiz Antônio

Marcuschi (2008), pois o autor nos mostra contextos da atualidade e pontos centrais na análise sobre o assunto. Aponta a importância do estudo dos gêneros e do funcionamento da sociedade, diferenças entre tipo e gênero textuais, que são de suma importância para compreensão leitora.

Jorge de Sá (1989), o cronista José Castello (2007), Machado de Assis (1994), Artur da Távola (1995) trazem considerações de grande relevância sobre a crônica, importantes para nosso trabalho. Por fim, o grande mestre Antonio Candido (2003), cujas ideias são sempre importantes para as pesquisas voltadas para o trabalho com o texto literário.

Michelle Pettit (2008) apresenta valiosas reflexões surgidas de seu próprio trabalho de leitura com jovens leitores dos bairros de periferia da França e de relatos de professores, bibliotecários, animadores culturais e outros profissionais de várias partes do mundo cujo trabalho é diretamente ligado à leitura.

Suas ações voltadas para as regiões de periferias mostram que podemos incentivar as leituras, a liberdade de escolhas e as preferências, como faz na seguinte consideração sobre o gosto pela leitura:

Ninguém deveria ser obrigado a "gostar de ler" (além do que nada dissuade mais a se aproximar de um livro do que tais injunções). Que cada um seja livre, bem entendido, para preferir os trabalhos manuais, os esportes ou o pôquer à leitura e à escrita: estamos aí no campo dos "lazers", socialmente construído, onde as inclinações pessoais prevalecem. Todavia, cada um deveria poder ter a experiência de que a apropriação da cultura escrita é desejável, e de que ela é possível. (PETIT, 2009, p.215)

Essa experiência com as leituras acompanhou cada etapa desta pesquisa. Tivemos a intenção de que os alunos se apropriassem de textos que, mesmo sendo escritos há mais de cem anos, constituem importante acervo cultural e histórico do cenário carioca. Era necessário que as leituras fizessem sentido para os estudantes e importava que as compreendessem, visto que inúmeras vezes não compreendem, mas deixam de revelar a incompreensão passando anos de sua vida escolar sem interagir com os textos, em uma posição de dependência de outros pares ou professores que fornecerão as respostas “traduzindo” o que o texto quer dizer.

A ideia, entretanto, é que interajam, sendo capazes de reconhecer que podemos interagir com os textos como vemos na concepção de Koch & Elias (2011, p. 11) “o sentido do texto é construído na interação textos-sujeitos [...] A leitura é, pois, uma

atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos”. As autoras reforçam essa interação, destacando que os leitores devem utilizar-se das estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação.

As estratégias mencionadas proporcionam a construção de sentidos do texto e, conseqüente, a compreensão, nosso objetivo principal com os alunos do Ensino Médio que não tinham por hábito essa forma de leitura. Para auxiliar com arcabouço teórico para compreensão, que tanto inquieta durante as aulas, os escritos de Smith (1989) foram de suma importância, pois o autor aborda esse difícil tema de maneira esclarecedora, mostrando que

A compreensão não envolve, obrigatoriamente, a assimilação ou mesmo o exame de toda a informação do texto, mas em vez disso, envolve ser capaz de extrair algum sentido do texto, em termos de expectativas e intenções do leitor. Mesmo os leitores mais fluentes às vezes precisam ler um texto mais de uma vez a fim de compreendê-lo ou recordar um detalhe perdido. (SMITH, 1989, p.75)

Esses estudos foram fundamentais ao longo do processo da dissertação pois inúmeras vezes foram necessários para organizar e refletir sobre as práticas que seriam utilizadas com os estudantes de forma a alcançar resultados melhores no fomento à leitura e à compreensão.

Em relação aos propósitos da pesquisa e aos objetivos, definimos, então, o que pretendíamos alcançar com a realização de sequências didáticas para incentivo à leitura de crônicas e promoção do gosto e do prazer em ler com o grupo de jovens envolvidos no estudo. Relacionamos a seguir:

### **Objetivo Geral**

Investigar se a leitura de crônicas e as atividades desenvolvidas com esse gênero textual podem contribuir para a compreensão leitora em alunos do Ensino Médio regular.

### **Objetivos Específicos**

- identificar as principais dificuldades no processo de compreensão leitora;
- elaborar material didático, considerando a importância do processo de compreensão leitora de alunos do segundo ano do Ensino Médio regular;
- aplicar o material didático e avaliar os resultados após as intervenções pedagógicas realizadas durante a realização do trabalho.

Para alcançar tais objetivos, ao longo da pesquisa, desenvolvemos um produto educacional com propostas de leitura voltadas para o Ensino Médio, contendo atividades e temas de interesse do público envolvido na pesquisa, estimulando a compreensão, para que ampliem seus conhecimentos e realizem as atividades com mais autonomia em uma perspectiva emancipadora para o aluno cidadão. Propusemos a leitura de cinco textos e atividades didáticas com intervenção pedagógica cuja intenção era de investigação e proposição de possíveis soluções para a reduzir o cenário de desinteresse e estimular as leituras em uma turma de 2º ano do Ensino Médio regular. Essas atividades seguem orientações Solé (1998), Kleiman (2002) e Marcuschi(2008) que auxiliarem com as estratégias necessárias ao processo de leitura e compreensão textual, além de orientação para compreensão e não “cópia do texto” como descrito por Marcuschi (2008). Desse modo, elegemos o gênero crônica para a elaboração das atividades que tinham por objetivo o desenvolvimento da compreensão leitora de alunos do primeiro ano do Ensino Médio.

O material didático elaborado surgiu a partir da experiência com as turmas e, após a coleta de dados sobre leitura contida nos questionários e nas entrevistas, observação de seus interesses, com vistas a um planejamento de atividades que orientassem suas práticas na compreensão de textos. Além de elaborar propostas que levassem ao entendimento dos textos, à percepção dos seus sentidos, e à ampliação lexical, buscamos promover situações que levassem os estudantes a desenvolverem o gosto pela leitura.

Com base em nossas vivências e coadunando com o interesse acadêmico, pensamos em um material didático com foco no processo de compreensão leitora de alunos do Ensino Médio. Esse material procura cooperar para que os estudantes adquiram o domínio da habilidade de leitura, que representa um marco diferencial na sociedade e um importante fator para a redução do fracasso escolar.

Diante do contexto pandêmico vivido neste ano de 2020, foi necessário que fizéssemos uma adaptação na aplicação do produto e, para isso, utilizamos as redes sociais como apoio.

O fato de lidar com nascidos na era digital pensamos em não deixar a internet de fora e, face aos desafios do trabalho com jovens no século XXI, já desenvolvíamos com as turmas a proposta de metodologia ativa ( Moran, 2017), a sala de aula invertida, que trazemos para esta pesquisa. O autor assim se expressa:

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, desmotivamo-nos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada? (MORAN, 2017, p. 11)

Refletimos há tempos sobre essa novas forma de ensinar, caminhos e possibilidades de fazer mudanças significativas que colaborem nos processos de aprendizagem. Por essa razão, a inversão da lógica da sala de aula funciona como extensão do espaço escolar e estreitamento da relação pedagógica de alunos e professores.

Este modelo híbrido de ensino consiste em uma forma de se fazer a abordagem de um assunto que serão vistos durante a aula presencial, os alunos fazem em casa o que seria feito na aula. O conteúdo das aulas, textos, links, imagens etc. são postados antes das aulas e, ao chegarem à aula, os alunos trazem seus questionamentos e reflexões para discussão. Moran assegura que

A combinação da aprendizagem ativa e híbrida com tecnologias moveis é poderosa para desenhar formas interessantes de ensinar e aprender. A aprendizagem ativa dá ênfase ao papel protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhando, criando, com orientação do professor; a aprendizagem híbrida destaca a flexibilidade, a mistura e compartilhamento de espaços, tempos, atividades, materiais, técnicas e tecnologias que compõem esse processo ativo. (MORAN, 2017)

Nessa perspectiva de buscar o interessante, criamos a sala de aula como grupo fechado em uma rede social (Facebook) que auxilia nas propostas cotidianas, visto que a maior parte dos alunos acessa a plataforma e interage, deixando seus comentários, respostas às enquetes, compartilhamentos e demais ações típicas das redes sociais. O autor enfatiza

Num mundo em profunda transformação a educação precisa ser muito mais flexível, híbrida, digital, ativa, diversificada. Os processos de aprendizagem são múltiplos, contínuos, híbridos, formais e informais, organizados e abertos, intencionais e não intencionais. Hoje há inúmeros caminhos de aprendizagem pessoais e grupais que concorrem e interagem simultânea e profundamente com os formais e que questionam a rigidez dos planejamentos pedagógicos das instituições educacionais. (MORAN, 2017)

Diante de tantas transformações, especialmente as dificuldades enfrentadas ao longo da pandemia, realizávamos e postávamos vídeos explicativos e ainda salas de reuniões com pequenos grupos. É importante lembrar que essa ação, não exclui, de forma alguma, as atividades presenciais, mas, diante da situação de um ano atípico como o de 2020, foi ainda mais utilizada e auxiliou na execução desta dissertação. Destacamos que o acesso não é obrigatório, mas tem alcançado cada vez mais adeptos, observando que os

próprios alunos divulgam para seus pares, gerando curiosidade e interesse na participação das atividades.

Para organizar a pesquisa elaboramos seis capítulos assim distribuídos:

- introdução, na qual apresentamos a pesquisa e objetivos pretendidos e sua justificativa e relevância ;
- na sequência, no capítulo 2, a base teórica para auxiliar a composição do produto educacional, para dar suporte às nossas dúvidas e organizar os estudos de leitura e compreensão leitora, uso de estratégias, o gênero textual selecionado para esta pesquisa e um breve histórico sobre a crônica, o autor escolhido para esta pesquisa, Lima Barreto, sua condição social, época em que viveu e suas obras, justificando sua escolha de acordo com interesse dos participantes;
- descrevemos, no terceiro capítulo, a metodologia utilizada, de base qualitativa com características de pesquisa-ação;
- no quarto capítulo apresentamos as atividades didáticas desenvolvidas e aplicação do produto e sua metodologia, além de contextualizar o uso das metodologias ativas no contexto da educação e sala de aula invertida, aplicada nesta pesquisa;
- no quinto capítulo apresentamos a análise dos dados da pesquisa;
- registro as considerações finais, em que destacamos as contribuições para competência leitora com os alunos envolvidos na pesquisa;
- apresentamos, em seguida, os anexos que compõem esta pesquisa e as referências bibliográficas que foram o embasamento ao longo de todo o processo de estudo e escrita desta dissertação.

Os estudos foram realizados a partir das palavras-chave que fazem parte desta pesquisa: leitura; compreensão leitora; crônicas(gênero e breve percurso histórico); Ensino Médio( público da pesquisa), além de metodologias ativas ( sala da aula invertida) e uso do Facebook com finalidade didática.

## 2- REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta os estudos norteadores que nos levaram a refletir sobre práticas de leitura e trabalho com texto e auxiliaram esta pesquisa no sentido de mostrar alguns caminhos possíveis para as ações com as turmas neste grande desafio. Espera-se que no Ensino Médio os alunos sejam capazes de compreender os textos lidos e apreenderem o sentido dos textos lidos. Entretanto esta não é a realidade encontrada na turma da pesquisa que apresentamos. Vemos alunos que relatam e demonstram dificuldades nessa atividade.

O fato de trabalhar em uma comunidade com jovens carentes nos leva a considerar que os alunos vivem, geralmente, em situação de desigualdades sociais, baixo poder aquisitivo e enfrentamentos cotidianos para construção da cidadania. Esses jovens revelam o pouco acesso aos livros e leituras fora da escola ou um contato superficial e insuficiente para despertar o sabor de ler um texto e descobrir nele possibilidades de conhecimentos, informação, reflexão e prazer.

Nesse sentido, para este referencial, buscamos autores que sugerem alguns olhares e rumos para o trabalho com a leitura em sala de aula, pois não temos respostas para solucionar questões tão inquietantes com este público de jovens moradores de comunidades e periferia carioca. A maioria com pouca intimidade com os livros e sem desejo aparente de ler textos na escola, declarando a falta de sentido dos textos e a inutilidade da leitura de textos que se restringem ao ambiente escolar. Geralmente, em suas casas, há poucos ou nenhum livro, o que também prejudica a formação do leitor, o incentivo às práticas leitoras e a apropriação dos textos como fontes de informação e prazer.

Michèle Petit, antropóloga francesa, destaca que

Apropriar-se efetivamente de um texto pressupõe que a pessoa tenha tido contato com alguém – uma pessoa próxima para quem os livros são familiares, ou um professor, um bibliotecário, um fomentador de leitura, um amigo- que já fez com que contos, romances, ensaios, poemas, palavras agrupadas de maneira estética, inabitual, entrassem na sua experiência e que soube apresentar esses objetos sem esquecer disso. (PETIT, 2009, p.33)

Esses jovens, participantes da pesquisa, precisam de mais estímulos, motivação e tempo para leitura, pois seu gosto não ocorre de forma repentina e instantânea como muitos podem pensar. Requer trabalho e os desafios são constantes, pois em um tempo

com tanta tecnologia e rapidez nas informações via internet, valorizar a leitura e seu papel como possível agente de transformação da realidade e não apenas destinada a um grupo seletivo e privilegiado, faz com que nós, professores tenhamos um longo caminho de forma a viabilizar o fomento ao ato de ler e uso de estratégias que possam auxiliar os estudantes neste processo.

Ainda que após este estudo permaneçam com dúvidas e inquietações, esperamos que a leitura não mais os assustem, mas os auxiliem na construção de seus relatos, experiências e situações vividas no âmbito escolar e fora dela. Ao observarmos as palavras de Petit (2009) em relação aos sujeitos por ela pesquisados, percebemos desafios e enfrentamentos no processo educacional, mas possibilidades de assessorar os alunos para que se sintam capazes de compreender e analisar os textos, além de se posicionarem criticamente no mundo.

Eles não se tornaram necessariamente grandes leitores, mas os livros não os entediavam, não lhes botavam medo. Ajudaram a que colocassem mais palavras em suas histórias, a tornarem-se mais atores delas. Isso não seria suficiente para modificar radicalmente a linha de seus destinos sociais, mas contribuiria para que evitassem certas armadilhas. (PETIT, 2009,p.34)

Diante de tal afirmação, reconhecemos que nosso trabalho pode não mudar radicalmente a vida destes jovens, mas pode convidá-los ao mundo da leitura e de novas descobertas através dela. Levar essa oportunidade para os jovens da periferia é, sem dúvidas, árduo e intenso pois ainda não se veem como autônomos para lerem textos que lhes são oferecidos nas aulas ou para leitura fora da escola. De acordo com Petit (2009, p.117 “Ler é também tornar-se autônomo”, entretanto, essa autonomia incentivada por nós, ao longo da pesquisa, ainda não é reconhecida pelos estudantes, que, na maioria das vezes espera nossas contribuições para entendimento dos textos.

A pesquisa buscou contribuir “para que cada um seja um indivíduo político que encontra na leitura um instrumento de reflexão que lhe permite ser mais ativo em seu destino e no destino de seu bairro, de seu local de trabalho, da comunidade onde vivem sua família e seus amigos”.(Petit, 2009, p.117), para que se sintam cidadãos deste país e que possuam direitos e deveres a serem exercidos ao longo de suas vidas.

Partimos, a seguir, para os estudos sobre leitura, ressaltando que não se trata de querer criar o hábito de leitura, mas fomentar o prazer em ler, descobrir e se apropriar da leitura como atividade social e, nessa perspectiva, seguimos com os estudos que nos deram aporte para elaboração e execução do produto educacional que auxilie os

estudantes na reflexão das leituras das crônicas, observando a necessidade de uma sociedade mais justa, democrática, solidária, menos egoísta e individualista em que valores e interesses pessoais se sobressaíam ao da população, especialmente as mais carentes como no caso dos pesquisados, esse grupo tão plural que precisa ter suas vozes ouvidas.

## 2.1 Leitura

*“Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive.”*

*(Lajolo, 2011)*

Considerando a importância da leitura no processo de aprendizagem, nesta pesquisa, fizemos uma breve exploração do assunto, reconhecendo que muito já foi dito/escrito sobre o tema ora apresentado nesta seção. Entretanto, são inesgotáveis todos os esforços na abordagem sobre a leitura que podem compor esse vasto campo de estudo, instigando-nos e alimentando nossa busca em alcançar nossos objetivos na prática docente.

Por que os alunos deixam de ler? Essa dúvida povoa nossos pensamentos e ações docentes cotidianamente. Entretanto, não temos solução ou respostas perfeitas, mas acreditamos na relevância da leitura no processo de formação de acervo cultural e de comunicação e, por isso, incentivamos nossos estudantes nessa busca incessante para aquisição de novos conhecimentos por conta própria. Esperamos que se expressem com clareza como cidadãos e temos a expectativa de que esses conhecimentos adquiridos possam ser compartilhados, pois muitos desses alunos são os únicos estudantes em suas casas a chegarem ao Ensino Médio, de acordo com relatos informais em rodas de conversas durante as aulas.

Por tratarmos de leitura, apresentamos as três concepções dessa atividade, de acordo com Koch e Elias (2011, p.9,10,11 e 12): a primeira concepção destaca o foco no autor, é entendida como “ como atividade de captação de ideias do autor sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor a interação autor- texto- leitor”; a segunda orienta foco no texto, destacando a característica principal de ser a leitura é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que tudo está “dito no dito”. A terceira concepção enfatiza o foco da leitura na interação autor-texto-leitor, a qual julgamos ser a mais adequada nas atividades de leitura com os alunos. Nessa concepção, as autoras esclarecem que

o **sentido** de um texto é **construído na interação** texto-sujeitos e não algo que preexistia a essa interação. A **leitura** é, pois, uma atividade que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH e ELIAS, 2011, p. 12, grifos das autoras.)

As abordagens sobre conceito de leitura são vastas e amplamente discutidas, mas destacamos a necessidade de que os alunos compreendam a leitura para além de aquisição do código ou palavras isoladas e fora de contexto e se relacionem com o texto produzindo sentido ao que é lido e de acordo com os objetivos de sua leitura.

Pretendemos que os alunos do Ensino Médio leiam e que, por meio da leitura, descubram seu poder como destacado por Smith (1989):

O poder que a leitura proporciona é enorme[...]por permitir ingresso em mundos que, de outro modo, não seriam experimentados, que de outro modo, não existiriam. A leitura permite-nos manipular o próprio tempo, envolvermos em ideias ou acontecimentos em uma proporção e em uma sequência de nossa própria escolha. Não possuímos esse poder quando escutamos alguém falar, ou quando vemos um filme. (SMITH, 1989, p. 15)

Percebemos que os alunos envolvidos nesta pesquisa ainda não tenham se apropriado dessa habilidade de forma satisfatória ou até mesmo desconheçam esse poder, limitando-se, muitas vezes, à decodificação das letras e dos sinais gráficos, sendo, desse modo, cerceado o conhecimento de mundo que lhes pode ser proporcionado.

Embora estejam no Ensino Médio e exista a suposição de que possuam uma leitura autônoma e fluente, com capacidade de alcançarem o sentido global do texto, nem sempre isso ocorre. Por essa razão, incentivamos a saída desse estágio inicial de leitura dependente da professora para a busca de sentidos para o texto, de acordo com seus

conhecimentos e estimular, através de rodas de conversas, debates e exploração da expressão oral durante as aulas. Smith ainda menciona que

A leitura e o aprendizado da leitura são atividades essencialmente significativas; [...] as atividades não são passivas ou mecânicas, mas dirigidas ao objetivo e racionais dependendo do conhecimento anterior que expectativas do leitor (ou aprendiz). A leitura é uma questão de dar sentido a partir da linguagem escrita em vez de decodificar palavra impressa em sons. (SMITH, 1989, p. 16)

Ainda presenciamos esses jovens e adolescentes com uma leitura oral sem fluência adequada e, ao final dela, os textos, muitas vezes, já não fazem o menor sentido, sem oferecer compreensão para esses leitores. Por essa razão, entre outras, tornam-se desinteressados nas aulas e, frequentemente, se sentem excluídos por desconhecerem os assuntos abordados, afastando-se, cada vez mais, dos bancos escolares. Destacamos uma observação de Kleiman (2002) a esse respeito:

O aluno que lê vagorosamente, sílaba por sílaba, terá dificuldades para lembrar o que estava no início da linha quando ele chegar ao fim. Ele deve, portanto, ser capaz de reconhecer instantaneamente as palavras: se a palavra fora unidade reconhecida, ele poderá ler mais rapidamente, conseguindo assim lembrar unidades passíveis de interpretação semântica (isto é, unidades às quais podemos atribuir um significado). (KLEIMAN, 2002, p.36)

O domínio da habilidade de leitura pode permitir aos alunos maior discernimento diante dos textos que circulam socialmente e fazem parte do cotidiano, tais como charges, quadrinhos, manuais, bulas, contratos, entre outros. Contribuir para que isso seja possível é fundamental para que se sintam participantes nas várias situações sociais que se apresentam no cotidiano. A leitura é também importante para que possam ter a competência discursiva necessária para interação, associações e expansão de suas ideias.

A leitura, presente em todas as aulas e atividades, está longe de ser uma tarefa apenas escolar, mas é uma prática de inclusão social e enorme desafio a ser vencido nas aulas de Língua Portuguesa. Leitura e compreensão se coadunam, precisam ser indissociáveis e, portanto, investir na leitura, dedicar-se a ela, traçar um percurso, fazer com que os alunos e alunas leiam é, certamente, instigante para nós, professoras e professores.

Nesse sentido, é necessário que os alunos depreendam os sentidos do texto lido e não somente identifiquem a língua como código e, por isso, julgamos necessária a participação do leitor durante o processo de leitura. Segundo Koch & Elias (2011, p.7), “o texto é o lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos; e por meio de ações linguísticas e sociocognitivas, constroem objetos de discurso e propostas de sentido...” As autoras nos mostram a importância da leitura e nos convidam a mergulhar nos textos, levando em conta as experiências do leitor e seus conhecimentos prévios. E prosseguem, afirmando que:

A leitura de um texto exige muito mais que o simples conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores: o leitor, é necessariamente, levado a mobilizar uma série de estratégias tanto de ordem linguística como de ordem cognitivo-discursiva com o fim de levantar hipóteses, validar ou não as hipóteses formuladas, preencher as lacunas que o texto apresenta, enfim, participar, de forma ativa, da construção do sentido. (KOCH & ELIAS 2011, p.7)

Observamos, ao longo do tempo, a grande dificuldade da interação dos alunos com os textos, sua interpretação e reflexões. Precisamos, assim, incentivá-los a ler por “trás dos olhos”, que segundo Smith (1989, p.17) é fator crítico, para que tenham prazer em ler, finalizem essa leitura não a vendo como punitiva ou avaliativa (prática ainda muito comum nas escolas) e sintam vontade de ler mais. O autor acrescenta: “A leitura é vista como uma atividade construtiva e criativa tendo quatro características distintivas e fundamentais: é objetiva, seletiva, antecipatória e baseada na compreensão, temas sobre os quais o leitor deve claramente exercer o controle.” Prossegue, esclarecendo que o caráter objetivo fornece a razão pela qual as pessoas leem; é seletiva, pois prestamos atenção ao que nos interessa; é antecipatória porque os objetivos definem as expectativas e está baseada na compreensão por ela ser a base e não a consequência da leitura. Sendo assim, é importante proporcionarmos experiências através da leitura de crônicas para que se tornem leitores experientes e capazes de captarem informações relevantes no que leem.

Neste tempo em que estamos imersos em tecnologia acelerada, precisamos saber lidar com o novo momento, buscando ser capazes de coadunar informação e conhecimentos. Nesse sentido, o texto para leitura apresentado na escola precisa despertar o interesse dos alunos para que prossigam e cheguem até o final. Lembramos também que os textos literários não devem ser utilizados exclusivamente com fins de análise sintática, procedimento muito comum nas aulas de Português. O texto literário deve ser lido para produzir gosto, alegria e encantamento, para produzir também a descoberta do

prazer de ler, de conhecer, de ter novas informações relevantes e de motivar reflexões. Explorar o texto não é esvaziá-lo, identificando todas as classes gramaticais, mas é refletir sobre o sentido expresso pelas palavras e seu emprego naquele momento, finalidade e até mesmo as lacunas que deixam para a construção de inferências e significação. Buscamos fazer com que as leituras a serem realizadas sejam de textos expressivos, que levem os alunos a compreenderem para que fim se destinam, que os provoquem e despertem a curiosidade sobre o que leem e despertem também o desejo de novas leituras.

Entendemos, assim, que precisamos esclarecer aos alunos a importância de terem objetivos para a leitura. O gosto por essa atividade deve ser ampliado gradativamente à medida que sejam incentivados. Koch & Elias (2011, p.19 ) afirmam: “São, pois, os objetivos do leitor que nortearão o modo de leitura, em mais tempo ou menos tempo; com mais atenção ou com menos atenção, com maior interação ou com menor interação.” E, dessa forma, as autoras destacam “**um** sentido para o texto e não **do** texto.” (grifos das autoras )

Esta ideia discutida no parágrafo anterior vem ao encontro de nossos pensamentos, pois acreditamos que o lugar onde moram, suas vivências anteriores escolares e fora delas são importantes durante esse processo de interação com os textos. Podemos citar nesse processo, de acordo com as autoras citadas anteriormente, a importância das estratégias, tais como seleção, antecipação, inferência e verificação para que o leitor exerça seu papel como construtor de sentido. (Koch&Elias, 2011).

Nessa linha de pensamento, destacamos a importância das relações do leitor com o texto, seus objetivos e conhecimentos para a compreensão, que abordaremos a seguir. Ressaltamos que o trabalho com a leitura em sala de aula com alunos do Ensino Médio é desafiador e devemos levar em consideração o cansaço demonstrado pelos alunos, as reclamações e os questionamentos sobre a razão de determinada atividade. Não propomos soluções ou definições, mas reconhecemos que não podemos reduzir a leitura somente às atividades de perguntas e respostas, mas devemos estimular o conhecimento, a reflexão crítica e a busca de autonomia em relação à observação do mundo que nos cerca.

Nesse contexto, a busca por essa autonomia pode ser incentivada apresentando aos alunos como podemos aprender com a leitura e aumentar nossa capacidade de percepção à medida que lemos, como nos descreve Smith(1989) :

Quanto mais lemos, mais somos capazes de ler. O aprendizado da leitura começa com uma palavra e um texto de cada vez e jamais cessa. Cada vez que um leitor encontra uma nova palavra, algo novo tende a ser aprendido sobre a identificação e o significado das palavras. A cada vez que um novo texto é lido, algo novo tende a ser aprendido sobre ler diferentes tipos de texto. O aprendizado da leitura não é um processo de se acumular repertório de habilidades específicas, que torna todos os tipos de leitura possíveis. Em vez disso, a experiência aumenta a habilidade para ler estas espécies diferentes de textos. (SMITH,1989, p.210)

Seguimos esse pensamento, pois muitos alunos dizem que “não precisam ler”, ler “não serve para nada” ou, ainda, “dá maior preguiça ter que ler”. Por essa razão, trouxemos para esta pesquisa textos que partem de temas relevantes no cotidiano da comunidade envolvida, a fim de motivar a leitura e a posterior reflexão, o uso de estratégias a fim de auxiliar a leitura e a definição de objetivos, como a seguir.

Solé (1998, p.89) destaca seis pontos para ajudar a compreensão dos alunos antes da leitura: ideias gerais, motivação, objetivos, revisão e atualização do conhecimento prévio, estabelecimento de previsões sobre o texto e a formulação de perguntas sobre ele. A autora propõe ideias sobre a concepção de leitura e reflexões que contribuam para o seu ensino, ressaltando que “a leitura deve ser avaliada como instrumento de aprendizagem, informação e deleite”. Ressalta, ainda, que a atividade precisa ser significativa e possua uma finalidade que possa ser compreendida e compartilhada.

Nessa ótica, ressaltamos o trabalho docente deva se pautar em objetivos claros na prática de leitura em sala de aula, proporcionando o envolvimento dos alunos nas propostas apresentadas. É importante motivá-los e que saibam o que é esperado na realização da atividade. Solé (1998, p.91) apresenta etapas que considera como fatores importantes antes da leitura:

### **Motivação**

- despertar o interesse;
- planejar a tarefa;
- selecionar os materiais a serem trabalhados;
- tomar decisões sobre possíveis intervenções;
- criar situações que abordem contexto real;
- incentivar o gosto pela leitura ;
- e deixar o leitor avançar no seu próprio ritmo.

Além da motivação, cabe salientar que, ao falarmos de leitura, os objetivos são inúmeros, variados, não sendo possível criar uma lista apenas, pois variam de acordo com a situação e o momento. De acordo com a autora, muitos são os objetivos, mas não são apresentados de forma hierárquica: todos devem ser considerados nas situações de ensino. A mesma autora apresenta os seguintes objetivos para as atividades de leitura:

### **Objetivos ou intenções de leitura**

- Ler para obter uma informação precisa: localização de algum dado ou informação;
- ler para obter uma informação e caráter geral, quando queremos “saber do que se trata”;
- ler para seguir instruções: regras, receitas, orientações etc.
- ler para aprender: ampliação de conhecimentos a partir de um texto determinado;
- ler para revisar um escrito próprio: leitura crítica e útil para redação ;
- ler por prazer: experiência emocional causada pela leitura, pois o prazer é algo pessoal;
- ler para comunicar um texto a um auditório: própria de alguns grupos restritos (discurso, sermão, conferência etc.);

Os dois objetivos seguintes são tipicamente escolares:

- Ler para praticar a leitura em voz alta;
- ler para compreender o que leu  
(SOLÉ, 1998,p.100)

A autora esclarece pontos importantes em relação a esse objetivo, em que considera a importância e os objetivos da compreensão e da construção de significado do texto em oposição à sequência de leitura/ perguntas/respostas. Prossegue, complementando que a leitura deve ser vista de forma ampla, objetivando formar bons leitores não só para o contexto escolar, mas também para a vida.

Consideramos que a leitura envolve a compreensão, sendo necessária para aprendizagem e formação pessoal. Convém abordar as considerações de Solé (1998), que afirma:

Quando um leitor compreende o que lê, está aprendendo; à medida que sua leitura o informa, permite que se aproxime do mundo de significados de um autor e lhe oferece novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos...,etc. a leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, múltiplas culturas e , neste sentido, sempre é uma contribuição essencial para a cultura do próprio leitor. (SOLÉ, 1998, p.46)

Tendo em vista os pontos destacados pela autora podemos perceber a importância e a necessidade de os alunos participarem ativamente da leitura do texto em sua globalidade, não se prendendo a palavras isoladas e até mesmo desconhecidas, mas se sintam motivados, tenham claros seus objetivos e usem estratégias de compreensão envolvidas o processo de leitura, como destacaremos adiante.

No que se refere ao trabalho durante a leitura, apresentamos a importância da leitura compartilhada, prática muitas vezes abandonada ao longo do Ensino Médio, mas, devido à experiência com as classes de alfabetização, consideramos fundamental no processo de aquisição da leitura. A leitura compartilhada é ocasião para os alunos compreenderem as estratégias de leitura e as utilizarem. Solé (1998, p.117) destaca as seguintes estratégias que podem ser utilizadas no ato de leitura:

- Formular previsões sobre o texto a ser lido.
- Formular perguntas sobre o que foi lido.
- Esclarecer possíveis dúvidas sobre o texto.
- Resumir as ideias do texto.

Consideramos, durante esse processo, os conhecimentos e as expectativas dos alunos sobre o texto, o gênero textual e o tema proposto, o registro de conclusões individuais e coletivas para que continuem obtendo informações relevantes que possam ser suscitadas pelo texto, mesmo após a leitura, quando podem relacionar novos conhecimentos, destacar a ideia principal. Os estudantes devem, ainda, ser capazes de resumir o que foi lido, além de buscar informações em outras fontes, demonstrando compreensão do que leram, que é nosso objetivo principal e, portanto, veremos a seguir.

## **2.2 Compreensão leitora**

A compreensão leitora faz parte da proposta desta pesquisa, visando a que os estudantes sejam estimulados a novas leituras e à descoberta de sentidos amplos. Nossa

finalidade foi fazer com que adquirissem o hábito de inferir informações e ampliar seus conhecimentos de forma crítica e contextualizada.

Segundo Kleiman (2013, p.26) :

Compreensão leitora é a faculdade – no sentido de capacidade cognitiva complexa – de entender os significados dos textos escritos. É também o processo por meio do qual são postas em funcionamento as estratégias cognitivas e habilidades necessárias para compreender, que permitem que o leitor extraia e construa significados do texto, simultaneamente, para fazer sentido da língua escrita. Na compreensão leitora, estão envolvidos: um texto – objeto linguístico e cultural portador de um significado –; um leitor – com saberes, experiências, capacidades e habilidades; e uma situação comunicativa de interação entre leitor e autor via texto escrito, que determina em grande parte o que e como se compreende. Esses três elementos influenciarão o que o leitor lembrará a partir do texto, o que perceberá ou deixará de perceber, que tipos de inferências fará, como usará seus conhecimentos prévios, que hipóteses levantará, o que analisará criticamente; enfim, como ele responderá ao texto escrito, quais os sentidos que construirá nessa resposta. Além do texto e leitor interagindo numa situação, um quarto elemento importante na compreensão é a atividade de leitura, desenvolvida num local e tempo específicos, com objetivos e propósitos determinados.

Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale>

Pre vemos que, no Ensino Médio, os estudantes sejam capazes de ler para aprender novas informações e conceitos nas mais diversas disciplinas. Constatamos, entretanto, que nem sempre isso acontece e nos deparamos com um público cada vez mais distante das leituras durante as aulas. Acerca do assunto, Solé (1998) ressalta que

a partir do Ensino Médio, a leitura parece seguir dois caminhos dentro da escola: um deles pretende que crianças e jovens melhorem sua habilidade e, progressivamente, se familiarizem com a literatura e adquiram o hábito da leitura; noutro, os alunos devem utilizá-la para ter novos acessos a novos conteúdos nas mais diversas áreas que formam o currículo escolar. (SOLÉ,1998, p.37)

Contudo, o que percebemos é um grupo de alunos que não se encaixa em nenhum dos grupos e, como sugere a mesma autora, muitas vezes “é preciso realizar uma pequena volta” (Solé, 1998, p.37). Por reconhecer a leitura como uma prática imprescindível, com papel fundamental na sociedade letrada, nesta pesquisa, estamos voltados para reflexões sobre leitura, estratégias e objetivos, para que os alunos descritos anteriormente leiam e compreendam um texto. Em nossa prática de alfabetização, realizava atividades que estimulavam os pequenos para o prazer na leitura, promovendo um ambiente agradável e acolhedor que facilitava o envolvimento sem torná-la enfadonha ou meramente uma atividade com a finalidade de obtenção de respostas a perguntas de caráter genérico, encontradas em grande parte de exercícios de interpretação de livros didáticos. Nessa perspectiva, e, por acreditar no trabalho com textos em sala de aula, buscamos ação

semelhante no Ensino Médio. Acrescentamos que os alunos se sentem mais atraídos por uma prática leitora que se dê horizontalmente, na qual leem, fazem previsões, antecipações, formulação de hipóteses e confirmação, sendo a última etapa uma possibilidade. Essa atividade de leitura, com as etapas citadas, prevê que os estudantes voltem ao texto para que extraíam sentidos desse texto, a fim de que se posicionem diante do que foi lido, reconhecendo a importância das intervenções pedagógicas ao longo do processo.

Auxiliar os alunos a reconhecerem elementos implícitos e explícitos nos textos lidos faz parte desta pesquisa. Pretendemos formar alunos e alunas leitores e, nesse sentido, incentivar estratégias adequadas para compreensão de forma autônoma, de acordo com os objetivos de leitura e de construção de sentidos, a partir de seus conhecimentos prévios. Isso não significa, entretanto, receitas ou fórmulas rígidas capazes de levar os leitores a um modelo único de leitura e solucionador para os desafios encontrados nesse segmento de ensino, mas proporcionar alternativas para a compreensão da leitura como um todo para que ampliem seus saberes e acrescentem novos conhecimentos aos já construídos anteriormente. Smith (1989) declara:

O entendimento, ou a *compreensão*, é a base da leitura e do aprendizado desta. A que serve qualquer atividade, se a esta faltar a compreensão? A compreensão pode ser considerada como o fator que relaciona os aspectos relevantes do mundo à nossa volta – linguagem escrita, no caso da leitura – às intenções, conhecimentos e expectativas que já possuímos em nossas mentes. E o aprendizado pode ser considerado como a modificação do que sabemos, como consequência de nossas interações com o mundo que nos rodeia. Aprendemos a ler através da leitura, acrescentando coisas àquilo que sabemos. Assim, a compreensão e o aprendizado são fundamentalmente a mesma coisa, relacionando o novo ao material já conhecido. (SMITH, 1989, p.21, grifo do autor)

Nessa linha de análise, trabalhamos com a ideia da quantidade de aprendizado que podemos obter através das leituras. Esse esclarecimento se faz necessário, pois como já mencionamos anteriormente, muitos estudantes não veem sentido na leitura ou desconhecem sua importância para a construção do conhecimento. Ratificamos a ideia de procedimentos adotados antes, durante e depois da leitura, sobre os quais trataremos, associando a teoria à prática, demonstrada no capítulo que trata do produto educacional.

Para atingir o objetivo pretendido, incentivamos a compreensão leitora com textos do gênero crônica, visando a que, devido à linguagem em tom de

conversa, desperte mais interesse dos alunos pela leitura e sintam-se capazes de ler, como podemos comprovar com as ideias de Solé:

Para que uma pessoa possa se envolver em uma atividade de leitura, é necessário que sinta que é capaz de ler, de compreender o texto que tem em mãos, tanto de forma autônoma como contando com a ajuda de outros mais experientes que atuam como suporte e recurso.(SOLÉ, 1998, p.42)

Observando as palavras da autora, podemos, nesse caso, atuar como suporte para dúvidas e auxílio nas questões que se apresentam até que alcancem relativa maturidade na leitura e se sintam confortáveis com essa prática. O levantamento de teóricos que se dedicam a estudos sobre o tema da compreensão aponta que há um arcabouço consolidado, entretanto, ainda percebamos um hiato entre teoria e prática, nos levando a refletir sobre um material com uma pequena coletânea de textos que gerem interesse e motivem os alunos com assuntos que podem estar presentes na vida real. Dessa forma, auxiliamos na formação de indivíduos dotados de competência leitora, habilidade exigida cada vez mais na sociedade contemporânea. Saber ler é uma necessidade presente em todas as disciplinas escolares, é motivo de conversas e dúvidas entre os docentes que demonstram uma preocupação constante quando o assunto é conhecimento, aprendizagem dos conteúdos apresentados nas aulas e desempenho escolar.

Enfatizamos a força da compreensão leitora na escola e fora dela, além de sua relevância nas aulas, não apenas nas aulas de Língua Portuguesa. Por inúmeras vezes, ouvimos professores e professoras relatarem que os estudantes não compreendem os conteúdos de suas disciplinas pela dificuldade na leitura dos textos. Essas observações são reveladas por docentes das mais diversas áreas, tais como Física e Matemática, referindo-se à dificuldade dos alunos na resolução dos problemas das referidas disciplinas.

Dentro dessa ótica, como já mencionado, ressaltamos a importância da leitura e o que vem antes dela, em todas as disciplinas, como fatores de motivação, conhecimento novo, descoberta, pois, assim, atribui-se sentido ao que se está lendo, tornando a atividade mais prazerosa e significativa, ampliando a competência discursiva dos usuários.

Em conformidade com Solé (1998), destacamos os dizeres em que comenta:

Em primeiro lugar, podemos afirmar que, quando um leitor compreende o que lê, está aprendendo à medida que sua leitura o informa, permite que se aproxime do mundo de significados de um autor e lhe oferece novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos..., etc. A leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, de múltiplas culturas e, neste sentido, sempre

é uma contribuição essencial para a cultura própria do leitor. (SOLÉ, 1998, p.46)

Partilhamos as palavras da autora, pois fortalecem nossa proposta, no que concerne à prática de incentivar os estudantes a compreenderem a leitura e à possibilidade de ampliar seus conhecimentos nas mais diversas áreas, tornando-se mais independentes e confiantes na aprendizagem. O propósito principal de nosso trabalho em sala de aula é dar condições aos alunos de se desenvolverem em situações de comunicação e, principalmente, terem voz em nossa sociedade.

Acreditamos também ser de suma importância enriquecer os estudantes com um conjunto de textos que levem em conta a aprendizagem, o desafio e a formação pessoal, pois devemos considerar que, ao compreenderem o que leem, aprendem a aprender de maneira autônoma e eficaz nos ambientes escolares e nas situações sociais em variados contextos. Sobre este assunto, Azeredo comenta que

a leitura e a expressão são habilidades que embasam e permeiam a construção do conhecimento em todas as áreas do saber. Historiadores, geógrafos, matemáticos, biólogos, astrônomos, arquitetos, filósofos, cronistas esportivos, teólogos, antropólogos, juristas, políticos, economistas etc. só se destacaram nas respectivas áreas e desfrutaram de prestígio na sociedade em geral porque foram/são bons leitores e estavam/estão aptos a expressar o que pensavam/pensam e sabiam/sabem com desenvoltura, clareza e propriedade verbal. (AZEREDO, 2007, p.105)

Essa reflexão nos leva a pensar sobre o valor do conhecimento em todas as áreas, fomentando nosso interesse por um assunto tão delicado que ultrapassa as aulas de Língua Portuguesa e o ambiente escolar. A partir da reflexão apresentada, evidencia-se a importância da compreensão leitora, visto que cada profissional precisa saber desenvolver suas habilidades para realizar ações bem-sucedidas. Paralelamente, exploramos a leitura nas aulas por perceber que alunos matriculados no Ensino Médio Regular demonstram dificuldades na leitura individual, fluência na leitura oral e consequente dificuldade na execução das propostas apresentadas pelos docentes durante as aulas.

Tratamos, nesta pesquisa, de oferecer condições para que os estudantes lancem mão de estratégias e tenham a leitura como prática social, pois reconhecemos que essa ação não se faz de maneira isolada ou estanque. O ato de ler está inserido em um contexto de aprendizagem com características próprias e organizadas para esse fim.

Dialogamos com a seguinte ideia: “Já é de nosso conhecimento que a compreensão de um texto varia segundo as circunstâncias de leitura e depende de vários fatores complexos e inter-relacionados entre si”. (Alliende & Condemarín, 2002, *apud*

Koch & Elias 2011, p. 24). Concordamos com a visão ora apresentada pelos autores e destacamos que as relações entre leitor, autor, texto e gênero também são necessárias no processo da compreensão.

Os dizeres de Koch e Elias (2011) confirmam as reflexões anteriores quando nos afirmam que:

Embora defendamos a correlação de fatores implicados na compreensão de leitura, queremos chamar a atenção para as vezes em que fatores relativos ao autor/leitor, ou ao texto, por outro lado, podem interferir nesse processo, de modo a dificultá-lo ou facilitá-lo. Esses fatores referem-se ao conhecimento dos elementos linguísticos (uso de determinadas expressões, léxico antigo etc.), esquemas cognitivos, bagagem cultural, circunstâncias em que o texto foi produzido. (KOCH & ELIAS, 2011, p.24)

Para que se compreenda o texto lido não basta apenas a decodificação do código da escrita, como já afirmamos anteriormente, mas outros fatores constituem esse processo. É necessário o domínio de um conjunto de conhecimentos, como o repertório e o conhecimento de gêneros textuais empregados em diferentes situações, elementos essenciais para a compreensão leitora. A leitura de uma bula exige conhecimentos prévios diferentes daqueles exigidos para a leitura de uma lista de instruções ou de uma receita culinária, por exemplo.

Em nosso dia a dia, deparamo-nos com inúmeros textos veiculados em meios diversos (jornais, revistas, rádio, TV, internet, cinema, teatro) cuja produção é “orientada” para um determinado tipo de leitor (um público específico), o que, aliás, vem evidenciar o princípio interacional constitutivo do texto, do uso da língua. (KOCH & ELIAS, 2011, p.28)

Desse modo, concluímos que nosso cotidiano é repleto de circunstâncias de comunicações que precisam ser compreendidas. Cabe aqui enfatizar que os estudantes são submetidos a eventos de comunicação dentro e fora da escola e essa situação reflete a mesma dificuldade encontrada nas salas de aula. No presente estudo, mostramos, a partir de observações em turmas, que os estudantes evidenciam dificuldades em tratar temas do cotidiano, revelando pouca ou nenhuma informação sobre questões recorrentes ao bairro onde moram, à cidade, ao país e ao mundo.

Dessa forma, e sob tal complexidade, este estudo se constitui em uma tentativa de compreendermos a razão de tanta dificuldade, mas sem garantia de obtenção de resposta exclusiva. Dialogando novamente com Koch & Elias (2011), percebemos que as autoras nos apontam fatores que podem comprometer a compreensão dos estudantes:

Dentre os **aspectos materiais** que podem comprometer a compreensão, os autores citam: o tamanho e a clareza das letras, a cor e a textura do papel, o

comprimento das linhas, a fonte empregada, a variedade tipográfica, a constituição de parágrafos muito longo; e, em se tratando de escrita digital, a qualidade da tela e uso apenas de maiúsculas ou minúsculas ou excesso de abreviações.

Além dos fatores materiais, há também **fatores linguísticos** que podem dificultar a compreensão, tais como léxico, estruturas sintáticas complexas caracterizadas pela abundância de elementos subordinados; orações supersimplificadas, marcadas pela ausência de nexos para indicar relações de causa/efeito, espaciais, temporais; ausência de sinais de pontuação ou inadequação no uso desses sinais. (KOCH & ELIAS, 2011, p.28, grifos das autoras)

A partir da apresentação dos fatores que podem comprometer a compreensão de um texto, evidencia-se a importância da escola. Constatamos, desse modo, a urgência em discutir o papel do aluno leitor, considerar os propósitos do texto e considerar também que a interação texto-leitor pode ou não acontecer. Sendo assim, percebemos a necessidade de o aluno entender os elementos comunicativos, considerar a mensagem, o contexto de circulação e o conhecimento não apenas da linguagem, mas também de mundo para que façam sentido as propostas apresentadas e, ainda, que os estudantes tenham efetivamente acesso à leitura de variados textos e às suas informações. Além disso, desejamos que tenham uma experiência agradável com a leitura, fato que, de acordo com nossa experiência, ocorre nos anos iniciais e recebem menos destaque pelos alunos do Ensino Médio. Smith (1989) declara que:

A leitura, como tudo mais, envolve inevitavelmente, as emoções. No lado positivo, a leitura, pode proporcionar interesse excitação, pode estimular a aliviar a curiosidade, proporcionar consolo, encorajar, fazer surgir paixões, aliviar a solidão, o tédio e a ansiedade, servir de paliativo à tristeza e, ocasionalmente, como anestesia. Pelo lado negativo, a leitura pode ser um aborrecimento, confusa, gerando ressentimento. [...]a leitura pode tornar-se uma atividade desejada ou indesejada. (SMITH,1989,p.212)

Para os alunos envolvidos nesta pesquisa, nos posicionamos para que o lado positivo sobressaísse mais que o negativo e as emoções fossem descobertas à medida que lessem os textos propostos nas atividades do material didático que elaboramos. Objetivando contribuir para a compreensão dos alunos, abordamos, anteriormente a importância das estratégias de leitura nesse processo para que seja prazeroso e traga boas experiências ao leitor. Sabemos, entretanto, que não é um trabalho simples, demanda muito esforço e dedicação a fim de proporcionar mais que exercícios, mas atividades possíveis com informações sociais e cotidianas. Certamente, é um enorme desafio e nos inquieta como pesquisadora diante da percepção de que os inúmeros problemas sociais enfrentados por esse público podem impactar nas atividades pedagógicas, visto que muitos chegam famintos à escola e relatam que se desconcentram devido à fome ou ao

sono. Diante de tantos enfrentamentos insistimos no valor da leitura como prática social e direito que não lhes pode ser tirado e precisam se reconhecer como sujeitos que têm a possibilidade de interação com o texto e o compreendam. Esse desejo de mudar nos inquieta, pois sabemos o quanto o trabalho com a leitura visando à compreensão é complexo nas aulas. Marcuschi (2008) nos mostra que

Trabalhar a compreensão hoje em dia é bastante complexo. Muitos são estudos sobre o tema e igualmente variadas são posições teóricas. Não há teoria hegemônica ou que seja mais definitiva. Ler é um ato de produção e apropriação de sentido que nunca é definitivo e completo.[...] (MARCUSCHI, 2008, p.228)

Concordamos com o autor, destacando que é importante proporcionar, como professora, auxílio e intervenções que proporcionem possibilidades para essa compreensão. Reconhecemos que não há garantias, mas não nos furtamos de nosso papel posicionando-os como alguém consciente que pode ser capaz de compreender e relacionar conhecimentos adquiridos com a vida diária. Muitos desses alunos não se sentem motivados e, durante as aulas, buscam conversas paralelas para se esquivarem das leituras e não demonstram confiança em realizar as atividades de forma autônoma ou não se encorajam a responder às questões propostas por medo de errarem e de se sentirem expostos.

Nesse sentido, destacamos o quanto é importante o papel da ação docente para transmitir segurança e proporcionar momentos de troca e enriquecimento diante das situações presentes no contexto da sala de aula. O fato de frequentarem o Ensino Médio não lhes garante certezas ou convicções que os tornem aptos para que possam resolver os temas propostos e se inibem diante da turma. Nesse ponto, tratamos da importância em reconhecer que

Compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética, nem uma ação individual isolada do meio da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre que ouvimos alguém ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem sempre essa ação é bem-sucedida. Compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura ou sociedade. (MARCUSCHI, 2008, p.229-230)

Diante da ideia de que a compreensão não é uma atividade natural, propusemos, de acordo com Solé (1998, p. 74-75), estratégias de compreensão leitora, com o objetivo de que os alunos realizassem, com sucesso, os desafios e que estes fossem possíveis para as turmas e, assim, incentivar novas leituras. A autora menciona também a importância na formação de leitores autônomos capazes de ler variados gêneros textos em diversas

situações, possibilitando a aprendizagem nessas leituras. Dessa forma, a autora considera que o leitor deva ocupar-se com as estratégias de:

- produzir objetivos e atualizar conhecimentos prévios;
- estabelecer inferências, rever e comprovar a própria compreensão enquanto se lê;
- tomar decisões ante erros ou falhas na compreensão durante a leitura;
- recapitular o conteúdo, resumi-lo e ampliar o conhecimento que se obteve mediante a leitura (durante e depois).

Nessa perspectiva, propomos o trabalho com textos no Ensino Médio como forma de conhecimento e aprendizagem, em que a compreensão seja estimulada e ensinada, considerando conhecimentos, mas cumprindo o papel de professora que intervém durante as atividades. Marcuschi (2008, p.242) destaca que “O texto é uma proposta de sentido que se acha aberto a várias alternativas de compreensão. Mas todo cuidado é pouco, pois não se trata de uma *caixinha de surpresas* ou *caixa preta*.” (grifos do autor) Sendo assim, os alunos têm suas relações com o texto, mas as respostas são plausíveis, de acordo com a atividade desenvolvida.

Os textos são fundamentais nas aulas de Língua Portuguesa e sugerimos que, cada vez mais, sejam prioridades em na prática do professor embora reconheçamos as dificuldades no processo. Acreditamos, entretanto, nas possibilidades de transformação a partir das leituras de variados gêneros, como abordaremos adiante.

### **2.3 Gêneros textuais**

Considerando a complexidade do tema gêneros textuais e a quantidade de estudos que o envolve, julgamos ser imprescindível esclarecer que o assunto possui ampla e variada discussão e um campo profícuo de análises que não se encerram aqui. As ideias de Marcuschi (2008) nos trazem inúmeras indagações sobre o estudo de gêneros. Ele frisa que “hoje o estudo de gêneros textuais está na moda” (Marcuschi, 2008, p.148) e, citando Bathia (1977, *apud* Marcuschi, 2008, p. 148), afirma que “trata-se de um conceito que achou seu tempo” e prossegue em outra passagem, ressaltando que

Isso está tornando o estudo de gêneros textuais um empreendimento cada vez mais multidisciplinar. Assim engloba uma análise do texto e do discurso e uma

descrição da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. (Marcuschi, 2008, p.149)

As afirmações do autor nos conduzem a refletir sobre a forma como abordamos o assunto na escola com os estudantes, pois esse pesquisador nos revela, em outro trecho, que cada gênero possui um propósito comunicativo e suas estratégias, para que o objetivo proposto seja atingido. Sendo assim, “sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma” (Marcuschi, 2008, p.150). Outro detalhe importante relativo ao estudo sobre o assunto é bem ressaltado por esse pesquisador: “quando denominamos um gênero textual, não denominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (Marcuschi, 2008, p.154). Nesse sentido, o autor considera que os gêneros são aqueles que encontramos em nosso cotidiano com seus propósitos e objetivos, estilo e técnicas. Ele cita, entre outros: telefonema, carta, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, inquérito policial, conversação espontânea. O autor frisa que

Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível contá-los todos, pois como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada, o que dificulta ainda mais sua classificação. Por isso é muito difícil fazer uma classificação de gêneros. Aliás, quanto a isso, hoje não é mais uma preocupação dos estudiosos fazer tipologias. A tendência hoje é explicar como eles se constituem e circulam socialmente. (MARCUSCHI, 2008, p.159)

Em tal reflexão, o autor atenta para a necessidade de não apenas classificar um gênero, mas de, ao utilizá-los, conhecer sua finalidade e suas formas de circulação. Esse fato é imprescindível na escola, pois, muitas vezes, os textos lidos não circulam socialmente, ficando restritos aos livros didáticos, de acordo com cada nível de escolaridade. Prosseguindo com as leituras e as reflexões, o autor indaga: “Diante da multiplicidade de gêneros existentes e diante da necessidade de escolha, pergunta-se: será que existe um gênero ideal para tratamento em sala de aula? Ou será que existem gêneros que são mais importantes que outros?” (Marcuschi, 2008, p.206).

Considerando essas indagações, sabemos que a pergunta permanece sem resposta, pois não há um consenso entre os autores. Entretanto, o estudioso sugere alguns gêneros para “a prática de compreensão de textos”, destacando, ainda, que os gêneros para compreensão aparecem em maior número que para produção escrita. Continuando, enfatiza que há gêneros mais propícios à oralidade e outros à escrita. Ele também afirma que “em todas as culturas as pessoas falam mais do que escrevem e que quando dialogam,

isto é, produzem conversações e não textos monologados”. (Marcuschi, 2008, p.219). Concordamos com o pesquisador e convém lembrar que consideramos a importância do trabalho com a leitura, escrita e oral, observando o contexto de circulação e objetivo proposto.

Gostaríamos de insistir na urgência do tema, visto que presenciamos uma interminável discussão sobre a diversidade dos gêneros. São amplamente divulgados nas escolas, mas seu propósito é, por vezes, esquecido. Necessitamos de uma abordagem em uma dimensão maior do que apenas conhecer a nomenclatura e as características de destaca que o uso da palavra tem um papel social, salientando que os papéis sociais a legitima, para que, do ponto de vista de quem ouve ou lê, haja pista para adequação, para atribuição de sentido. O autor destaca que os textos possuem formas e sentidos diferentes e essas formas são conhecidas como gênero, como comprovaremos no próximo trecho:

Um mesmo fato pode chegar ao conhecimento do ouvinte/leitor por meio de uma reportagem, de uma crônica ou de um debate. Em cada caso, temos uma forma textual e, em consequência, sentidos diferentemente construídos e percebidos. Estas formas são conhecidas como gêneros textuais. (AZEREDO, 2007, p.107-108)

Os aspectos apontados nos permitem perceber que os estudos dos gêneros textuais são mais amplos que a própria definição. Acreditamos que o gênero traga a materialidade de sentido dos textos e a importância de se compreenderem questões maiores que o conceito. Os gêneros revelam situações cotidianas, informações explícitas, mas, também, a intencionalidade por trás do que está escrito, as inferências e as implicitudes. Buscamos formas de apresentar e de explorar um determinado gênero textual para que a leitura dos estudantes se torne proveitosa e compreensível, sendo capaz de instigar o conhecimento, a independência, a autonomia na aprendizagem e o reconhecimento de seu papel crítico no exercício da cidadania.

Com relação a esta pesquisa, selecionamos o gênero crônicas com a finalidade de subsidiar a compreensão leitora de alunos de Ensino Médio, como podemos ler nas próximas linhas escritas por Ivan Ângelo:

Crônica é um gênero de texto tão flexível que pode usar a “máscara” de outros gêneros, como o conto, a dissertação, a memória, o ensaio ou a poesia, sem se confundir com nenhum deles. É leve, despretensiosa como uma conversa entre velhos amigos, e tem a capacidade de, por vezes, nos fazer enxergar coisas belas e grandiosas em pequenos detalhes do cotidiano que costumam passar despercebidos.  
(<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/8147/caderno-cronica.pdf>  
p.20)

Destacamos que a crônica circula entre o campo jornalístico e a literatura, e tem no cronista um observador de olhar atento aos acontecimentos do cotidiano e tudo que desperta sua curiosidade e imaginação torna-se material para criação dos textos. Cabe informar que apresentaremos a temática do gênero escolhido na próxima seção.

## 2.4 A crônica e suas principais características

*“Um cronista é um indivíduo encharcado de seu tempo.”*

*Affonso Romano de Sant’Anna*

Nascida na Europa, a crônica chegou a nosso país e aqui abraçou-se e, como nos diz Candido (2003, p.15) “é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”. Buscamos, inicialmente, esclarecer aos estudantes a origem da palavra sobre o gênero ora apresentado.

A palavra “crônica”, em sua origem, está associada ao vocábulo “khrónos” (grego) ou “chronos” (latim), que significa “tempo”. Para os antigos romanos a palavra “chronica” designava o gênero que fazia o registro de acontecimentos históricos, verídicos, na ordem em que aconteciam, sem pretender se aprofundar neles ou interpretá-los. Com esse sentido ela foi usada nos países europeus. [https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno\\_virtual/introducao-ao-genero-cronica/index.html](https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/introducao-ao-genero-cronica/index.html)

Prosseguindo com o mergulho realizado nos estudos de importantes autores sobre as crônicas, observamos que esse é o “mais brasileiro dos gêneros”. Segundo Castello (2007), a crônica é um gênero sem gênero que, em toda sua grandeza e diversidade, possui matéria-prima da literatura e uma riqueza que vem de si mesma.

Importa observar que a crônica, essa mistura de gêneros e estilos, transforma o resultado em documentos ricos, de grande valor social e comunicativamente adequada ao nosso público. Evidentemente, seu caráter ultrapassa a leitura escolar e apontamos que a reflexão crítica decorrente das leituras traz um conhecimento social e podemos aprofundar debates inseridos em uma prática pedagógica que promova a formação de cidadania e humanização. Nossas reflexões conduzem a uma percepção de que o cronista apresenta uma leitura que consegue ser agradável e apresentar, inclusive, um contexto histórico. Exerce uma função diferente da notícia diária impessoal e objetiva, para receber chancela de quem dialoga com o leitor. Na maioria das vezes, a narrativa ocorre em um ou dois cenários diferentes, sem perder a originalidade e o valor como o documento sociológico mencionado.

O cronista, com escrita que transita entre o literário e o jornalístico, abrange, em suas obras, o espírito urbano, acontecimentos diários, preocupação com o habitual do ser humano e nos envolve na sua “contação de histórias”. A respeito do que apresentamos, verifica-se que as palavras adiante corroboram nossas ideias.

Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (CANDIDO, 2003, p.14)

O crítico literário consegue, de forma clara, explicitar sobre esse gênero que hoje tem grande circulação, conquistou seu espaço, mudou ao longo dos anos, começou como “filha do jornal”, não nasceu com ele, mas tornou-se mais popular junto com o avanço de suas tiragens, alcançou revistas e livros. Permanece no cenário nacional e continua transformando o corriqueiro em imprescindível, tratando de sentimentos e atos humanos.

Todavia, a crônica tal qual hoje a conhecemos nem sempre foi assim. Carvalho (1978) nos conta que antes relatava apenas os acontecimentos históricos de maneira objetiva, seguindo uma cronologia durante a Idade Média e o Renascimento. No século XIX, impulsionada, principalmente, pelos falantes da língua portuguesa, surge nos jornais deixando de ser o registro dos fatos e torna-se reflexão sobre as questões cotidianas. Quando chegou ao Brasil, ganhou logo, como adepto do gênero, o pioneiro e grande destaque da literatura brasileira, Machado de Assis.

Com as importantes contribuições de Antônio Candido (2003), acompanharemos a modificação da crônica ao longo do tempo:

Antes de ser crônica propriamente dita foi "folhetim", ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia - políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da secção "Ao correr da pena", título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855. Aos poucos o "folhetim" foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. (CANDIDO, 2003, p.15)

A leitura nos oferece informações preciosas que confirmam a variação do gênero até chegar à forma mais aproximada da qual costumamos ler atualmente. O autor também destaca que a crônica foi se afastando da informação e comentários jornalísticos e, assim, ganhando ares de diversão. Lembramos, entretanto, que embora não seja uma notícia,

aborda contextos sociais pertinentes às questões contemporâneas, mas em forma de conversa, aproximando o leitor de maneira envolvente, sem deixar de lado a crítica social.

A crônica se renova a cada leitura, de acordo com o objetivo proposto. Sempre carregada de significado, essa leitura que pode parecer despreziosa abrange com seriedade aspectos que poderiam estar nas páginas de reportagens, tamanha sua reflexão acerca das questões contemporâneas. Diverte, nos fazendo refletir; critica sem o “peso” da notícia.

Acrescentamos valiosa contribuição:

Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.(CANDIDO, 2003, p.14)

De acordo com o autor, que apresenta a humanização da crônica, percebemos a proximidade com o público e, por vezes, o que foi escrito pelo cronista poderia acontecer com o leitor. Essa identificação gera interesse na leitura e os significados do que está escrito ganham força pelos olhos de quem lê.

Esse gênero único tem a liberdade na escrita, na forma, mas segurança pelas confiantes mãos de quem as escreve. Tem o poder de atravessar anos, décadas e até séculos com o mesmo vigor. O cronista é o sujeito atento com seus olhos e ouvidos às ações e informações habituais que se transformam em um texto repleto de significado sobre o tempo presente, mas, como citamos, se estende não apenas para o “hoje”.

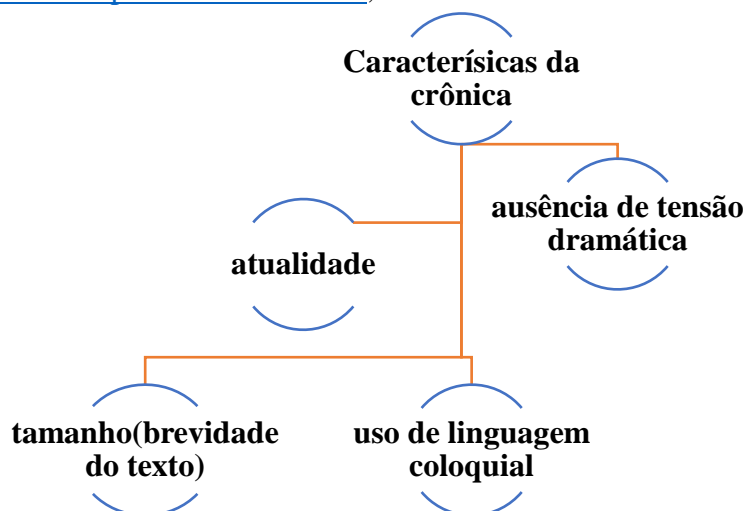
#### **2.4.1 Principais características do gênero**

Podemos caracterizar a crônica como uma interseção que agrega elementos relacionados à literatura e ao jornalismo. Com tamanho geralmente limitado pelos jornais onde, inicialmente, eram publicadas, ela tem sua grandeza reconhecida, dizendo muito em tão pouco espaço. Talvez seja esse o componente essencial, pois é assim, com rapidez de olhar, que se aguça a curiosidade na certeza de que não se pode perder um instante. Ressalta que cada segundo é precioso e a vida vivida pode ser contada em toda sua intensidade e, que, por inúmeras vezes, passa despercebida.

A forma de conversar com o público e seus traços de oralidade lhe confere personalidade como gênero único e corajoso, utilizando a linguagem como potencial elemento em despertar o senso crítico de quem a lê.

Embora não tenha uma forma fixa e determinada podemos dizer que há elementos comuns que constituem a crônica que apresentaremos adiante:

**Figura 1:** Características da crônica, criado pela autora adaptado de [www.suplementopernambuco.com.br](http://www.suplementopernambuco.com.br), acesso em 05/05/2020



Cada uma das características anteriormente mencionadas pode ser identificada nos textos, e queremos destacar que o conjunto faz de sua elaboração um desafio que exige talento e criatividade. A imaginação do leitor caminha junto com a de quem escreve e tratar de atualidades requer um interesse pelas questões presentes por parte do cronista.

O fato de a crônica ser, geralmente, pouco extensa não exclui seu contexto social e o poder de interação com o leitor, quando aborda e até se posiciona de maneira crítica sobre fome, miséria, racismo, política entre tantos outros assuntos relevantes nas situações sociais que afetam o ser humano. Questiona a realidade de maneira consistente e legítima de quem conhece o sistema e desempenha seu papel como representante de vozes silenciadas. Utiliza as palavras com força, relevância, e plenitude de intenção inerentes ao processo de comunicação.

A extensão do texto não determina sua importância, mas sua forma de apresentação e de construção de sentidos. Salientamos que o fato de a crônica se tratar de um texto mais breve, parece ser decisivo na aproximação junto àquele que lê.

O caráter inconclusivo da crônica dá asas à imaginação do leitor. Com isso, independente de trazer uma lição de moral vista em outros gêneros, como, por exemplo, a fábula, aponta para a capacidade de estimular reflexão crítica, com possibilidades infinitas de ampliação dos conteúdos, que permitem ao leitor a interação com o texto.

Ao lermos “A vida ao rés do chão” (2003), de Antonio Candido, percebemos um comentário bastante interessante sobre a crônica. O autor destaca pontos importantes, de maneira curiosa e instigante, ao dizer que não é um "gênero maior". Completa, explicitando que esse fato aproxima o público do texto, como leremos na passagem:

A crônica não é um "gênero maior". Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. "Graças a Deus", - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. (CANDIDO, 2003, p.13)

A visão apresentada mostra o caráter de interação presente nos textos, pois a crônica descortina a realidade com os caminhos da literatura. Presentes nos jornais, mas não é notícia. Presente nos livros, mas não é conto nem romance. Relata o tempo atual sem identificar a data. Assim é a crônica. Anteriormente, mencionamos suas características; prosseguiremos com uma referência ao hibridismo percebido nos escritos dos grandes autores.

O esquema se inscreve em nossos esforços na busca em conhecer mais e exemplificar o que a crônica representa.

**Figura 2:** A liberdade da crônica, criado pela autora adaptado de José Castello



A imagem foi criada a partir das observações de José Castello (2007) sobre o gênero, que, segundo ele, é “anfíbio”. O autor menciona que, ao escrever, o cronista tem a liberdade de começar do zero, ser ligeiro, informal, ter traços pessoais. Outros aspectos apontados são de desprezar uma marca pessoal e não ter compromisso com ninguém, o que, embora pareça fácil, pode ser assustador.

E prossegue informando:

No século XIX, com a sofisticação dos estudos históricos, e com a expansão da imprensa, a crônica se afastou do registro factual e se aproximou da literatura e da invenção. Nossos primeiros grandes cronistas – Alencar, Machado, Bilac, João do Rio – foram, antes de tudo, grandes escritores. Eles descobriram na crônica o frescor do impreciso e o valor do transitório. E a praticaram com regularidade e empenho. (CASTELLO,2007, p.1)

Tendo em vista as especificidades expostas, percebemos a originalidade de um gênero que se inicia de uma forma, consegue se reinventar e perpetuar-se o logo dos anos com obras intensas. Há de se considerar, também, que alcança um grande e variado público das mais diversas idades, conquistado pelas conversas em primeira pessoa aproximando quem escreve de quem lê. Candido (2003) explica que, por serem textos leves, as crônicas facilitam o acesso e a comunicação, destacando que a simplicidade e a brevidade próprias do gênero conferem um caráter humano, divertido e que muito ensinam o leitor com as crônicas.

A ausência de um formato pronto amplia as opções de escrita da crônica, uma vez que não se prende a modelos estereotipados. Tal constatação aproxima a ideia de liberdade em que o texto surge agradável com as ações vistas ou vividas, sempre dialogando com seu leitor.

A partir dessa perspectiva de interação e diálogo com o leitor, apresentamos aos alunos o autor Lima Barreto, pois entendemos que há uma identificação diante de outros textos do autor já trabalhados anteriormente em sala de aula. As turmas gostam da forma de escrita em tom de conversa e abordagem dos temas urbanos e sociais contidos nos textos. Sendo assim, trazemos informações para que conheçam mais das histórias de vida do autor, o contexto em que vivia, o público para quem escrevia, a quem se dirigia com suas críticas e observações para os valores propostos no início do século XX e a desigualdade já existente naquela época.

## **2.5 Lima Barreto**

Quando pensamos em incluir crônicas neste estudo, percebemos a riqueza encontrada nesse gênero textual e as possibilidades de conhecimentos de questões atuais que ganham destaque sob a ótica de quem as narra e abre nossos olhos para refletirmos juntos sobre as ideias apresentadas. Seguindo nessa direção, as crônicas de Lima Barreto foram selecionadas por entendermos a importância da obra do escritor para a literatura nacional. Esse carioca retrata a cidade do Rio de Janeiro do início do século XX e das décadas de 1910 e 1920 de forma tão relevante que as leituras de seus textos nos convidam a refletir e quase conferirmos as datas, tamanha atualidade refletida neles. De acordo com Resende (2017, p.20), “O atravessar constante da cidade dá a Lima Barreto uma intimidade com as ruas, o comércio, os estabelecimentos públicos que lhe permite falar de cada prédio, de cada casa, com o interesse, que lhe provocaria uma propriedade sua, se a tivesse”.

Diante do exposto, concordamos com a autora, ao tecer considerações sobre os lugares onde o escritor circulava. Morador de Todos os Santos, ia de trem até a Central do Brasil, andava pela Rua do Ouvidor, pelo Leme, Leblon, Jardim Botânico e, dessa forma, o cronista observava a cidade em sua completude e não apenas os locais mais abastados e luxuosos.

A cidade que existia para lá da estação e São Francisco Xavier não interessava aos que documentaram as belezas da Capital, os melhoramentos, as urbes francesas.

O percurso que os trens do subúrbio com seus passageiros atravessava, as ruas desordenadas e mal calçadas, a população de hábitos simples, as famílias de funcionários públicos subalternos, de operários, de desempregados, tudo isso foi por muitos anos, narrado unicamente pela literatura desse nosso cronista do Rio. (RESENDE, 2017, p.21)

Com base nessas reflexões, podemos entender a grandiosidade presente em seus registros. Lima Barreto defendia a cidade e as agonias vividas pelo povo e por ele próprio. Mestiço, pobre, era filho do tipógrafo, Joaquim Henriques de Lima Barreto e da professora primária Amália Augusta. Nascido em 13 de maio e 1881, viu a Lei Áurea ser assinada no dia de seu aniversário de sete anos e assistiu, de perto, mesmo sem entender os conceitos de liberdade, aos festejos da época. Em sua crônica “Maio” (1911), ele revela que não via escravos como nos descreve :

Eu tinha então sete anos e o cativo não me impressionava. Não lhe imaginava o horror; não conhecia a sua injustiça. Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos. (RESENDE, 2017, p.28)

Mais adiante, em outro trecho da mesma crônica, o autor se mostra questionador e nos aponta uma reflexão diferente, já adulto, sobre a suposta liberdade que imaginava quando criança: “Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis!” (Resende, 2017, p.28) Lima Barreto viveu durante a Primeira República brasileira, em um momento em que havia uma promessa de igualdade, mas, ao contrário disso, havia manifestações populares que buscavam igualdade e justiça social e luta por direitos. Estava sempre presente com suas críticas e posição firme, clamando por igualdade e justiça, não apenas para si, mas também para os outros. Ele representou a resistência nesse combate. E mesmo em tempos duros, em condição financeira precária, andava por toda a cidade, saía do bairro onde morava, passeava do Centro, Leme, Leblon até o Jardim Botânico.

Lima Barreto intitulava o bairro onde morava de Vila Quilombo, como podemos confirmar com as palavras de Schwartz, em “Lima : triste Visionário” (2017, p.10 ): “ o apelido carinhoso que ele deu a seu lar; só para incomodar Copacabana. Copacabana, segundo ele, era apenas feito de ‘uma gente’ dada a todo tipo de ‘estrangeirismo’”. Ainda, segundo Schwartz:

Era na Vila Quilombo que ele passava boa parte do tempo, em companhia dos irmãos — Evangelina, Carlindo e Eliézer — e do pai, João Henriques. Este, desde que perdera o emprego nas Colônias de Alienados da Ilha do Governador, em março de 1903, mostrava-se totalmente ausente e insano. Foi

então que se mudaram para aquela vizinhança; primeiro para a rua Boa Vista, quando o local ficou conhecido como “a casa do louco”. (SCHWARCZ, 2017, p.10)

O menino que perdera a mãe ainda na infância, precisou trabalhar e abandonar a faculdade tornando-se arrimo de família para sustentar irmãos e madrasta, pois o pai fora internado em um asilo, vítima de loucura.

Sofreu preconceitos durante a vida inteira, devido ao fato de ser mulato e pobre. Escrevia, então, sobre racismo e discriminação racial, políticos e abusos sofridos pelo povo. Tentou entrar para a Academia Brasileira de Letras e, não conseguindo por duas vezes, na terceira, desistiu. Dialogando novamente com Schwartz, (2017), observamos que o escritor não se esquivava em mostrar partes e personagens esquecidos ou rejeitados pela cidade, como vemos no trecho seguinte:

ele escreveu a partir de sua região em especial. Foi assim que procurou atrair a atenção para os subúrbios cariocas, seus personagens, seu cotidiano. Bateu-se ainda por temas relacionados ao gênero, criticando a violência contra as mulheres ou condenando a prostituição, sobretudo das mulheres jovens, pobres e, não raro, afro-brasileiras. (SCHWARCZ, 2017, p.18)

Esse escritor visionário teve uma vida curta, mas intensa. Tornou-se alcoólatra e foi internado, pois sofria de alucinações quando estava embriagado. Sua primeira internação ocorreu em 1918, voltou a ser internado em 1919. Ao retornar para casa conseguiu concluir “Histórias e sonhos”, “Marginália”, “Feiras e Mafuás”, “Bagatelas” e “Clara dos Anjos”. Faleceu com apenas 41 anos de idade, vítima de um infarto, em novembro de 1922, antes de ser reconhecido pela grandiosidade de sua obra. Ele, que parecia ter pressa em denunciar, parece que não suportou as pressões e foi vítima de si mesmo. Nunca se casou ou teve filhos, mas deixa um legado enorme e uma obra repleta de suas características com denúncias, e inquietudes que nos convidam a uma leitura cheia de reflexões sobre seu tempo e sobre os dias de hoje.

### **3. METODOLOGIA**

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos da metodologia de nossa pesquisa, o tipo de pesquisa, a caracterização do campo de estudo e forma de ingresso, os sujeitos da pesquisa (critérios de inclusão e exclusão), os instrumentos de coleta de dados além dos procedimentos e resultados.

### 3.1 Etapas da Pesquisa

**Etapa 1-** Análise bibliográfica e de documentos escolares (atas e boletins online), a fim de verificarmos o desempenho escolar da amostra.

**Etapa 2-** Elaboração do questionário e da entrevista com a amostra pesquisada. Os questionários que aplicamos serviram como base para conhecermos as experiências de leitura e as maiores dificuldades para compreensão leitora.

**Etapa 3-** Análise da compreensão leitora através das leituras de crônicas e debates sobre os textos lidos.

**Etapa 4** - Elaboração do produto, considerando as vivências anteriores e as dificuldades apresentadas.

**Etapa 5-** Aplicação do produto e intervenção ao longo do processo.

**Etapa 6-** Avaliação das etapas anteriores e do resultado do produto.

Como indicamos anteriormente, nossos estudos apresentam as características de pesquisa-ação, propondo lançar um novo olhar para os estudantes e, após a identificação do problema no campo, uma intervenção pedagógica na realidade do grupo em questão e a sua participação e cooperação nas propostas. Pretendemos contribuir para melhor atingir o objetivo proposto e estimular a capacidade de colaboração dos estudantes. Nossas referências vêm de Thiollent (2011) quando afirma que:

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada com estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2011, p. 20)

Compartilhando das ideias do autor e, a partir do diálogo com os sujeitos, utilizamos um questionário e uma entrevista, principalmente, com empatia, atenção e respeito pelas pessoas envolvidas. Com base nos dados obtidos, organizamos um material didático com objetivo de fazer com que houvesse maior interação dos leitores com os textos.

Revelamos nossa paixão pelo assunto, sem deixar de consolidar o suporte teórico, o olhar científico, a singularidade do campo e o contexto social no qual estão incluídos. Ressaltamos que nosso interesse pelo tema pesquisado surgiu após anos de atividade

docente, verificando certa resistência dos estudantes relacionadas ao trabalho de compreensão textual, seja pela extensão dos textos seja pelo desconhecimento do léxico utilizado pelo autor.

Esse fato reflete uma situação comum entre as turmas e vemos alunos e alunas que deixam de ler ou se sentem desanimados com a extensão dos textos. Sendo assim, nossa pesquisa-ação auxiliou os envolvidos na no estudo, estimulando a participação nas tarefas propostas e promovendo o diálogo de forma a conscientizá-los acerca da importância da leitura na sociedade.

Consideramos que o desenvolvimento dos participantes no que se refere ao desenvolvimento do hábito de leitura é fundamental e indispensável, objetivo que buscamos alcançar, com o auxílio de instrumentos como coleta de dados, questionários e entrevistas.

### **3.1.2 Tipo de pesquisa**

Ao pensarmos nesta pesquisa, destacamos a importância de reconhecer o papel como pesquisadora que busca aliar teoria e prática às ações desafiadoras no cotidiano, observando os diferentes problemas e caminhos a serem percorridos. A prática sugere um olhar mais investigativo e necessário para a busca de respostas constantes. Para quem trabalha com ensino médio, depara-se com os inúmeros questionamentos dos estudantes acerca do mundo do trabalho e expectativas(ou ausência delas) para o futuro.

Vemos os desafios se avolumarem e percebemos a importância da pesquisa no sentido de que ela pode auxiliar, não como solução, mas como possibilidade de mostrar outros caminhos para o grupo de jovens do Ensino Médio, estudantes das turmas com as quais trabalhamos.

De acordo com Esteban e Zacur (2002):

É na pesquisa, na inserção cotidiana e nos diferentes espaços educativos, que surgem questões que alimentam a necessidade de saber mais, de melhor compreender o que está sendo observado/ vivenciado, de construir novas formas de percepção da realidade e de encontrar indícios que façam dos dilemas desafios que podem ser enfrentados. (ESTEBAN & ZACUR, 2002, p.21)

Na presente pesquisa, inserida na área de ensino com uma turma de Ensino Médio regular, nos propusemos a analisar como os alunos compreendem a leitura e se situam nos contextos. Para este estudo, desenvolvemos uma pesquisa com as características de uma pesquisa-ação, pois, além da pesquisa, houve uma intervenção pedagógica junto ao

grupo pesquisado. Investigamos se através das leituras e das discussões sobre os textos lidos (crônicas), os estudantes enriqueceram e aprimoraram o processo de compreensão acerca do que leem. Fizemos entrevistas com os alunos e registros das impressões sobre a leitura ao longo do desenvolvimento das ações realizadas, das maiores dificuldades encontradas (possíveis). Ao mesmo tempo, buscamos motivá-los para que participassem do processo de aprendizagem. Como professora-pesquisadora, registramos os passos com a fidelidade dos fatos ocorridos durante a pesquisa e o avanço dos envolvidos no processo.

Registramos também as intervenções pedagógicas, para que fossem observados os avanços durante o período da pesquisa. As propostas de leitura foram acompanhadas de debates, discussões orais e posterior registro, a fim de analisarmos os níveis de proficiência em leitura esperados para turmas de segundo ano do ensino médio. Os textos selecionados são crônicas de Lima Barreto, um autor consagrado na literatura nacional, com temas relevantes, de acordo com a faixa etária do público pesquisado.

Traçamos como objetivo geral desta pesquisa investigar de que maneira o estudo de crônicas e as atividades desenvolvidas com esse gênero textual poderiam contribuir para a compreensão leitora de alunos do Ensino Médio regular. E, ainda, como objetivos específicos, pretendemos identificar as maiores dificuldades para compreensão leitora; a elaboração de atividades para o material didático escolar; a aplicação do material e a análise dos resultados durante as intervenções pedagógicas desenvolvidas ao longo da pesquisa.

Para participação na pesquisa, inicialmente, realizaríamos uma reunião com os responsáveis legais (alunos menores) e com os alunos maiores de idade, a fim de esclarecermos o processo da pesquisa, informando que não haveria fins lucrativos, e que seria realizada no CIEP 244 Oswaldo Aranha em horário regular das aulas. No encontro, tencionávamos, também, fazer um esclarecimento acerca dos riscos e benefícios da pesquisa. Os alunos que assinassem os termos, ou seus responsáveis legais poderiam ser incluídos na pesquisa.

A pesquisa se realizaria no turno da manhã, às quartas e sextas-feiras de forma presencial. A metodologia de aplicação, entretanto, sofreu alteração diante do contexto da crise sanitária vivida em 2020, ano de pandemia, com unidades escolares fechadas e atividades presenciais interrompidas no dia 15 de março .

Os dias (quartas e sextas) permaneceram os mesmos devido à organização estabelecida com as turmas, mas, em razão do fechamento das escolas, o projeto de estudo

deixou de ser presencial e adaptou-se para ser aplicado de maneira remota, com utilização da internet com a proposta de sala de aula invertida já utilizada anteriormente com nossas turmas. Dessa forma, os termos foram enviados pelo *Facebook* e *WhatsApp*. Enviamos aos alunos um vídeo explicativo, no qual descrevemos todo o processo da pesquisa informando que não haveria fins lucrativos, nem prejuízos aos participantes. Falamos também da importância da pesquisa no contexto de aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa. .

Importa destacar que utilizamos a sala de aula invertida como forma de aplicação do produto educacional nesta pesquisa, procurando colaborar para a ampliação de experiências com uso das tecnologias, discutir a inclusão das metodologias ativas no contexto da sala de aula e refletir sobre os resultados apresentados durante o processo. Sobre o assunto, explicitá-los emos na aplicação do produto educacional.

### **3.2 Caracterização do campo de estudo e forma de ingresso**

O campo pesquisado foi o CIEP 244 Oswaldo Aranha, pertencente à Rede estadual de Educação do Rio de Janeiro, na comunidade conhecida como “Curral das éguas”, uma área localizada entre os bairros de Magalhães Bastos e Realengo. Essa comunidade carente recebe alunos de localidades próximas que caminham até a escola devido à falta de transporte público até o local, que conta apenas com uma linha de ônibus. A comunidade, bastante populosa, sofre com a violência que a afeta, mas respeita e valoriza o espaço escolar, mantendo-o limpo e livre de pichações e depredações como veremos nas imagens.

De acordo com relatos de moradores, o nome da comunidade, que fica a um quilômetro da Vila Militar de Deodoro, se originou pelo fato de o local ter sido uma instalação que guardava os cavalos da família real e da cavalaria do quartel do exército próximo ao bairro durante o Império até a República.

**Figura 3 : Casarão antes da escola ser construída**



**✓ Casarão Princesa Leopoldina, que foi demolido na década de 90 para a construção do Ciep Oswaldo Aranha.**

*Fonte: [pt.slideshare.net/katiaelias12/apresentao-nosso-espao-em-movimento](http://pt.slideshare.net/katiaelias12/apresentao-nosso-espao-em-movimento)*

O prédio da escola, situado na Rua Princesa Leopoldina, uma rua transversal à Estrada São Pedro de Alcântara, foi construído após a demolição do casarão, que pode ser visto na imagem a seguir, pertencia à dona Maria da Costa, viúva de um português que, ao se casar novamente, teve seus bens roubados pelo segundo marido. A foto, que circula nos jornais de bairro, faz parte do acervo do Ciep e está afixada em mural para que todos conheçam a história da escola.

O CIEP, que foi construído em 1995 e completou 25 anos em 2019, atua com o Ensino Médio regular e com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Apresentamos, a seguir, fotos do nosso arquivo que mostram o prédio atual e suas dependências após pintura realizada recentemente pela direção da escola.

**Figura 4:** Entrada do Ciep 244



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020.

**Figura 5:** Nova entrada do Ciep após reforma



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020.

**Figura 6:** Fachada e ambientes internos



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

**Figura 7:** Ambientes preservados pela comunidade e sala de professoras



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

As imagens apresentadas revelam a forma como a comunidade valoriza e preserva a unidade escolar que funciona nos três turnos (manhã, tarde e noite). A direção da escola ainda cede um espaço para atividades esportivas dos moradores locais.

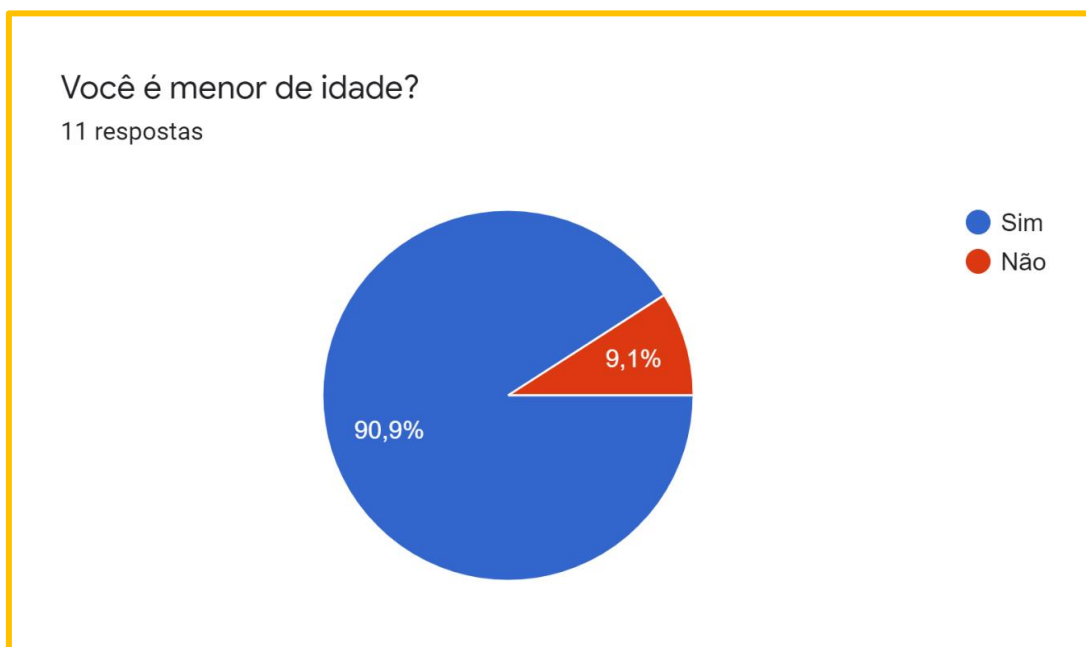
Como docente na Unidade Escolar na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura em três turmas de segundo ano do Ensino Médio regular: 2001, 2002 e 2003,

o acesso e ingresso no campo como professora pesquisadora se deu de forma tranquila e sem objeções, com assinatura da carta de anuência da direção do Ciep e Parecer Consubstanciado Cep 4005430 da Plataforma Brasil que autorizou a pesquisa. O processo de aprovação caiu em exigência devido à falta de assinatura em um documento e mais uma exigência para organizar os objetivos específicos como itens e não em forma de texto, como havia sido enviado. Esse processo nos obrigou a reorganizar o cronograma da pesquisa e início das atividades com o grupo pesquisado.

### 3.4- Sujeitos da pesquisa (critérios de inclusão e exclusão)

A população da pesquisa é composta por estudantes matriculados no CIEP 244 Oswaldo Aranha e a amostra formada, inicialmente, com uma previsão de 35 adolescentes da turma 2001 com idades até 17 anos. Entretanto, ao longo da pesquisa, houve uma série de impedimentos, como falta de acesso à plataforma da Internet por parte dos estudantes, perdas, entre outros. Em razão disso, o número de participantes foi reduzido, como veremos a seguir:

#### Gráfico 1 Participantes da pesquisa



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Para participação na pesquisa e realização das atividades propostas, consideramos os critérios de inclusão:

- estar regularmente matriculado na Unidade Escolar;
- alunos menores de idade cujos responsáveis legais leram os termos de esclarecimento de riscos e benefícios e assinaram os termos de assentimento e de consentimento para a participação na pesquisa;
- os alunos maiores de idade que leram as informações, esclarecimento de riscos e benefícios sobre a pesquisa que seria realizada e assinaram os termos de consentimento para a participação na pesquisa também foram incluídos no grupo que fez parte da pesquisa. Cabe informar que nos dois casos foram divulgados vídeos explicativos para se fossem dirimidas possíveis dúvidas sobre o processo da pesquisa.

Como critérios de exclusão, consideramos:

- estudantes com idade menor que 18 anos que não assinaram o termo de assentimento e cujos responsáveis legais não assinaram o termo de consentimento.;
- estudantes com idade maior que 18 anos que não assinarem os termos de consentimento e assentimento;
- estudantes menores ou maiores de 18 anos que, mesmo depois de assinarem os termos de consentimento e assentimento não desejarem participar da pesquisa.

Esclarecemos que a presente pesquisa foi planejada para ser realizada integralmente na escola da comunidade onde a maior parte dos alunos vive, mas por razões de saúde e fechamento das unidades pelas autoridades públicas, foi finalizada de forma remota com participação *on-line* com vídeos e aulas explicativas. Já utilizávamos o *Facebook* e as atividades foram intensificadas a partir de março no ambiente virtual devido à impossibilidade do ambiente presencial. A coleta dos dados e os questionários também seriam realizados em um tempo da aula reservado para tais ações, mas foram encaminhados e devolvidos via internet.

### **3.5-Instrumentos de coleta de dados com perfil dos estudantes**

Nesta pesquisa, que apresenta características de uma pesquisa-ação, utilizamos os seguintes instrumentos: entrevistas, questionários, análise documental (diário de classe) e observação participante registradas ao longo o processo. Nos questionários e nas entrevistas buscamos a história de vida e história oral com a finalidade conhecermos os participantes e suas experiências escolares anteriores (aprovações, reprovações, projetos de correção de fluxo, preferências e dificuldades na leitura).

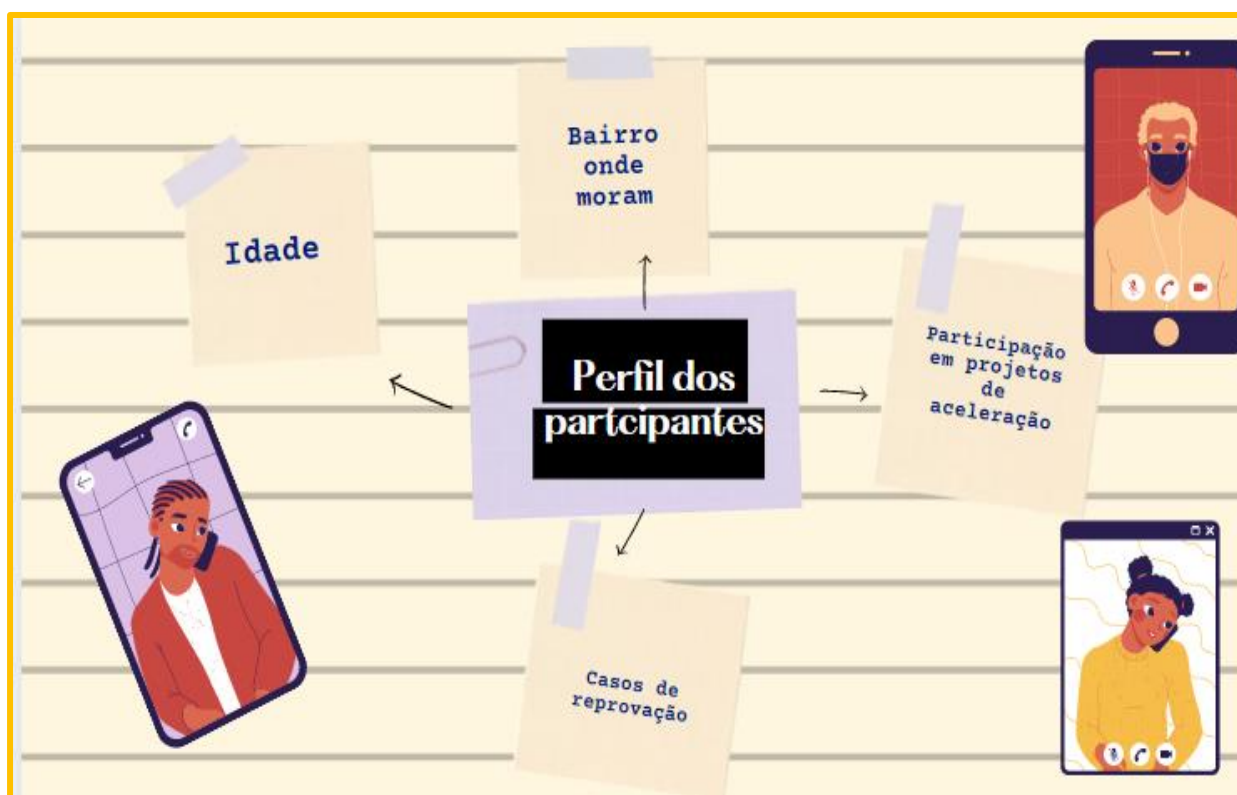
As observações anotadas no diário da pesquisa foram necessárias para atestar sua confiabilidade e para as intervenções realizadas ao longo do processo. Os documentos (boletins e atas) serviram de fontes de informações iniciais para análise do desempenho dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa.

Iniciamos com uma entrevista que teve como objetivo traçar o perfil do estudante participante, identificar a idade, obter informações a respeito de reprovações (ou não) e da passagem por projetos de aceleração. Por fim, buscamos informações também sobre o local onde moram, pois muitos alegam que moram longe, caminham e se sentem cansados para a realização das tarefas propostas.

Os questionários com perguntas específicas sobre a compreensão leitora, sem a menção do local de suas moradias, do nível socioeconômico ou das comunidades do entorno, para que não houvesse constrangimento nas respostas e na participação, serviram como base de informação para elaboração do produto educacional. Tais informações foram necessárias para a preparação de um produto educacional em forma de um caderno didático que conversasse com a realidade na qual os alunos estão inseridos e despertasse o interesse para a leitura, para a reflexão, para o registro de opiniões individuais e coletivas sobre os textos lidos.

## Abordagem para análise do perfil dos estudantes

**Figura 8:** Perfil dos estudantes

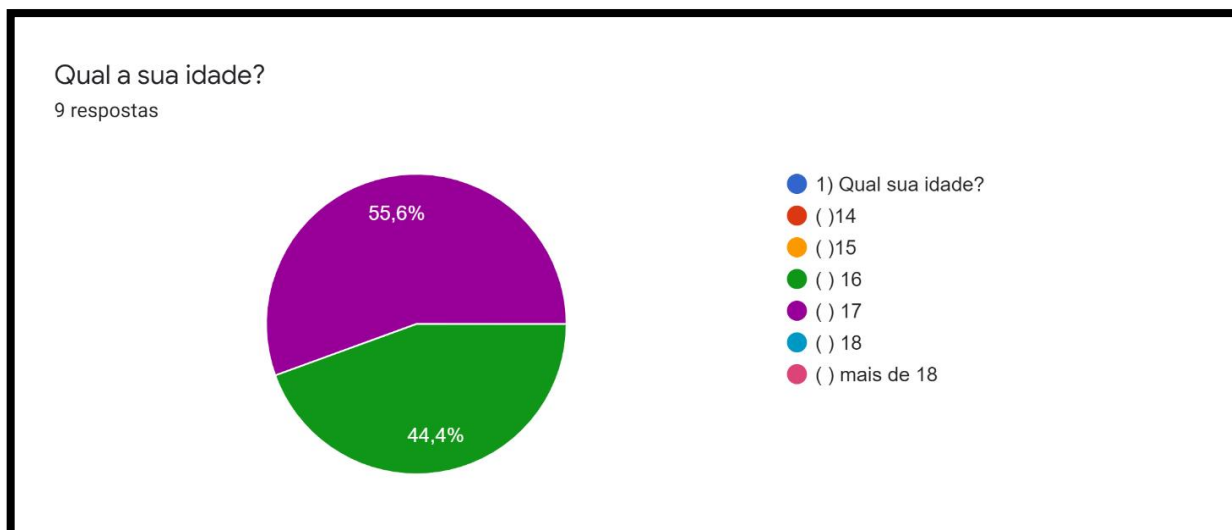


Fonte: elaborado pela autora, 2020

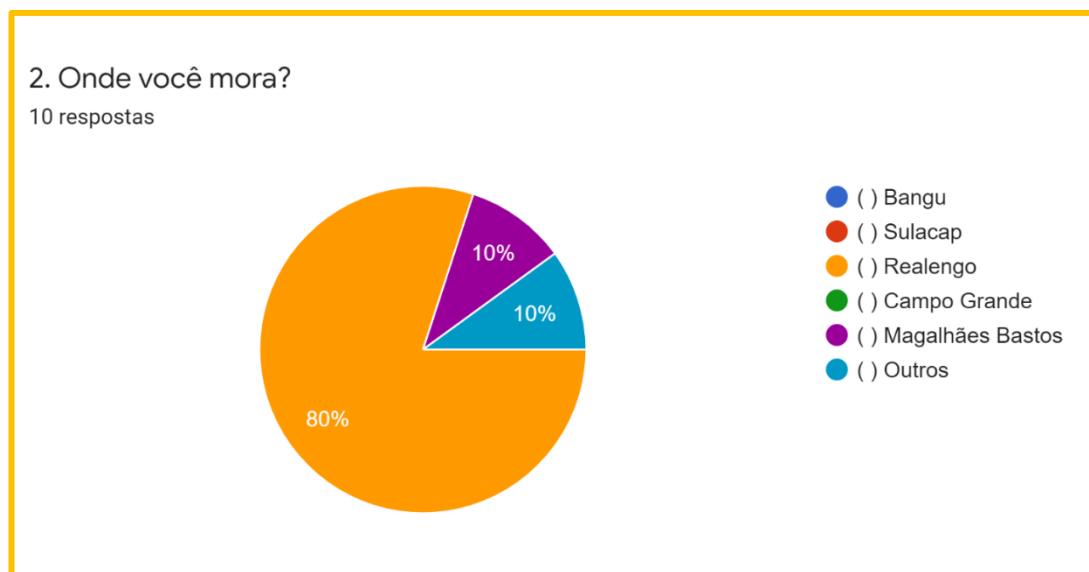
Com base nas informações recebidas, através das entrevistas e dos questionários, refletimos sobre os resultados para elaboração de nosso material didático. Recebemos as respostas e, assim, buscamos compreender as necessidades dos estudantes em relação à leitura de textos, reconhecer sua realidade e apresentar propostas possíveis de execução que tornem a leitura prazerosa e com o caráter positivo de informação e aprendizagem.

Para compor nossa análise, consideramos o perfil dos estudantes com as informações:

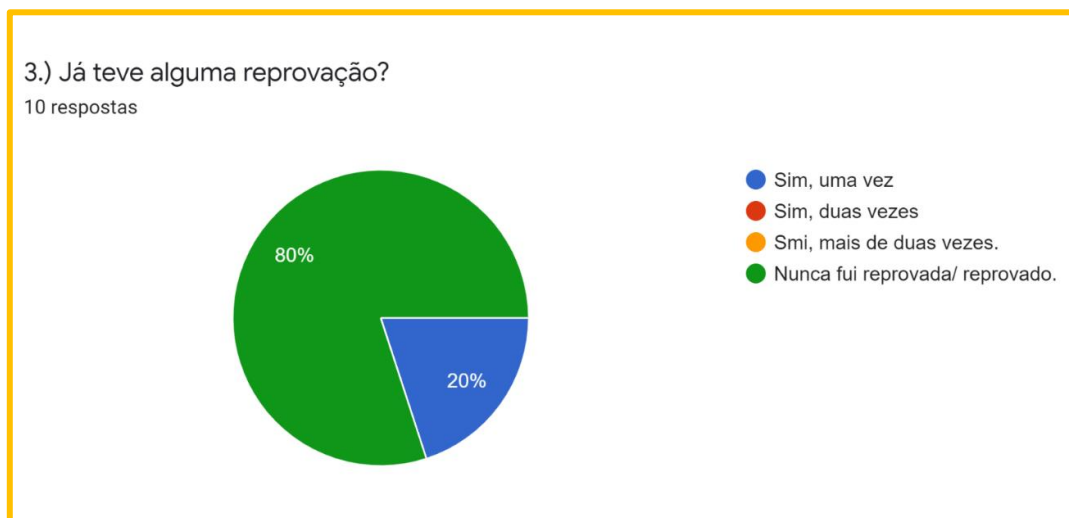
- 1. Idade**
- 2. Bairro onde moram**
- 3. Casos de reprovação**
- 4. Participação em projetos de aceleração**

**Gráfico 2: Idade dos participantes**

Fonte: elaborado pela autora, 2020

**Gráfico 3: Bairro onde moram**

Fonte: elaborado pela autora, 2020

**Gráfico 4:** Casos de reprovação

Fonte: elaborado pela autora, 2020

**Gráfico 5:** participação em projetos de aceleração

Fonte: elaborado pela autora, 2020

As imagens apresentam o perfil dos estudantes envolvidos na pesquisa, a fim de traçar informações, com o objetivo de realizar uma intervenção na realidade do campo pesquisado. Propusemos, nesta pesquisa, a partir das respostas obtidas com o questionário e a entrevista, elaborar um material didático para o segundo ano do ensino médio.

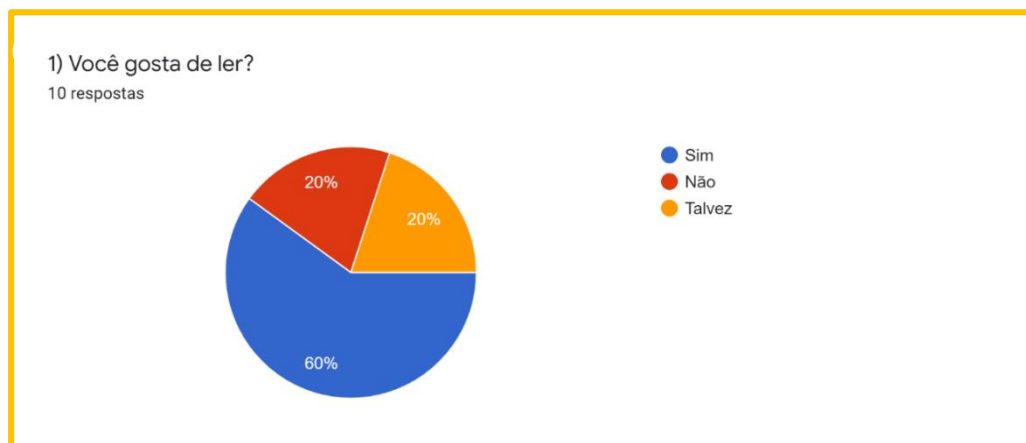
Destacamos a idade dos participantes, pois temos um público jovem que ainda não trabalha formalmente; em sua maioria, reside no bairro da escola, Realengo. Outros estudantes residem em bairros vizinhos, mais afastados da unidade escolar e caminham até a escola. Tais alunos relatam cansaço e desânimo na realização das atividades pelo fato de caminharem entre trinta e quarenta minutos até o Ciep. Esses alunos e alunas revelam que chegam à escola e já sentem vontade de descansar e demonstram, além do cansaço, dificuldade de concentração. Muitas vezes, apresentam a fadiga como uma das principais causas das dificuldades na realização das atividades propostas. Com isso, a permanência na escola perde seu objetivo de aprendizagem. Muitas de suas dúvidas e inquietações são expostas nas rodas de conversa. Além do cansaço, demonstram certo desinteresse nos textos de leitura que parecem um pouco distantes da realidade em que vivem.

Prosseguindo com nossa coleta de dados e informações, observamos os casos de reprovação e percebemos um percentual baixo, apenas 20% foram reprovados/reprovadas. Tal fato gerou curiosidade, pois um índice elevado, embora não tenha sido reprovado, demonstra dificuldades na execução das tarefas em sala de aula, o que reforça a importância da seleção de leituras. Mesmo sem ter essas informações, nossas sugestões tiveram o objetivo de ampliar as possibilidades de nosso fazer pedagógico com os jovens de ensino médio envolvidos nesta pesquisa.

Os gráficos apresentados revelam informações instigantes a respeito desses alunos e alunas. A pesquisa revelou que a grande maioria não foi participante de projetos de aceleração (apenas 10%) e mostra uma realidade um pouco desanimadora e nos faz questionar as razões para tantas dificuldades nas tarefas escolares. Não encontramos a resposta, mas a pergunta continua a nos desafiar, levando à reflexão sobre a necessidade de rever nossas práticas cotidianas diante do cenário atual. Essa incerteza que nos move faz com que busquemos aliar teoria e prática de forma significativa para que promova uma interação com a realidade que nos cerca.

As respostas, a seguir, extraídas do questionário também apontam dados que colaboraram para elaboração do material desenvolvido para os estudantes. Para essa ação, organizamos perguntas de caráter exclusivo às questões concernentes à leitura. Em uma roda de conversa durante o ambiente presencial, os alunos foram questionados sobre o ensino da leitura nas escolas e responderam que a escola ensina a ler e a deixar de gostar de ler.

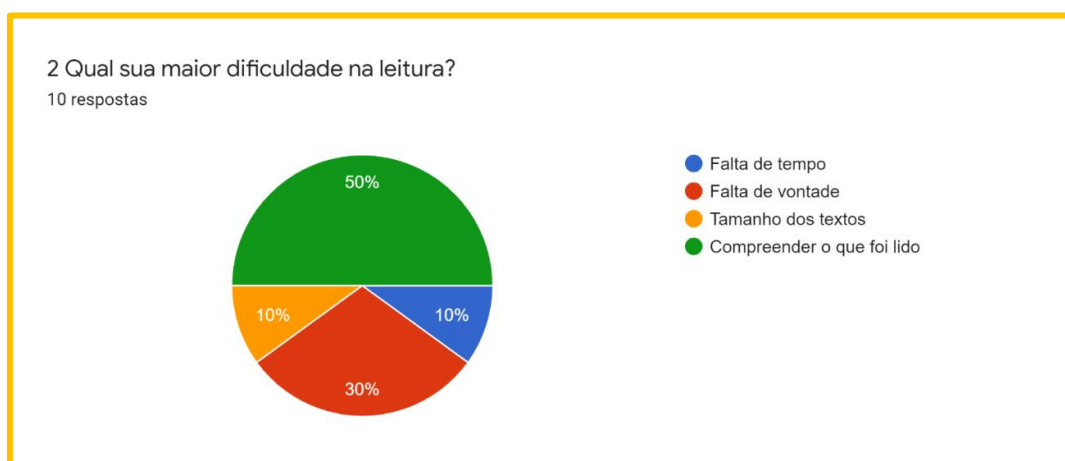
**Gráfico 6:** Gosto pela leitura



Fonte: elaborado pela autora, 2020

As perguntas foram elaboradas com base nas conversas informais realizadas em grupos, com intuito de formalizar o gosto e prazer em ler. Começamos, assim, a identificar problemas relacionados à leitura e a forma como lidam com ela na escola. As respostas do questionário visavam a contribuir para sistematizar as ações e atividades de pesquisa com a intenção de reconhecer, identificar as principais dificuldades para auxiliar e, sobretudo, com a pesquisa, refletir sobre a própria prática.

**Gráfico 7:** Dificuldades durante a leitura



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Destacamos o uso de questionário, pois, segundo Gil “ pode-se verificar que o questionário constitui o meio mais rápido e barato de obtenção de informações, além de não exigir treinamento de pessoal e garantir o anonimato”. (Gil, 2010, p.103).

Dessa forma, optamos por mais questões fechadas pelo fato de ser a primeira vez que os estudantes participavam de uma pesquisa, por ser rápido na coleta de respostas e como forma de incentivar a participação apenas respondendo de maneira simples e direta. Entretanto, as questões formuladas são consideradas relevantes no processo de pesquisa. Apresentamos os gráficos que revelam a participação dos alunos que ficaram até o final da pesquisa, pois muitos, devido à situação enfrentada durante a pandemia da Covid-19 apresentavam dificuldades de acesso à internet.

Esta informação, que parece constar no senso comum, foi feita propositadamente aulas, reclamam das atividades de leitura, e, em outros momentos, afirmam que gostam de ler. Gostam de ler o quê? Não gostam e ler o quê? E os que não gostam de ler, não gostam por quê? Ainda temos os dados que correspondem ao item “talvez”, nos levando, durante as reflexões, a conjecturar suas preferências e seus objetivos de leitura. Sendo assim, observamos, devido à nossa imersão na pesquisa, a importância de estratégias de leitura claras durante o processo na sala de aula e, no caso da continuidade desta ação, no ambiente virtual.

Além da pergunta a seguir, buscávamos conhecer algumas dificuldades demonstradas e observadas de forma empírica, que nos levou a prosseguir com os estudos de caráter investigativo e com intervenções ao longo do processo e não apenas no final.

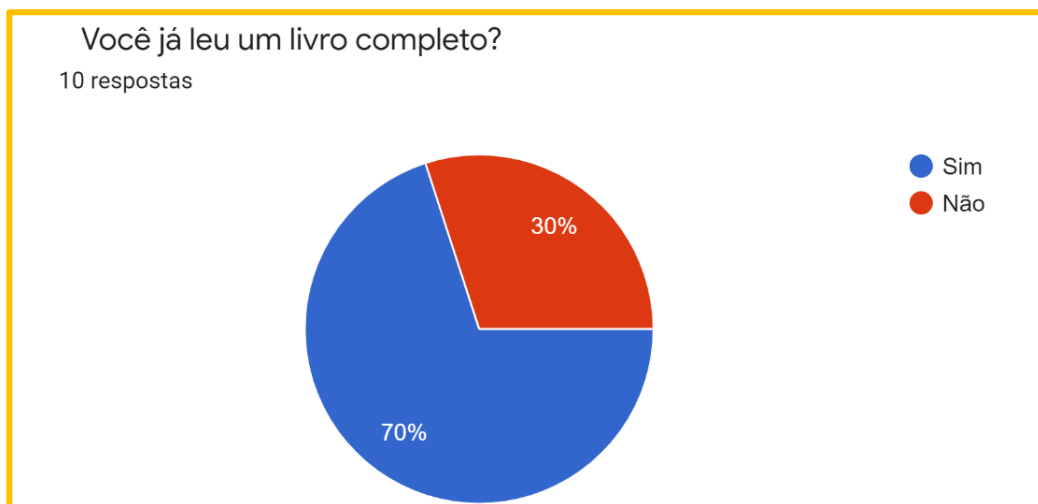
**Gráfico 8:** leitura fora da escola



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Observamos, em seguida, as respostas sobre leitura fora do espaço escolar, em que a maioria revelou que não lê. Em relação à leitura, mais uma vez, durante as intervenções realizadas percebemos que não consideram a leitura um objeto de poder, conhecimento e aprendizagem; destacam uma leitura meramente escolar e, nas diversas situações cotidianas, não se identificam com outras leituras. Os estudantes destacam que leem textos escolares e não se dedicam a outras formas de literatura.

**Gráfico 9** : leitura de um livro completo



Fonte: elaborado pela autora, 2020

Prosseguimos com uma pergunta sobre preferências pois gostaríamos de obter esclarecimentos acerca das preferências e conhecimentos de gêneros textuais. Nessa opção, estudantes puderam escrever o que mais gostavam e o resultado revela uma variedade de escolhas e as crônicas aparecem com apenas 10% do percentual, mesmo sendo conteúdo do Ensino Fundamental II. Durante as aulas virtuais e as interações na plataforma, entretanto, constatamos que falta conhecimento específico do gênero em questão como de outros.

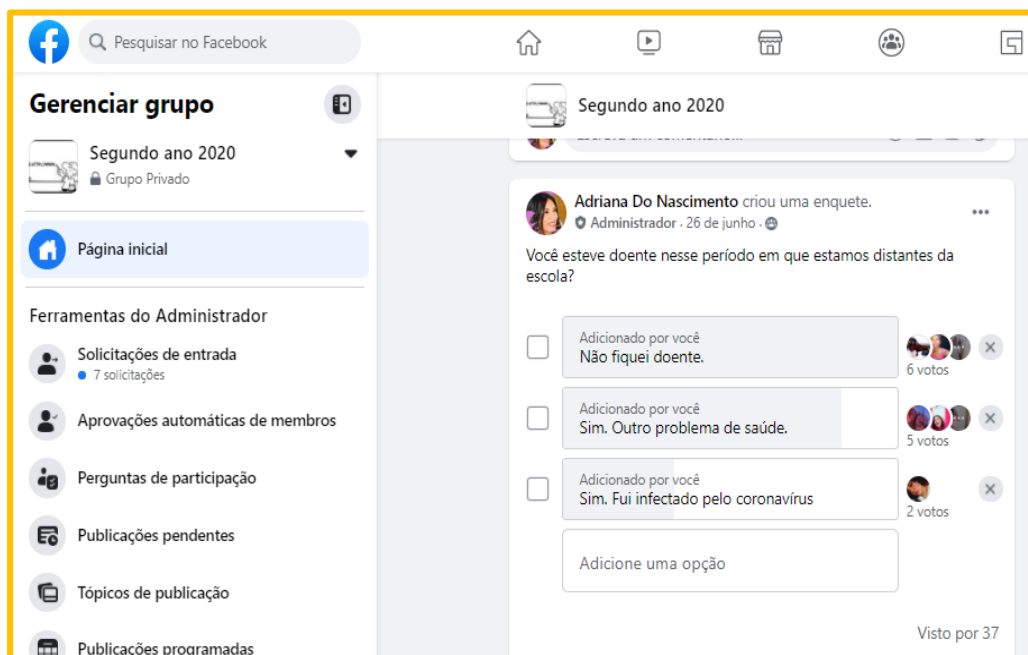
Finalizando as perguntas, indagamos sobre a leitura de um livro completo e o resultado se mostrou bastante positivo e animador, pois percebemos a possibilidade de estimular maior autonomia e leitura de outros textos e livros. Essas informações formaram uma rede de ideias que auxiliaram nossa busca e nos ancoramos no referencial teórico apresentado para construção do material didático. O questionário com cinco questões apresentava elementos necessários ao desdobramento dos objetivos traçados na pesquisa.

Destacamos Thiolent( 2011, p.22) quando apresenta a importância dos dados: “Não se trata de simples levantamento de dados ou relatórios para serem arquivados, com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”.

Ao refletir sobre as respostas, realizamos uma enquete no *Facebook*, pois percebemos as dificuldades na concretização das atividades, embora tenham respondido ao questionário. Julgamos importante não apenas os questionários, mas o fortalecimento de vínculos e a reorganização das propostas que exigiram muito mais atenção para intervenções e auxílios aos estudantes no período conturbado de pandemia.

Este apoio virtual não substitui o ambiente presencial, mas assegurou a execução da pesquisa. Após a enquete, percebemos a importância de fortalecer laços com esses estudantes que vivem em áreas desfavorecidas e sofriam diretamente com falta de água e, muitas vezes, saneamento básico, mas se empenhavam em participar e não se distanciaram totalmente do universo escolar. Intensificamos a postagem dos vídeos explicativos, pois, mesmo que não assistissem ao vivo, visualizariam posteriormente. Questionamos, ainda, sobre a situação de saúde, por uma necessidade de empatia diante dos desafios impostos ao longo da aplicação do produto. Ressaltamos, também, a importância da escola na comunidade, pois, muitas vezes, torna-se local onde se sentem mais seguros, se alimentam e convivem com os demais colegas.

**Figura 9:** enquete 1



Fonte: arquivo da autora, 2020

A maioria não se infectou com o novo Coronavírus, fato que nos tranquilizou nas ações e propostas, que não fariam sentido caso estivessem doentes.

Através das perguntas iniciais foi possível reunir elementos para compreensão da relação dos alunos com textos e leitura e, a partir daí, prosseguir a investigação iniciada na escola e seus efeitos com o grupo pesquisado. Os dados apresentados nos gráficos anteriores nos levaram ao desafio da prática e esta pesquisa-ação se fortaleceu com a troca de experiências e a compreensão da realidade vivida pelos estudantes. Com isso, nossas ideias foram traduzidas em atividades organizadas no produto educacional que veremos a seguir.

#### **4- PRODUTO EDUCACIONAL: apresentação e mudanças ao longo da pesquisa**

O Produto do Mestrado Profissional é desenvolvido com objetivo pedagógico e integrador de teoria e prática, aplicado como instrumento de apoio aos estudantes envolvidos no processo de pesquisa. Como resultado de nossa proposta, apresentamos um material didático (figura 10) construído ao longo do estudo.

A característica principal do material é a criação recursos didáticos destinados à compreensão leitora. Com esse material, buscamos contribuir para a reflexão sobre a importância da leitura, o respeito às diferenças e às diversidades presentes no contexto da sala de aula.

Consideramos que a construção do produto educacional deva abranger a teoria e a prática, envolvendo todos os participantes na pesquisa. Julgamos ser relevante destacar esse aspecto por se tratar de uma pesquisa que tem a proposta de colaborar com seus esforços no sentido de oferecer condições de apresentar um material que contenha desafios possíveis, comprometido com aspectos sociais e favoráveis à participação dos estudantes e à observação com o compromisso social.

O projeto foi planejado, inicialmente, para ser aplicado de forma presencial no campo pesquisado, reunindo cinco textos de Lima Barreto utilizados com estudantes do segundo ano do Ensino Médio regular, com objetivo de discutir os temas presentes na vida cotidiana.

**Figura 1:** capa do produto educacional



Neste estudo, relacionado a uma proposta de atividades com a leitura com vistas à melhoria da compreensão leitora, propomos reflexão de saberes que podem aperfeiçoar a prática de professores, sobretudo, os de Língua Portuguesa. Tencionamos, ainda, contribuir com os estudantes devido à urgência do trabalho com a leitura, problema observado ao longo dos anos de nossa experiência no magistério da educação básica, bem como tutora presencial no consórcio CEDERJ (Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro).

Assim, buscamos textos que oferecessem o prazer na leitura coadunando com as urgências cotidianas vividas na comunidade. Para tal, selecionamos textos do gênero crônicas, pela atualidade da linguagem, pelos temas cotidianos, que provocam a análise de situações enfrentadas pelos alunos ou pessoas próximas. O convite à leitura de crônicas gerou debates e reflexões importantes, ampliando a visão de mundo, pois muitos desses estudantes nunca saíram de seus bairros ou se afastaram para bairros vizinhos. Eles se afastam das proximidades de sua residência somente para ir à escola, mas não costumam visitar outras localidades da cidade.

A análise da crônica, em primeira pessoa, também fez com que percebessem a importância de ter conhecimento dos problemas da cidade, de se envolverem com o que ocorre e terem a possibilidade de expressão e reconhecimento de suas vozes. Explorar a crônica e tentar descobrir as intenções do autor também representou um desafio. A leitura feita sob esse prisma fez com que entendessem o tom crítico das palavras de Lima Barreto, selecionadas para esta pesquisa.

A escolha do gênero em nada prejudicou os componentes curriculares propostos para o ano de escolaridade, como veremos a seguir na análise do currículo, mas complementou e auxiliou, visto que nossa proposta consistiu em ampliar o entendimento e a autonomia na leitura dos textos selecionados e, possivelmente, dos textos que circulam socialmente. Para a organização do material consultamos a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), pois estamos no ano de sua homologação e também fizemos uma leitura cuidadosa do currículo mínimo sugerido pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que

preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)<sup>1</sup>, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica(DCN). Disponível em [basenacionalcomum.mec.gov.br](http://basenacionalcomum.mec.gov.br)

A BNCC, prevista na Constituição de 1988, traz em seu texto uma proposta que unifica os currículos nas escolas públicas e privadas no Brasil inteiro que garanta um conteúdo comum a todos os estudantes:

[...] a Carta Constitucional, no Artigo 210, já reconhece a necessidade de que sejam “fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988). Com base nesses marcos constitucionais, a LDB, no Inciso IV de seu Artigo 9º, afirma que cabe à União estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum. Disponível em [basenacionalcomum.mec.gov.br](http://basenacionalcomum.mec.gov.br)

A BNCC apresenta, em seu texto, um foco no desenvolvimento das competências e dos conteúdos, que respeita a igualdade e a equidade. Precisamos encará-la como uma sugestão para elaboração dos currículos e não o currículo fechado. Embora haja muitas discussões sobre sua forma de aplicação, com o argumento da existência de engessamento nas ações docentes e de lacunas nas propostas apresentadas, já circula a versão final do documento.

Seguimos com a análise do Currículo Mínimo proposto em 2011 pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC). Foi elaborado de acordo com informações em sua apresentação, seguindo as orientações e os documentos do MEC (Ministério de Educação e Cultura) e suas diretrizes, as legislações vigentes e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

**Figura 11:** Currículo da SEEDUC/RJ

---

Vejamos, então, os pontos da edição de 2011 que foram mantidos ou reforçados, por terem sido considerados fortemente positivos:

- concepção das aulas de Língua Portuguesa e Literatura como laboratórios de leitura e produção textual;
  - apresentação de descritores objetivos e detalhados com foco em *habilidades e competências*, com fixação de *eixos bimestrais* em torno de gêneros textuais;
  - articulação entre os três níveis centrais dos eixos bimestrais, com atenção aos efeitos da sequência dos bimestres e séries;
  - inserção de alguns gêneros e tipos textuais *atuais*, vinculados mais diretamente às novas tecnologias da comunicação;
  - presença forte do trabalho com textos *dissertativos* no Ensino Médio, pelas expectativas que incidem sobre esse público;
  - indicação mais detalhada dos trabalhos de produção textual a serem desenvolvidos (com destaque para a reescrita);
  - orientação mais pontual a respeito das possibilidades de inclusão de conteúdos relacionados à história e à cultura negra e indígena;
  - relação mais madura entre a proposta curricular e a organização dos diversos livros didáticos das escolas da rede estadual e conexão mais direta entre a organização geral das avaliações externas.
- Isto considerado, as alterações visíveis nesta edição se deram no sentido de atender às críticas e sugestões recebidas, e podem ser resumidas pelos seguintes tópicos:
- acerto ou explicitação de oscilações terminológicas entre *tipos textuais* e *gêneros textuais* ou discursivos;
  - distribuição mais equilibrada e equânime do conteúdo específico de Literatura ao longo de todos os bimestres do Ensino Médio, articulando em cada eixo gêneros literários e não literários;
  - tematização explícita do Pré-Modernismo e da relação da nossa produção com fontes portuguesas e greco-romanas;
  - reforço no foco do trabalho com textos dissertativos/ argumentativos, em especial do Ensino Médio;
  - acerto de algumas sequências de exposição relacionadas à aquisição de conhecimento gramatical;
  - revisão de descritores que pareciam mais complexos ou obscuros;
  - incorporação de um "cálculo pragmático" crucial dentro da estrutura sequencial dos bimestres, pelo fato agora bem reconhecido e sinalizado de que o 4º bimestre letivo é o mais acidentado de todos (e por isso deveria continuar prevendo um conteúdo mais complexo, para fazer jus à lógica da sequência, mas por outro lado deveria ser mais enxuto, considerando o número efetivo de aulas que chegam a ser dadas).
- 

Fonte: disponível em <https://cedcrj.files.wordpress.com/2018/03/producao3a7c3a3o-textual.pdf>

Foram desenvolvidos currículos nas áreas de Matemática, Língua Portuguesa/Literatura, História, Geografia, Filosofia e Sociologia, destinados aos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio Regular. No ano de 2012, o Currículo Mínimo sofreu uma revisão das disciplinas apresentadas em 2011 e incluiu outras disciplinas: Ciências/Biologia, Física, Química, Língua Estrangeira, Educação Física e Arte. Portanto, em 2012. A nova versão do Currículo chega às unidades escolares com orientações para as doze disciplinas previstas como base comum. Em sua apresentação, o Currículo Mínimo orienta que

Este documento serve como referência a todas as nossas escolas, apresentando as competências e habilidades que devem estar nos planos de curso e nas aulas. Sua finalidade é orientar, de forma clara e objetiva, os itens que não podem faltar no processo de ensino aprendizagem, em cada disciplina, ano de escolaridade e bimestre. (RIO DE JANEIRO, 2012, p.2 )

Nessa direção, o Currículo Mínimo buscava, como objetivo principal, que as unidades escolares trabalhassem de forma harmoniosa e abordassem os mesmos temas e os mesmos assuntos que, por sua vez, compõem as avaliações externas e de larga escala, como o ENEM, a Brasil, o Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica ) e o Saerj (Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro), que é a avaliação externa da própria rede estadual de ensino na época da implantação do currículo .

Analisando as definições fornecidas pelo documento e os eixos indicados, percebemos ausência de propostas que priorizem a compreensão leitora como prática nas salas de aula. As habilidades de leitura estão apenas e diretamente relacionadas aos movimentos literários e seus contextos sociais; priorizando, ainda, que os estudantes sejam capazes de identificar gerações dos estilos, tendências literárias, entre outros temas.

Diante disso, analisamos cada bimestre e concluímos que a compreensão não faz parte das propostas curriculares, chamando nossa atenção a forma como os estudantes poderão desenvolver os conteúdos, ler textos escritos de outras épocas, com linguagem e vocabulário distantes de seu contexto social. Causa certa apreensão a falta de estratégias para despertar nos estudantes interesse para: “Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto social da época”, como observamos o conteúdo do primeiro bimestre do segundo ano.

Prosseguimos, analisando as informações registradas no documento oficial fornecido pela SEEDUC e constatamos a ausência de alguma referência à importância do trabalho com a compreensão leitora, como podemos constatar nos conteúdos selecionados apresentados na imagem a seguir:

**Figura 22:** Currículo mínimo SEEDUC/RJ 1º bimestre

Língua Portuguesa e Literatura		2ª SÉRIE / ENSINO MÉDIO
<b>1º Bimestre</b>		
<b>Eixo</b>	<b>Poesia e romance no romantismo/ resumo e resenha</b>	
<b>Habilidades e Competências</b>	<b>LEITURA</b>	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto social da época.</li> <li>- Identificar nas obras literárias estereótipos e discriminações quanto à presença negra e indígena.</li> <li>- Distinguir as três gerações do Romantismo brasileiro.</li> <li>- Reconhecer a importância da enumeração e da eliminação como processos para a elaboração do resumo.</li> <li>- Reconhecer na resenha a finalidade de expor criticamente um ponto de vista sobre manifestações artísticas.</li> </ul>	
	<b>USO DA LÍNGUA</b>	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar as figuras de linguagem presentes na estética romântica.</li> <li>- Identificar a existência de diferentes classes de palavras.</li> <li>- Identificar os termos essenciais da oração.</li> <li>- Reconhecer e utilizar diversas marcas modais nos verbos.</li> <li>- Reconhecer mecanismos de coesão referencial e sequencial.</li> <li>- Empregar adjetivos valorativos e advérbios como mecanismo de introdução do juízo de valor e recurso modalizador.</li> </ul>	
	<b>PRODUÇÃO TEXTUAL</b>	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Produzir resumos dos textos críticos que analisam os textos literários estudados.</li> <li>- Produzir resenhas dos romances estudados, relacionando-os à discussão de paradigmas e temas da atualidade.</li> </ul>	

Fonte: disponível em <https://cedcrj.files.wordpress.com/2018/03/produca3a7c3a3o-textual.pdf>

Observamos que há, hipoteticamente, a percepção de que os estudantes já conhecem os conteúdos programáticos e que estes são muito “naturais” na vida diária. Entretanto, nestes anos de docência, vemos muitos alunos fracassarem nos conteúdos apresentados que dificultam o que precisa ser compreendido e o que é necessário para que tenham sucesso nas tarefas. Como já mencionamos, é preciso que se criem estratégias que os incentivem ao estudo autônomo e individual, que possibilitem um bom desempenho nas atividades escolares.

Diante de tais observações elaboramos um material didático para os estudantes do ensino médio com objetivo de contribuir nas atividades de compreensão leitora, sem a pretensão de solucionar a questão, mas ampliar a discussão sobre o assunto. Tivemos de fazer adaptações da ideia inicial para a aplicação da proposta devido ao alto risco que se apresentou em nosso país no mês de fevereiro e obrigou o fechamento das escolas em março, seguindo os protocolos sanitários impostos pela Organização Mundial de Saúde (OMS). A covid-19 atingiu a todo o mundo devido ao alto risco de contaminação e letalidade nunca visto em uma pandemia neste século. Por essa razão, apesar de

divergências políticas, as escolas, consideradas serviços não essenciais, fecharam suas portas, em março de 2020, e nós docentes, precisamos prosseguir com as ações e garantir nossas atividades de forma remota.

O trabalho com jovens e adolescentes, sempre desafiador, nos fez refletir sobre as novas formas de aplicação do produto. Desse modo, com os usos das tecnologias, buscamos amenizar a situação de distanciamento social e concluir as ações iniciadas antes das medidas restritivas.

Entretanto, já utilizávamos o *Facebook* como uma ferramenta pedagógica através da proposta de sala de aula invertida, no qual criamos um grupo fechado para a realização das postagens, das interações, dos vídeos, dos comentários, dos conteúdos, dos arquivos, dos links de vídeos, além de vídeos ao vivo e de sala de debates ainda no início do ano. Os jovens, em sua fase de descoberta e de expressão, utilizam as redes sociais com essa finalidade e se familiarizam rapidamente com as propostas. Contudo, dificilmente as enxergam como possibilidades de estudos e aprendizagem, percebendo como objetivo apenas as “curtidas”. Quando se deparam com um espaço de estudos, questionam, mas logo compreendem a proposta que vem ganhando cada vez mais adeptos.

Embora haja dificuldades nos acessos devido à falta de internet, observamos que as ferramentas tecnológicas nos auxiliaram como um recurso didático que tornou possível atender às demandas que surgiram neste momento de cumprimento das medidas instituídas a fim de reduzir a contaminação pelo Corona vírus e concluir as atividades do material didático.

#### **4.1 A sala de aula invertida e sua aplicação nesta pesquisa**

Ao adentrarmos no século XXI, nos deparamos com um cenário sociotécnico que evidencia mudanças organizacionais, econômicas, culturais e sociais que acabam por implicar e metamorfosear a maneira como pensamos, conhecemos e interagimos com o mundo. Isso exige pensar sobre a escola e sua forma de ensino. Vários acontecimentos de importância histórica transformaram o cenário social e político da vida humana, que passou a ser caracterizado como uma conjuntura que faz emergir as tecnologias digitais

em rede que começam a remodelar a sociedade a partir dos estudos voltados para cibercultura.

O termo “cibercultura” expõe uma nova forma de comunicação gerada pela interconexão de computadores ao redor do mundo, não abrangendo apenas a infraestrutura material, mas também um novo universo informacional que abriga os seres humanos que o mantêm e o utilizam. Para Levy (1999), as particularidades técnicas do ciberespaço, ou seja, das redes digitais, “permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários” (Lévy, 1999, p.49)

Conforme entendimento de vários teóricos, vivemos na chamada sociedade pós-moderna, ou sociedade da informação ou, ainda, sociedade do conhecimento. Percebemos, em nosso cotidiano, mudanças no que se refere às formas de nos relacionarmos com as outras pessoas devido ao uso da tecnologia. Presenciamos o avanço de reuniões virtuais e de contatos via mensagens por aplicativos que aproximam e, ao mesmo tempo, distanciam, mas que foram fundamentais em tempos de pandemia.

Os modelos familiares e a relação com o trabalho foram transformados, assim como o modo de encarar o estar e o agir no mundo. Estamos em um momento, na corrente do tempo, que é chamado por Morin (2007) de “Era da incerteza”. Segundo o autor, vivemos um momento extraordinário de “turbulência nas ideias e nas construções intelectuais, fusões de disciplinas, redistribuição dos domínios do saber, crescimento do sentimento profundo de incerteza” (Morin, 2007, p.7). Diante da pandemia, as incertezas são constantes e as perguntas nos movem para onde as respostas não surgem.

Neste momento de turbulência nas ideias e nas construções intelectuais, conceitos como cibercultura (Lévy, 1999), Inteligência coletiva (Lévy, 2002), Sociedade em redes (Castells, 1999) e Ciberespaço (Lévy, 2002), entre outros, passam a engendrar nosso meio social. Em consequência de uma sociedade em que o conhecimento em rede e colaborativo se torna cada vez mais valorizado, voltamos nossos pensamentos e nossa pesquisa para os paradigmas que regem a Educação em tempos de cibercultura.

As tecnologias de informação e comunicação potencializaram os espaços de convivência e aprendizagem, principalmente, quando levamos em consideração o uso de interfaces interativas, mídias digitais e redes sociais. No ciberespaço e, especificamente,

nos ambientes virtuais de aprendizagem os saberes são produzidos pela cibercultura, principalmente, no que se refere a aprender com o outro e em conjunto, construindo uma rede de aprendizagem em um ambiente aberto, plástico, fluido, atemporal e ininterrupto.

Diante da inserção da multiplicidade de linguagens e tecnologias, cada vez mais se faz necessário conhecê-las e utilizá-las nas questões relativas aos espaços escolares e, dessa forma, ampliar seus usos. Temos, como objetivo, demonstrar como a sala de aula invertida aponta resultados eficientes, ultrapassando os muros escolares e levando os alunos a uma reflexão sobre o protagonismo na aprendizagem. Na impossibilidade do contato presencial, através dessa metodologia, surgiu a possibilidade de prosseguimento e continuidade de aplicação do material didático construído ao longo da pesquisa.

#### **4.2. A sala de aula invertida**

A sala de aula invertida está dentro da metodologia ativa e começa a ganhar cada vez mais adeptos entre os professores. Esse ambiente produzido pela cibercultura favorece aprendizagem e traz uma reflexão sobre novas formas de aprender. Com a inversão da lógica da sala, os alunos têm, anteriormente, acesso aos conteúdos que serão abordados no espaço físico da escola e oportunidade de dirimir as dúvidas surgidas durante os estudos anteriores. Entretanto, no ano de 2020, tudo foi realizado no ambiente virtual, as postagens antes das aulas e as discussões de forma remota.

A proposta de utilizarmos a sala de aula invertida como metodologia pauta-se em autores que apontam a necessidade de uma reflexão sobre a tecnologia e os modelos de escola que apenas priorizam o saber central na figura do professor. Sobre este assunto, Moran (2015) afirma que

As instituições educacionais atentas às mudanças escolhem fundamentalmente dois caminhos, um mais suave - mudanças progressivas - e outro mais amplo, com mudanças profundas. No caminho mais suave, elas mantêm o modelo curricular predominante – disciplinar – mas priorizam o envolvimento maior do aluno, com metodologias ativas como o ensino por projetos de forma mais interdisciplinar, o ensino híbrido ou blended e a sala de aula invertida.

Esse modelo busca aulas mais atrativas e dinâmicas, nas quais o protagonismo discente é valorizado e as situações reais são apresentadas aos alunos (nesta pesquisa, textos que discutem a realidade).

Cabe destacar que ensinar e aprender tornam-se mais interligados, ampliando a relação física e digital, estendendo a sala de aula para fora do ambiente e espaço escolar. O professor age como mediador e curador desse processo. Ao pensar no papel da escola e no trabalho com um aluno mais participativo, podemos pensar em formas de proporcionar elementos que permitam novas possibilidades e experiências com o mundo digital e integração dos espaços como nos diz Moran:

O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontecem numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. Por isso a educação formal é cada vez mais blended, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais. O professor precisa seguir comunicando-se face a face com os alunos, mas também digitalmente, com as tecnologias móveis, equilibrando a interação com todos e com cada um. (MORAN, 2017)

A inversão da lógica da sala de aula conseguiu proporcionar essa experiência, tanto para estudantes como para nós que atuamos como professora e pesquisadora. Com isto, os alunos tornam-se, efetivamente, protagonistas do processo de construção de conhecimentos e aprendizagem. Essa prática indica que o interesse pelas atividades propostas aumenta, visto que participam, emitem opiniões, tendo conhecimento prévio dos assuntos. Os alunos não recebem apenas uma educação na qual os conteúdos são ministrados somente nos dias e horários das aulas sem conhecimento anterior do que será abordado. Com a inversão da sala de aula, o aluno recebe e se apropria dos conteúdos antecipadamente e as discussões transcorrem com maior fluidez e participação dos estudantes que se envolvem cada vez mais. Moran (2015) observa que

A sala de aula se amplia, dilui, mistura com muitas outras salas e espaços físicos, digitais e virtuais, tornando possível que o mundo seja uma sala de aula, que qualquer lugar seja um lugar de ensinar e de aprender, que em qualquer tempo possamos aprender e ensinar, que todos possam ser aprendizes e mestres, simultaneamente, dependendo da situação, que cada um possa desenvolver seu ambiente pessoal de aprendizagem (PLE) compartilhando-o com outros e neste compartilhamento, enriquecendo-se mutuamente.

A utilização desse recurso faz com que docentes e discentes interajam e aprendam com frequência, fazendo com que o processo formativo seja enriquecido e professores e professoras atuem como agentes de mudança para o aprendizado, observando que o uso da internet tem potencial além das interações sociais. Esse recurso tem potencial de práticas que envolvam o aluno, este jovem habituado ao uso das redes sociais.

É impossível hoje falar das diferentes salas de aula porque o que está mudando é o mundo, o acesso e compartilhamento de informações e construção individual e coletiva do conhecimento. Se mudamos como aprendemos a sala de aula, esta nunca será mais a mesma (mesmo quando não muda de lugar). Disponível em [www.moderna.com.br/educatrix](http://www.moderna.com.br/educatrix)

Diante dessa reflexão optamos pelo protagonismo discente com uma metodologia que valoriza a criatividade, autonomia, em horários variados para estudos tornando o processo de aprender mais prazeroso e eficaz. Os estudantes percebem o desafio dessa prática pedagógica na qual não são sujeitos passivos que recebem o conhecimento transmitido pelo professor, mas se envolvem na investigação de informações e na produção de conhecimentos. Esse novo paradigma e nova concepção educacional muda as aulas apenas expositivas e teóricas pois possibilita que o aluno seja ativo e se sinta muito mais animado com isso. Planejar e reconhecer as oportunidades oferecidas nesse processo é fundamental, pois não se trata apenas de tecnologia, mas de metodologia. Precisamos compreender que

No modelo disciplinar, precisamos “dar menos aulas” e colocar o conteúdo fundamental na WEB, elaborar alguns roteiros de aula em que os alunos leiam antes os materiais básicos e realizem atividades mais ricas em sala de aula com a supervisão dos professores. Misturando vídeos e materiais nos ambientes virtuais com atividades de aprofundamento nos espaços físicos (salas) ampliamos o conceito de sala de aula: Invertemos a lógica tradicional de que o professor ensina antes na aula e o aluno tente aplicar depois em casa o que aprendeu em aula, para que, primeiro, o aluno caminhe sozinho (vídeos, leituras, atividades) e depois em sala de aula desenvolva os conhecimentos que ainda precisa no contato com colegas e com a orientação do professor ou professores mais experientes. (MORAN, 2017)

Moran destaca que essa mistura traz o enriquecimento às aulas e nós, docentes, agimos, nesse momento, como um par capaz de apoiar e retirar as dúvidas ao longo do processo. Entretanto não diminui a participação dos estudantes que se envolvem como sujeitos inseridos no mundo, e os desafios propostos tornam-se elementos positivos na construção do próprio conhecimento.

Em tempos de pandemia e diante variáveis inimagináveis, a aplicação do produto nesta pesquisa contou com a inversão da sala de aula e seu uso totalmente remoto. Os desafios foram inúmeros, contudo, os estudantes não se eximiram de participar, mesmo em momentos tão incertos. Mas os desafios enfrentados por nós estão para além da crise sanitária e o advento da tecnologia não pode ficar do lado de fora da escola. Pensar uma educação que possibilite um cenário de mudança é urgente, como Moran diz

Em educação – em um período de tantas mudanças e incertezas - não devemos ser xiitas e defender um único modelo, proposta, caminho. Trabalhar com modelos flexíveis com desafios, com projetos reais, com jogos e com informação contextualizada, equilibrando colaboração com a personalização é o caminho mais significativo hoje, mas pode ser planejado e desenvolvido de várias formas e em contextos diferentes. (MORAN, 2017)

Novos e possíveis caminhos foram delineados até aqui para que os estudantes tivessem oportunidades de realizar as propostas diante das dificuldades impostas, mas o essencial para que essa mudança significativa ocorresse foi uma aprendizagem que pudesse compreender o momento vivido pela sociedade, que está em constante mudança, mas que teve de parar com inúmeras atividades, incluindo fechamento de escolas, por não ser considerada serviço essencial.

Com esta geração que, de alguma forma, utiliza a tecnologia, as aulas podem ser mais atraentes e convidativas e, especificamente, para esta pesquisa, a proposta de inversão da sala de aula emerge como uma perspectiva de troca de saberes, em que os discentes são instigados pela mediação pedagógica com interações frequentes que se enquadram no processo de ensino e aprendizagem. Demostramos, seguir, com o infográfico, um resumo da proposta que foi adaptada para o ambiente virtual, as discussões que seriam no ambiente presencial, de acordo com a propostas de ensino híbrido.

## COMO FUNCIONA?

**Figura 33** :Sala de aula invertida



Fonte: elaborado pela autora por meio do aplicativo Canva, 2020

A forma híbrida de ensinar e aprender ganha novos espaços e, por mais que possa parecer complexa, é possível pois

Híbrido significa misturado, mesclado, blended. A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo agora, com a mobilidade e conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo. Podemos ensinar e aprender de inúmeras formas, em todos os momentos, em múltiplos espaços. Híbrido é um conceito rico, apropriado e complicado. Tudo pode ser misturado, combinado e podemos, com os mesmos ingredientes, preparar diversos “pratos” com sabores muito diferentes. (MORAN, 2017)

Estes novos sabores inspiram o trabalho com a tecnologia, sua riqueza de possibilidades e descobertas que levam os alunos a um avanço com múltiplas linguagens, projetos e até *games*. Esse aluno se identifica pois reconhece que não basta usar a internet, mas é necessário participar do próprio conhecimento.

A proposta da inversão do modelo de sala de aula mostra como as atividades se desenvolvem de forma diferente com o que habitamos nos moldes mais tradicionais e os estudantes podem exercer seu protagonismo além de estender os espaços de estudos, ainda que adaptados. Essa adaptação ocorreu, pois, como já informado, as aulas foram suspensas e os debates que ocorreriam na escola foram realizados com uso da tecnologia de forma virtual. A proposta foi possibilitada pelo fato de não ser estabelecida apenas para a pesquisa; já era uma prática metodológica que os alunos tiveram oportunidade de conhecer antes do encerramento das atividades escolares no espaço físico.

Dessa forma, os estudantes não estranharam o processo, embora estivéssemos bem na etapa inicial do ano letivo, mas tudo já havia sido explicado e o grupo fechado, formado anteriormente à suspensão das aulas presenciais nas unidades escolares. O grupo no *Facebook* conta com 59 membros ativos; disponibilizamos uma página no aplicativo Instagram, com 115 seguidores, que é complementado com dicas, sugestões de leitura e mensagens rápidas. Há, ainda, grupos de *WhatsApp* com cada uma das três turmas. Partilhamos informações nas três plataformas, contudo, o *Facebook* destaca-se com maior número de atividades, devido às possibilidades de interação, organização de arquivos e armazenamento de informações e por já ser uma plataforma utilizada pelos estudantes.

A seguir, apresentamos as imagens do grupo no Facebook e Instagram que nos auxiliaram durante a pesquisa, cumprindo as ações que deveriam ser realizadas no ambiente presencial.

**Figura 44:** perfil no Instagram utilizado com as turmas



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

As imagens mostram o engajamento das turmas, ainda que de forma diferente da proposta inicial, que seria virtual e presencial, no qual os estudantes puderam aprender em um momento tão delicado enfrentado pela população mundial. Veremos adiante a aplicação das propostas.

**Figura 55:** perfil no Facebook utilizado com as turmas



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

### 4.3 Aplicação das atividades nos ambientes presencial e virtual.

Como já mencionamos, em relação a esta pesquisa, queremos que os alunos leiam, compreendam, possam discutir sobre os textos lidos e avancem em suas posições críticas na sociedade em que estamos inseridos. Acreditamos que textos como as crônicas, especialmente de Lima Barreto, muito contribuem para o alcance de nossos objetivos.

Agrada-nos a ideia de abordar um gênero tão variado como a crônica. Imensamente rica, nos faz refletir sobre o cotidiano, aborda temas, fatos e atos que fazem jus ao registro pelas palavras de quem as escreve; a crônica é lida por um público cada vez maior. Já é uma tradição no mercado editorial do Brasil livros com reunião de textos que podem ser lidos nas escolas, ultrapassando as páginas de jornais e revistas ratificando seu valor com textos que podem agradar ao público de variadas idades.

A riqueza desses textos que têm em sua linguagem o tom de comentário, contando histórias, têm força nas salas de aulas e, quando as lemos, os estudantes se identificam com as narrativas, relatando que têm a impressão de ouvirem as vozes dos autores. Por essa razão, destacamos aqui o incentivo à leitura das crônicas para os alunos de Ensino Médio que, por vezes, se sentem desestimulados durante as aulas. Entretanto, não nos isolamos nessa atitude de valorização das crônicas.

O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor. Quando vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando nas leituras do meu tempo de secundário. Fico comparando e vendo a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante. (CANDIDO, 2003; p.16)

Sabemos que a capacidade de compreensão leitora necessita de estímulo frequente e esperamos poder auxiliar de forma prática, ampliando a capacidade de reflexão crítica, bem como desenvolvimento da oralidade.

Continuando nosso caminho, especificamente, para este trabalho, cuja proposta foi buscar estratégias para que os estudantes descobrissem algumas abordagens de Lima Barreto sobre a cidade do Rio de Janeiro. Poderíamos verificar como suas crônicas e a influência em nossa literatura contribuíram para conhecermos a cidade no início do século XX e observarmos que os temas por ele abordados há quase 100 anos continuam presentes nos dias de hoje.

Justifica-se, neste estudo, a escolha das abordagens de Lima Barreto, tendo-se em vista que era carioca, negro, pobre e vivia às margens da tradição e olhava para a cidade com sinceridade e coragem militante de relatar a parte mais triste do antigo Distrito Federal, termo que odiava. Escrevia de maneira distinta de seus contemporâneos, num registro coloquial; “conversava” com uma linguagem franca e pessoal, colocando-se de uma forma que envolve quem ouve ou lê.

Como já frisamos, o objetivo deste estudo relaciona-se às questões concernentes à compreensão leitora com alunos de Ensino Médio. Seguindo essa premissa, investimos em buscar arcabouço conceitual que nos apoiasse, possibilitando que nossos objetivos fossem alcançados.

Diante disso, o presente estudo se constituiu em uma tentativa de compreendermos um pouco mais do universo das crônicas e sua importância na literatura nacional, os recursos textuais para ampliar a interação com o leitor. Observamos que um estudo sobre a compreensão leitora é estimulante e, ao mesmo tempo, extremamente desafiador. De acordo com Smith:

A compreensão não pode ser medida do mesmo modo que alguns aspectos da informação. A compreensão não pode ser absolutamente medida, apesar dos esforços educacionais para fazê-lo, uma vez que não é quantidade de qualquer coisa. A compreensão não possui dimensão ou peso, não é incremental. A compreensão não é o oposto da incerteza ou mesmo da ignorância, e, portanto, não é qualificável como a acumulação de números de fatos ou itens de informação. Ao contrário, a compreensão é mais apropriadamente considerada como um *estado*, o oposto de confusão. [...] a compreensão é a possibilidade de se relacionar o que estamos observando no mundo a nossa volta, ao conhecimento, intenções e expectativas que já possuímos em nossas cabeças. (SMITH, 1989, p. 72)

Diante das palavras do autor muito refletimos sobre atividades e propostas apresentadas aos alunos que relataram suas dificuldades na compreensão dos textos, como verificamos no gráfico 7. Nossa proposta não é, absolutamente, quantificar, mas estimular as leituras e a compreensão possível naquele momento. Segundo o mesmo autor:

A maneira como entendemos algo agora pode se provar inapropriada mais tarde. Ter-se uma ideia errada sobre algo é constante possibilidade, mas, novamente, não é algo que se possa ser medido. E ninguém mais pode decidir por nós se estamos em um estado de compreensão ou confusão, embora outros possam discutir se estamos em tal estado por uma boa razão e até mesmo ajudar-nos a ir de um estado a outro. Compreensão e confusão são as consequências de quão bem lidamos com determinada situação na qual estamos, com o fato de sentirmos que sabemos ou não o que fazer a seguir. O

que pode ser compreensível para você pode não ser para mim. (SMITH, 1989, p. 73)

Dessa forma, as atividades estimulam a leitura, pois acreditamos que as crônicas selecionadas “conversam” com a realidade dos alunos, proporcionando uma ampliação nas informações e, conseqüentemente, maior conhecimento dos assuntos, visto que os incentivamos a buscarem outras fontes e outros meios para esclarecimento dos temas. Assim, não há exercícios como completar lacunas ou perguntas para localizar informações em determinado parágrafo. Pretendemos que os alunos possam amadurecer com essa experiência e busquem novas leituras que sejam possíveis e que tragam prazer.

Trazemos a contribuição de Geraldi (2011), ao afirmar que:

É por isso que se pode falar em leituras possíveis e é por isso também que se pode falar em leitor maduro e a “maturidade” de que se fala aqui não é aquela garantida constitucionalmente aos maiores de idade. É a maturidade de leitor, construída ao longo da intimidade com muitos e muitos textos. (GERALDI, 2011, p. 91, grifo do autor)

Concordamos com as palavras do autor, principalmente, no que diz respeito à intimidade com os textos, pois percebemos que os estudantes se esquivam da leitura e, durante todo o processo de pesquisa, nossos objetivos se voltavam para o estímulo e para a participação. O autor prossegue, enfatizando a necessidade de “Recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio- o prazer- me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de incentivo à leitura.” (Geraldi, 2011, p.98). Esclarecemos aqui nosso que nosso esforço não se constitui em solução, mas um passo que possa auxiliar a imersão dos alunos no mundo da leitura.

Esse esforço se apresenta nas atividades demonstradas a seguir. Iniciada no ambiente presencial com rodas de conversa, debates, reflexões sobre os títulos as crônicas foram lidas, em grupos, por nós, no papel de professora, e individualmente. “As enchentes “ (1915) e “País rico” (1920) foram discutidas na escola com a turma participante da pesquisa.

Já havia uma escolha prévia dos textos e (in)felizmente se encaixaram perfeitamente com o contexto do ano de 2020. A escola sofreu com a destruição causada pelas enchentes, como veremos nas imagens a seguir. A próxima imagem observada, através da janela da sala de aula, revela o desmoronamento dos barrancos, o muro quebrado, as máquinas e os trabalhadores no local na tentativa de recuperarem o que foi perdido com a enchente.

**Figura 66:** Fotografia da destruição local vista através da janela da sala de aula



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

### **Antes da pandemia**

**Proposta:** Exposição de fotos e criação de manchetes para as imagens registradas ao local atingido pelas enchentes.

**Objetivo:** para essa atividade a proposta visava à reflexão dos alunos sobre o bairro e as condições sociais em que vivem, apontando perguntas tais como: o que mudou e o que permaneceu ao longo do tempo após tantas enchentes no local?

**Desenvolvimento:** Apresentar o texto sem revelar data de publicação e o autor.

Leitura do texto, reflexão crítica sobre o título fazendo previsões sobre o assunto abordado com olhar para o bairro e a cidade do Rio de Janeiro.

Logo após a leitura, questionamos sobre as possíveis datas, propondo aos alunos questões como: levantamento de bairros e cidades mais atingidos pelas chuvas,

elaboração de reportagens sobre o assunto, levantamento de informações, para que as manchetes fossem coerentes e atrativas.

**Figura 77:** aula no ambiente presencial antes da pandemia



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

**Organização das etapas da atividade de criação de manchetes para as imagens das enchentes:**

- Roda para debates e leitura e debate sobre o assunto, para antecipar o que poderíamos esperar do texto;
- leitura do texto e confirmação das hipóteses levantadas durante a leitura dos títulos.
- reflexão sobre a data do texto e sobre os problemas causados pelas enchentes atualmente, que são os mesmos do passado;
- elaboração de roteiro para entrevista aos trabalhadores locais;

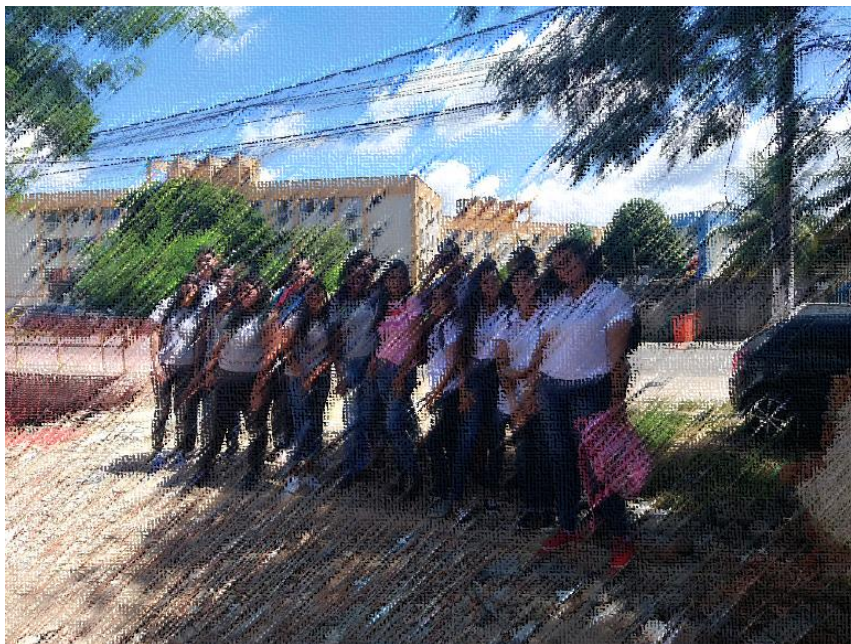
O roteiro foi organizado com a participação da turma após a leitura e as reflexões sobre o texto de 1915. Inicialmente, a data não foi mencionada, cabendo aos alunos “acertarem” a data. Tal fato não ocorreu e muito se surpreenderam com os problemas enfrentados pela cidade há mais de um século.

Em seguida, realizamos a visita ao local destruído, como podemos verificar nas imagens que pertencem ao nosso arquivo pessoal que mostra a roda de leitura e a visita ao local, sendo tais atividades feitas em dias diferentes.

**Figura 18:** visita ao local para realização da atividade proposta



**Figura 19:** a turma participante da pesquisa



Fonte das imagens 18 e 19: arquivo pessoal da autora, 2020

As imagens mostram o local alguns dias após as chuvas que derrubaram algumas casas, a igreja e uma fábrica, deixando pessoas sem suas casas e trabalhadores sem local para exercer suas atividades.

De volta ao debate após a visita, os estudantes tiveram as hipóteses confirmadas no texto e reflexões sobre o título “As enchentes”. Aprendemos mais sobre o autor Lima Barreto e o contexto social da época vivida pelo escritor, fato que despertou grande curiosidade e interesse para conhecer e pesquisar mais sobre suas obras. Os estudantes registraram suas conclusões no papel e iniciaram o processo de criação de legendas para exposição de fotos que seria realizada na escola e foi essa a última aula no ambiente presencial do Ciep 244 Oswald Aranha.

**Figura 80:** roda de fala e escuta após visita ao local da enchente



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

A exposição de fotos não teve condições de ocorrer na escola, mas na Plataforma *Facebook* para onde os estudantes enviaram pelos comentários.

Inicialmente, embora ainda estivéssemos no ambiente presencial para discussões, os textos eram enviados também pela plataforma virtual, como verificamos nas imagens a seguir

**Figura 91** atividade proposta na rede social



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

Entretanto, logo em seguida houve o fechamento das unidades escolares e o prosseguimento das atividades passou a ser inteiramente virtual.

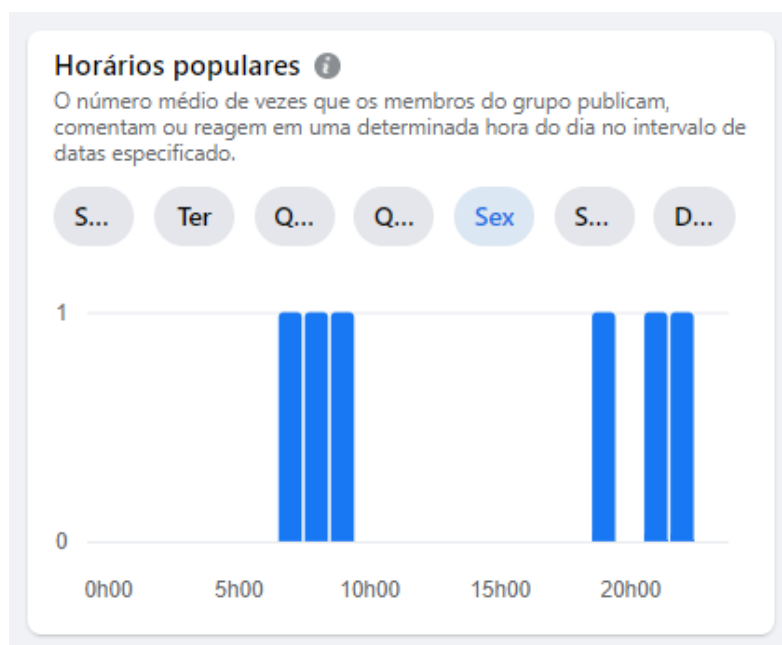
Nosso objetivo para as atividades a seguir foi demonstrar a importância das estratégias de leitura, como uma possibilidade no caminho para auxiliar a compreensão leitora de crônicas pelos alunos do Ensino Médio regular. O referencial teórico utilizado para as atividades destaca, além do referencial teórico que impulsionou a pesquisa, as contribuições de especialistas para as práticas, como Solé (1998), Kleiman, (2002) e Marcuschi (2009). Os autores destacam a importância do planejamento para atividades relacionadas à compreensão nas quais o adulto ou o leitor mais experiente auxilia no processo. Kleiman destaca a importância das estratégias, explicando-as:

Quando falamos de ESTRATÉGIAS DE LEITURA, estamos falando de operações regulares para abordar o texto. Essas estratégias podem ser inferidas a partir da compreensão do texto, que por sua vez é inferida a partir do comportamento verbal e não verbal do leitor, isto é, do tipo de respostas que ele dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que ele faz, de suas paráfrases, como também da maneira com que ele manipula o objeto: se sublinha, se apenas folheia sem se deter em parte alguma, se passa os olhos rapidamente e espera a próxima atividade começar, se relê. (KLEIMAN 2002, p.50, grifo da autora)

Numa tentativa de auxiliar os sujeitos envolvidos na pesquisa, utilizamos as estratégias de forma a enfatizar a concepção de leitura na qual o leitor interage com o texto. Para essa pesquisa, necessitamos fazer algumas adaptações na metodologia, diante do fechamento das escolas. A inversão da lógica da sala de aula permaneceu e o ambiente presencial foi substituído pelo virtual.

Nesse sentido, as intervenções não foram realizadas como haviam sido planejadas, mas tornaram-se possíveis através de encontros pela plataforma *Facebook*, em que os estudantes participavam e apresentavam suas dúvidas ao longo dos vídeos ao vivo, que ficavam gravados para que pudessem assistir em outro horário. A interação, entretanto, acontecia diariamente. A imagem, a seguir, mostra que parte dos estudantes assistia às aulas ao vivo e os que não podiam, visualizam à noite, como indicado nos horários populares registrados na plataforma.

**Gráfico 10** : observação das atividades dos alunos realizadas na plataforma



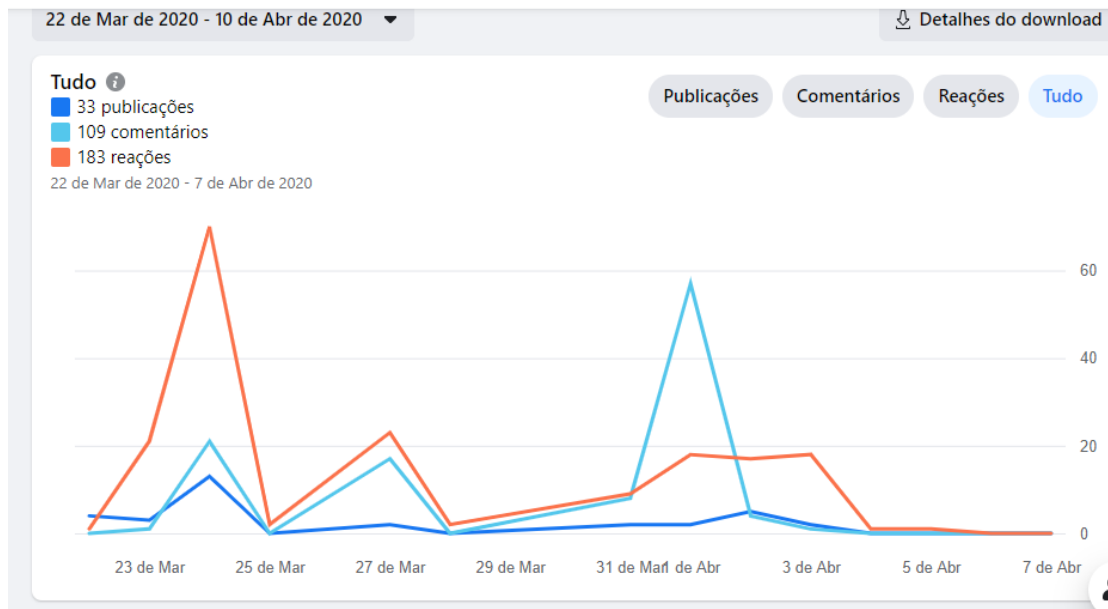
Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

A ideia inicial da intervenção “no corpo a corpo”, uma forma de estar mais próxima aos estudantes, foi ajustada, por reconhecermos as dificuldades que envolveram a participação dos alunos e a consequente aplicação do produto: público e horários flutuantes, falta de equipamento e acesso à internet por parte de muitos estudantes, além do desânimo causado pela falta de interação cotidiana, além de não haver valorização das atividades.

Entretanto, apesar das adversidades, muitos estudantes conseguiram realizar as propostas com demonstração de interesse, apresentação de dúvidas e questionamentos que foram sanados, de acordo com as possibilidades, de forma remota. O gráfico, a

seguir, revela o envolvimento desses jovens que tanto comentaram e participaram das publicações em uma grande demonstração de interesse e compromisso.

**Gráfico 11:** envolvimento nas atividades postadas



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

Desde o início, deixamos claro os dias e o horário, que seria na parte da manhã, para os encontros, mas as interações ocorriam ao longo do dia e da semana, fato que ampliou o contato para além dos tempos de aulas. Os estudantes postavam suas dúvidas ou seus comentários nos mais diversos momentos, como vimos as estatísticas anteriores. Esse fato curioso sobre essa nova concepção de ensinar e aprender, o ensino remoto, se apresentava, naquele momento, como a única alternativa para os estudos e para a pesquisa. A participação e o envolvimento da turma foram fundamentais; podemos observar, a seguir, que os próprios alunos convidavam uns aos outros e liberavam aprovação para participar do grupo.

**Figura 102:** aprovação para o grupo no Facebook

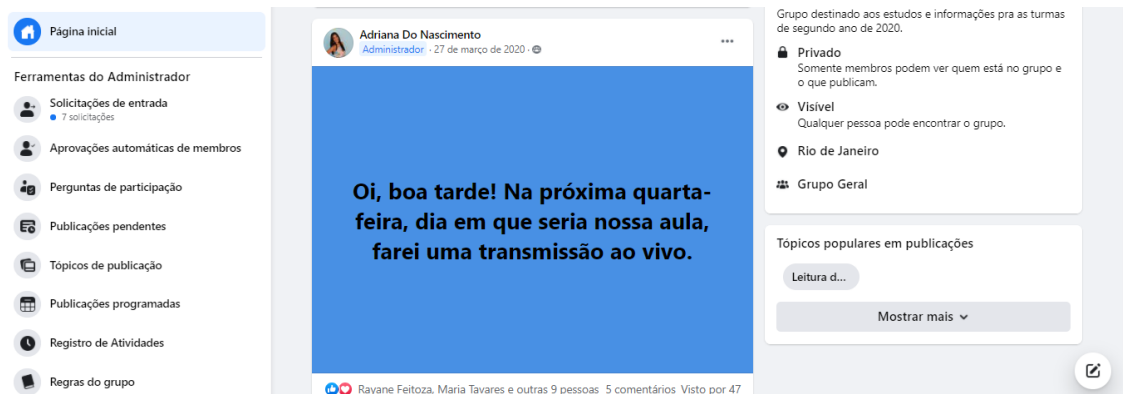
Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

Diante da nova situação para as aulas, cada passo deveria ser bem planejado para que tudo desse certo e mantivéssemos com os alunos, além do lugar de professora-pesquisadora, um ser humano capaz de se preocupar com a doença que se alastrava e de se preocupar, também, com o estreitamento de laços afetivos por meio das redes sociais disponíveis utilizadas pelas turmas, na tentativa de não nos sentirmos tão distanciados, apesar da distância geográfica que nos separava.

O primeiro passo foi esclarecer os dias dos vídeos ao vivo com aulas, conversas e explicação para as possíveis dúvidas. Apresentamos imagens que confirmam as ações estabelecidas com as turmas e com os participantes da pesquisa, no que concerne aos dias de aulas. Vale registrar que as explicações e os esclarecimentos de dúvidas eram para toda a turma, contudo apenas as respostas dos participantes que assinaram os termos de consentimento e assentimento eram computadas. Essa organização de agenda foi bastante importante para o sucesso das ações.

Seguimos para as atividades feitas totalmente no ambiente virtual, como veremos agora:

**Figura 113:** agendamento para aula no ambiente virtual



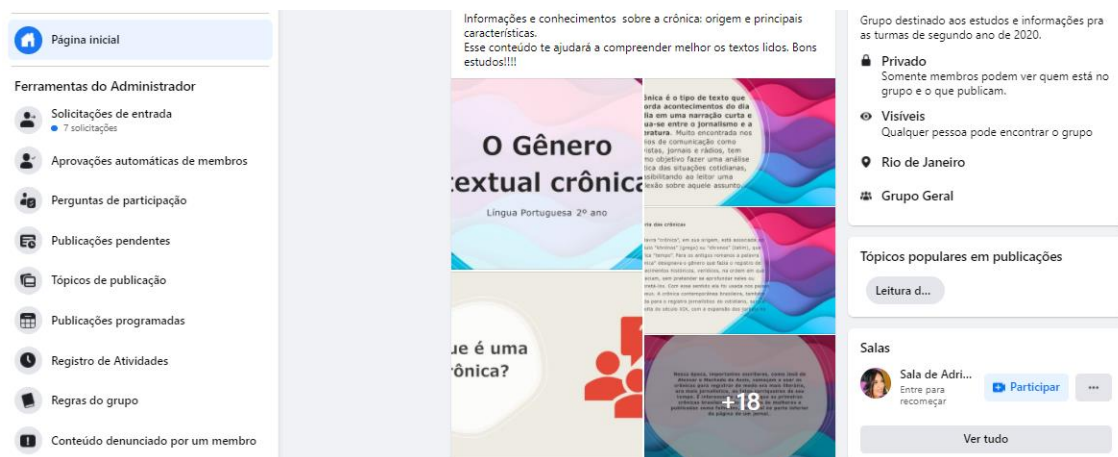
### Postagem com informações sobre o gênero, anterior às videoaulas.

O primeiro texto foi lido no ambiente presencial sem detalhes sobre o gênero e as suas características. O objetivo era conhecer as crônicas e sua relação com o cotidiano. Entretanto, com a chegada da pandemia, as explicações sobre o gênero em questão foram elucidadas no ambiente virtual.

Postamos *slides* explicativos e informações relevantes sobre a crônica, local de circulação, início do gênero e características brasileiras da crônica. Dessa forma, os estudantes se apropriavam do conhecimento sobre o assunto e traziam suas questões para aulas virtuais.

### Antes da Videoaulas.

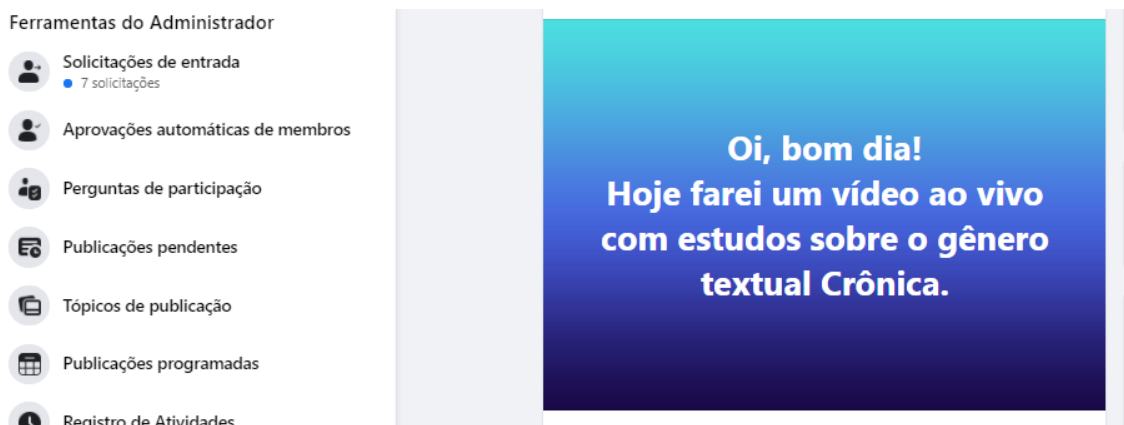
**Figura 24:** postagem antes da aula



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

Os avisos eram postados na semana anterior e com reforço na data das aulas, lembrando aos alunos do compromisso firmado para a data do encontro explicativo .

**Figura 25:** aviso postado na rede social



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

**Figura 26:** Videoaula sobre as crônicas e suas principais características.



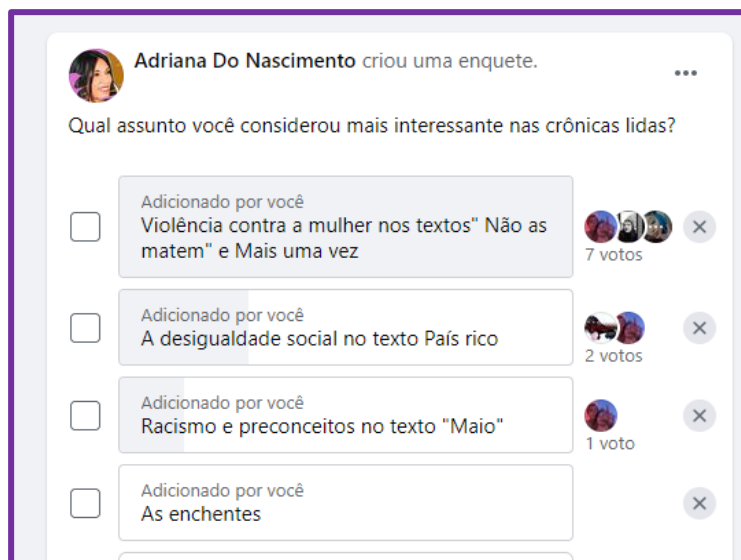
Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020.

As videoaulas eram transmitidas ao vivo, mas ficavam gravadas e disponíveis para que assistissem quando e onde pudessem, inclusive mais de uma vez. Após o estudo sobre gênero, prosseguimos para a leitura das crônicas para a pesquisa dando continuidade às ações iniciadas na escola.

Destacamos que as crônicas selecionadas foram: “As enchentes” (1915), “País rico” (1920), “Não as matem” (1915), “Mais uma vez” (1920) e “maio” (1911).

Apresentaremos atividades com a crônicas “Não as matem” (1915)”, eleita como a preferida pela turma, de acordo com a enquete realizada com os estudantes e registrada na imagem a seguir.

**Figura 127 :** enquete 2

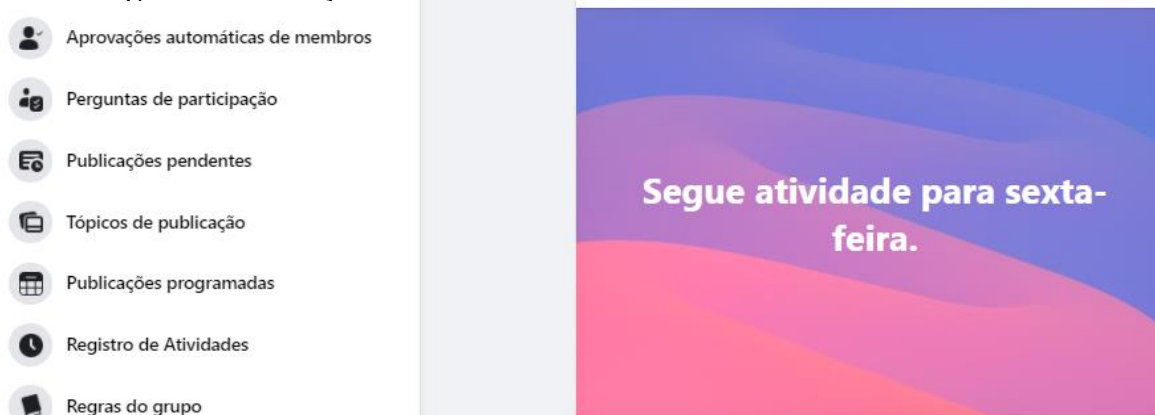


Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

As enquetes foram realizadas várias vezes, com intuito de nos aproximarmos, pesquisadora e pesquisados. Mostraram-se eficientes e rápidas para respostas curtas, quase imediatas. Funcionavam como uma nova forma de conversa que realizávamos dentro da própria plataforma do Facebook e as respostas contabilizadas de acordo com a necessidade exigida para o momento.

### Textos: Não as matem e Mais uma vez

**Figura 28:** interação anterior à aula



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

## 1) Postagem dos textos que seriam comentados. Assuntos debatidos durante as videoaulas.

Os textos eram postados em duas formas:

- como imagem para acesso aos arquivos das atividades com as turmas;
- registrados no espaço destinado aos comentários para uma rápida visualização.

### Postado como arquivo

Figura 29: postagem de arquivo com os assuntos para a aula

The image shows a screenshot of a Facebook group interface. On the left, the group name is 'Segundo ano 2020' and it is a private group. Below the group name are navigation options like 'Página inicial' and 'Ferramentas do Administrador'. The main content is a post from 'Adriana Do Nascimento', the administrator, dated August 19th. The post is titled 'Segue o texto!!!' and contains a document titled 'Não as matem' by Lima Barreto. The document text is partially visible, discussing themes of love, money, and social class. A circular image of a man's portrait is also visible in the document preview, with the text 'É Lima Barreto?' overlaid on it.

Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

**Figura 30:** Postagem de arquivo com os assuntos para a aula

**Página inicial**

**Ferramentas do Administrador**

- Solicitações de entrada (7 solicitações)
- Aprovações automáticas de membros
- Perguntas de participação
- Publicações pendentes
- Tópicos de publicação
- Publicações programadas
- Registro de Atividades
- Regras do grupo

**Não as matem**  
Lima Barreto

Esse rapaz que, em Deodoro, quis matar a ex-noiva e suicidou-se em seguida, é um sintoma da revivescência de um sentimento que parecia ter morrido no coração dos homens: o domínio, *quand même*, sobre a mulher.

O caso não é único. Não há muito tempo, em dias de carnaval, um rapaz atirou sobre a ex-noiva, lá pelas bandas do Estácio, matando-se em seguida. A moça com a bala na espinha veio a morrer, dias após, entre sofrimentos atrozes.

Um outro, também, pelo carnaval, ali pelas bandas do ex-futuro Hotel Monumental, que substituiu com montões de pedras o vetusto Convento da Ajuda, alvejou a sua ex-noiva e matou-a.

Todos esses senhores parece que não sabem o que é a vontade dos outros.

Eles se julgam com o direito de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os quer. Não sei se se julgam muito diferentes dos ladrões à mão armada; mas o certo é que estes não nos arrebatarem senão o dinheiro, enquanto esses tais noivos assassinos querem tudo que é de mais sagrado em outro ente, de pistola na mão. O ladrão ainda nos deixa com vida, se lhe passamos o dinheiro; os tais passionais, porém, nem estabelecem a alternativa: a bolsa ou a vida. Eles, não; matam logo.

Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas

**Figura 131:** Postagem de arquivo com os assuntos para a aula

**Gerenciar grupo**

Segundo ano 2020 (Grupo Privado)

**Página inicial**

**Ferramentas do Administrador**

- Solicitações de entrada (7 solicitações)
- Aprovações automáticas de membros
- Perguntas de participação
- Publicações pendentes
- Tópicos de publicação
- Publicações programadas
- Registro de Atividades

**Segundo ano 2020**

Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas

De resto, semelhantes cidadãos são idiotas. É de supor que, quem quer casar, deseje que a sua futura mulher venha para o tálamo conjugal com a máxima liberdade, com a melhor boa vontade, sem coação de espécie alguma, com ardor até, com ânsia e grandes desejos; como e então que se castigam as moças que confessam não sentir mais pelos namorados amor ou coisa equivalente?

Todas as considerações que se possam fazer, tendentes a convencer os homens de que eles não têm sobre as mulheres domínio outro que não aquele que venha da afeição, não devem ser desprezadas.

Esse obsoleto domínio à valentona, do homem sobre a mulher, é coisa tão horrorosa, que enche de indignação. O esquecimento de que elas são, como todos nós, sujeitas, a influências várias que fazem flutuar as suas inclinações, as suas amizades, os seus gostos, os seus amores, é coisa tão estúpida, que, só entre selvagens deve ter existido. Todos os experimentadores e observadores dos fatos morais têm mostrado a inanidade de generalizar a eternidade do amor. Pode existir, existe, mas, excepcionalmente; e exigi-la nas leis ou a cano de revólver, é um absurdo tão grande como querer impedir que o sol varie a hora do seu nascimento.

Deixem as mulheres amar à vontade.

Não as matem, pelo amor de Deus!

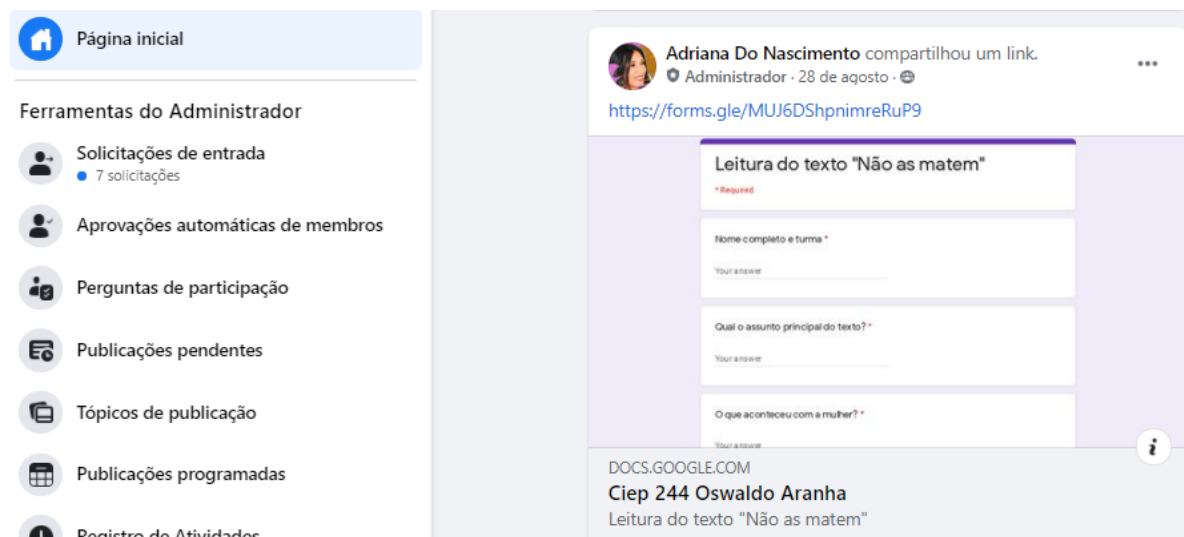
*Vida urbana, 27-I-1915*

Maria Tavares (Visto por 17)

Fonte das imagens 29,30 e 31: arquivo pessoal da autora, 2020

Os textos eram postados anteriormente à aula, seguindo o modelo da inversão da sala de aula, em que os alunos são informados anteriormente sobre os conceitos que serão abordados nas aulas. Esse foi um grande desafio, pois na fase de hipóteses e predição sobre o texto, havia uma preocupação para que não abandonassem a atividade e, para isso, criamos formulários *on-line* para que a intervenção fosse mais rápida e eficaz como apresentamos a seguir:

**Figura 32:** atividade on-line



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

A partir do nosso ponto de vista, como professora, havia uma grande preocupação: oferecer aos alunos textos que estivessem dentro de seu interesse e de seus níveis de conhecimento. Cabe destacar que a compreensão não é algo simples de ser ensinado, mas as estratégias cognitivas e metacognitivas sugeridas por Kleiman (2002) puderam auxiliar os estudantes nesse processo, especificamente, no caso da pesquisa, o Ensino Médio, em que se supõe maior facilidade na leitura, fato questionável e observado durante anos de magistério, nas aulas presenciais e durante a aplicação do produto.

Refletimos sobre os conceitos de estratégias, a fim de amparar nossas ações com os estudantes, pois constatamos que esses estudantes do Ensino Médio não demonstravam hábito de leitura, se valendo de estratégias que pudessem auxiliá-los na leitura dos textos. Relatavam que liam e não realizavam as atividades aguardando as respostas fornecidas pelos professores, não se envolvendo com os sentidos oferecidos pelo texto, que poderiam ser descobertos com a utilização de estratégias e objetivos de leitura.

Salientamos que temos a pretensão de o aluno adotar a possibilidade de ser um leitor autônomo, que possa assumir uma posição na qual reconheça na leitura uma interação entre texto-leitor-autor, afastando-se dos modelos considerados mais tradicionais e ainda presentes em muitos livros didáticos, nos quais se mantém uma certa passividade nas repostas e sem a exigência de ativação de seus conhecimentos prévios e inferências no texto lido para que se atinja a compreensão necessária sobre o que lê.

## 2)Agendamento da atividade ao vivo

Logo após as postagens dos textos, seguia-se o próximo passo: o agendamento para a atividade ao vivo. Essa etapa tinha como objetivo informar aos alunos sobre as atividades de encontros virtuais ao vivo, que eram marcadas com antecedência, com anúncio de horário e data, que permaneceram os mesmos das aulas presenciais (quartas e sextas). A imagem abaixo mostra a marcação do encontro e destaca a formação de vínculos e proximidade com os estudantes no momento tão delicado vivido durante a pandemia.

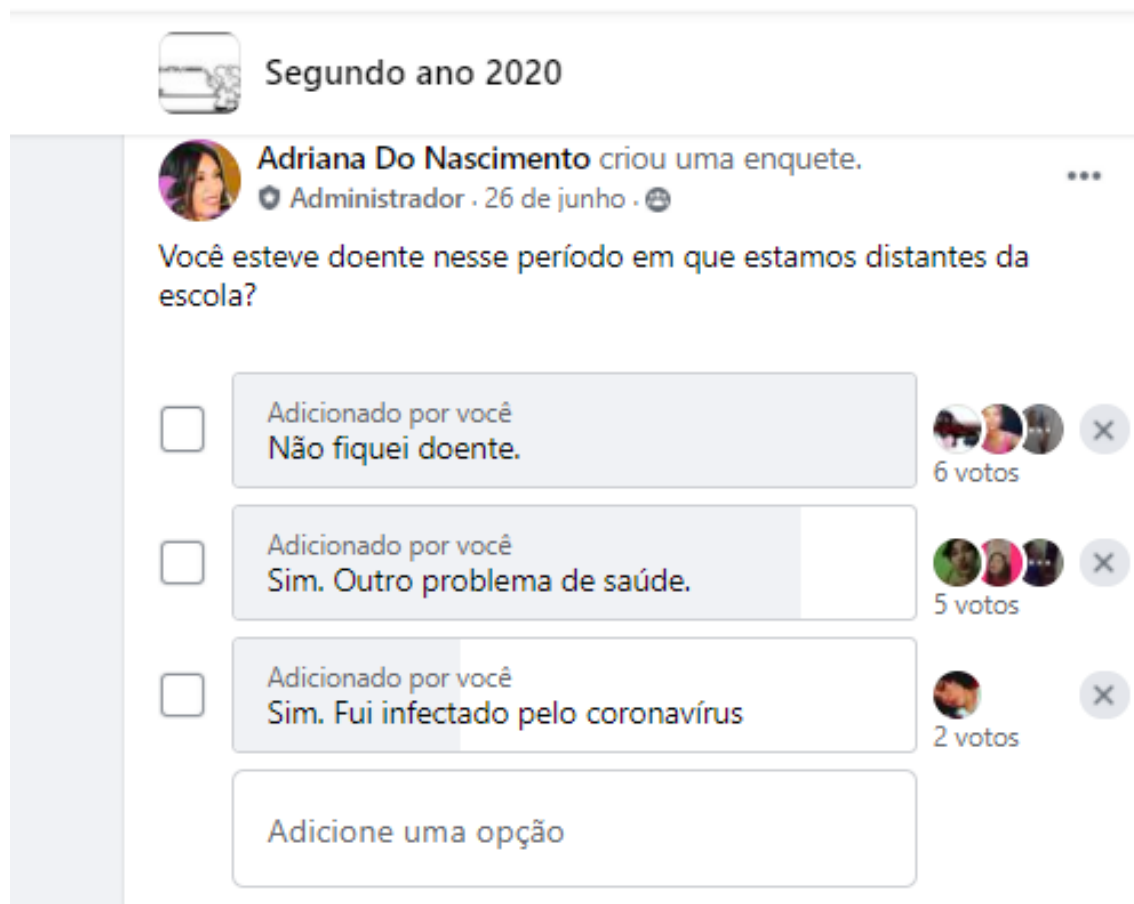
**Figura 33:** agendamento 2



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

Por essa razão foram realizadas diversas enquetes com intuito de verificarmos as condições de saúde e as possíveis dificuldades de execução das propostas, como veremos na imagem:

**Figura 34** :enquete 3



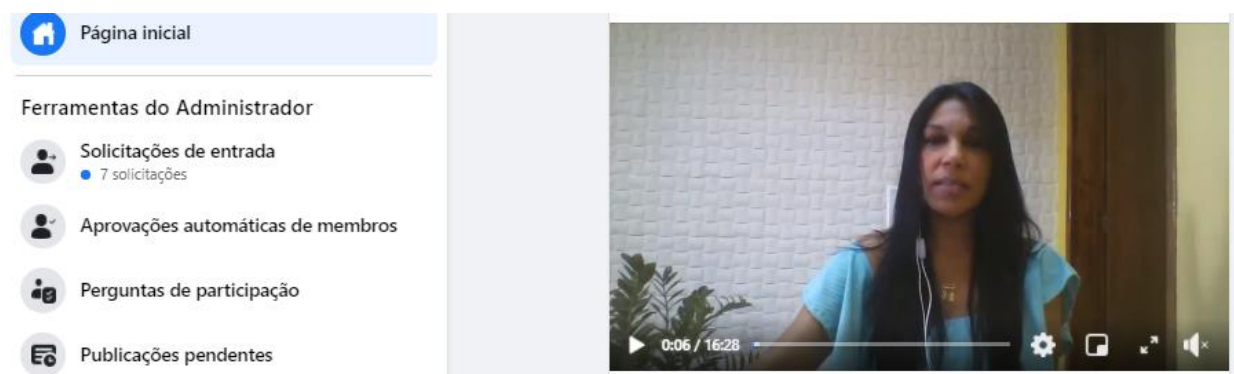
Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

Cada ação aqui apresentada faz parte dos registros do diário de campo virtual, registros na plataforma e observações ao longo da pesquisa, pois, ao analisarmos a interação dos alunos e das alunas, percebíamos que não poderíamos nos ater estritamente ao fazer pedagógico. Para que esse fazer funcionasse, conexões deveriam ser estabelecidas com os estudantes para que se sentissem confiantes e em condições de saúde física e emocional para participação nas propostas. Na enquete que podemos ver, a seguir, foi feita uma consulta com objetivo de saber se os participantes da pesquisa estavam em condições de saúde para continuarem suas participações sem implicações de doenças que pudessem prejudicá-los ou afastá-los das atividades e do desenvolvimento das propostas.

### 3) Vídeos explicativos ao vivo

Para maior engajamento dos alunos nas propostas realizamos vídeos explicativos, que ficam gravados no *Facebook*. Durante o encontro, estimulamos as reflexões sobre a violência contra a mulher, disponibilizando orientações sobre o tema, suas implicações no cotidiano e um processo de incentivo no combate ao feminicídio, permitindo que expusessem suas opiniões, levantassem hipóteses e registrassem suas conclusões, de acordo com suas vivências, estimulando-os a falarem abertamente sobre o tema.

**Figura 145:** videoaula 2



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

### Principais destaques levantados ao longo das aulas:

Durante as aulas, os estudantes acompanham a leitura e realizamos perguntas iniciais (predições) sobre o texto que seria lido. Kleimam (2002, p.54) nos orienta que: “Ao ajudarmos o aluno a pensar na intenção do autor, ou de quem encomendou o texto, estaremos analisando o texto na procura das marcas linguísticas dessa intencionalidade.” A fim de auxiliar nossos alunos sobre os textos, seguimos as seguintes estratégias orientadas pela autora que afirma

Na atividade de leitura, é importante o professor ajudar o aluno a entender o conteúdo do texto; porém, mais importante ainda é ajudá-lo a se tornar um leitor autorregulado (ou seja, que tenha objetivos claros para a realização das suas atividades de leitura), ativo (isto é, que engaje seu corpo e mente na leitura), e possuidor de uma gama variada de estratégias de compreensão, como predição, levantamento e verificação de hipóteses, extrapolação e inferência.

Disponível em:

<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/compreensao-leitora>

Desse modo, o uso das estratégias a seguir sugeridas pela autora e corroboradas por outros autores foram importantes, durante as aulas, para os estudantes que participaram como amostra nesta pesquisa.

São as seguintes estratégias:

- **predição:** os alunos utilizam seus conhecimentos prévios para antecipar o que lerão no texto, é importante destacar que os objetivos de leitura e suas expectativas em relação ao texto auxiliam na construção dos sentidos do texto e precisam ser confirmados (ou não) durante e após a realização da leitura. Smith (1989, p.34) afirma que “A previsão é o núcleo da leitura”.
- **levantamento e verificação de hipóteses:** etapa importante na compreensão de um texto, suas expectativas com base no gênero auxiliam nas informações sobre o conteúdo e que se pode esperar desta leitura. Segundo Kleiman (2013), as hipóteses levantadas pelo leitor proficiente são trazidas de acordo com suas experiências, vivências e saberes, para extração e construção de significados. A autora também afirma que essas hipóteses antes da leitura do texto são testadas à medida que se engajam na atividade, respondem, revisam e podem confirmar suas hipóteses iniciais.
- **extrapolação:** “a compreensão é um processo criador, ativo e construtivo que vai além da informação estritamente textual” (Marcuschi (2008, p.269). Entretanto, analisamos a extrapolação com cuidados a fim de evitar desvios na compreensão e intervir para auxiliar os estudantes. A compreensão não é um vale-tudo, como afirma Marcuschi (2008).
- **inferências:** Segundo Marcuschi (2008, p.28), “tornam o trabalho de compreensão como construtivo, criativo e socio interativo.” O autor ressalta que o sentido do texto se dá diante de uma relação interativa entre o próprio texto, autor e leitor.

Este conhecimento revelou-se importante para os estudantes e cada informação durante as aulas lhes dava mais confiança. Descobriram, ainda, que a compreensão se relaciona com importantes fatores já mencionados como conhecimentos prévios, gênero, objetivos de leitura e que as inferências são parte importante desse processo.

A utilização de estratégias gerou curiosidade e engajamento nas leituras; os alunos passaram a ter um objetivo mais claro, pois, à medida que faziam as predições e o levantamento de hipóteses, queriam verificar se estas se confirmariam, produzindo, dessa forma, um envolvimento maior e participação nas propostas. De acordo com Marcuschi (2008), “Compreender o texto não será mais uma atividade de garimpagem, mas uma atividade reflexiva”. O autor destaca que “seria interessante uma atividade de reflexão sobre o título e não uma simples ação de copiar o título. Assim sendo, propusemos:

- 1- Ao ler o título do texto “Não as matem”, de que você imagina que se trata?
- 2- Podemos imaginar o assunto apenas pelo título?
- 3- Podemos imaginar um desfecho para esta crônica observando o título?
- 4- Que situações acreditamos que serão abordadas nessa crônica?

Os questionamentos visavam a ativar a curiosidade sobre o texto a partir das impressões provocadas pelo título. Conversamos sobre Lima Barreto e sua forma crítica ao escrever, dispondo mais informações sobre suas obras e coletânea de crônicas reunidas em um livro que foi mostrado durante os encontros presenciais e virtuais.

Em seguida, após a leitura, fizemos algumas perguntas, como ideia central do texto, ano de publicação e circulação, com a informação que as crônicas, inicialmente, circulavam em jornais.

Destacar a ideia central nem sempre é fácil e, segundo Solé (1998), podemos seguir algumas regras para chegar a ela: omissão ou supressão em que eliminam-se informações triviais ou redundantes; substituição, com as quais integram-se fatos ou conceitos; seleção que levem a identificar a ideia no texto se estiver explícita e de elaboração na qual se constrói ou gera a ideia principal.

Essa imersão no texto é corroborada pelas ideias de Marcuschi (2008, p.242), em cuja obra se lê a seguinte afirmação: “A escola trata o texto como um produto acabado funcionando como um *container*, onde se “entra” para pegar coisas”. Na tentativa de oferecer um esclarecimento de que o trabalho com texto é um evento comunicativo, nosso trabalho pedagógico serviu como fio condutor, orientando os alunos para compreensão das crônicas. Nossa proposta é contribuir para formação do leitor competente que seja capaz de ler nas situações reais da sociedade letrada, que possua leitura para aquisição de

novos conhecimentos, prazer ou informações imediatas e necessárias diante dos desafios do exercício da cidadania.

Dando prosseguimento aos estudos do texto, após as reflexões sobre o título, lemos o texto e investigamos se as hipóteses levantadas se confirmavam. Alguns alunos pensavam tratar-se de um texto sobre desmatamento, suposição excluída logo na leitura do primeiro parágrafo. Comentamos sobre o triste cenário vivido pelas mulheres no que tange à violência, principalmente, a doméstica, pois, de acordo com as pesquisas realizadas, constatamos que a maior parte das agressões sofridas parte de companheiros ou pessoas próximas a elas. Alguns alunos e alunas relataram já terem presenciado cenas de ataques e abusos contra mulheres de suas famílias ou famílias vizinhas. Essa situação é recorrente e alguns ficaram atentos por não considerarem gritos ou tapas como violência, considerando que os companheiros extrapolam quando há sangue ou morte. Esclarecemos alguns tipos de violência contra a mulher: a física, psicológica, moral, sexual e patrimonial, presentes na Lei Maria da Penha, também estudada ao longo do trabalho com este texto.

Durante a leitura da crônica “Não as matem”, ficou mais claro para nossos leitores que muitos homens ainda pensam exercer o domínio sobre a mulher e não aceitam o fato de que o término de um relacionamento parta dela. Comparamos atitudes dos ladrões com os assassinos de mulheres e a imposição que lhes impõem para amar. Essas reflexões fizeram com que os alunos pensassem sobre como a violência contra a mulher existe há tanto tempo e, no entanto, permanece sem punição em muitos casos.

O feminicídio foi abordado pelos estudantes e realizamos uma pesquisa sobre a palavra e seu uso no Brasil. Curiosamente, a palavra surgiu depois de a crônica ter sido publicada. “ Não as matem foi escrita em 1915, mas Lima Barreto, refletiu sobre crimes dessa natureza antes mesmo de a sociedade condenar esse tipo de violência. O termo não constava no texto, mas outras palavras e expressões despertaram a curiosidade como *quand même*, *vetusto*, *atrozes* e *tálamo*, não muito utilizados pelos estudantes.

Usando a estratégia de inferência, buscamos os significados no texto, tentando compreendê-lo, criando um sentido para o texto e interagindo com autor e época em que a crônica foi escrita. Seguindo essa linha de pensamento, não foram impedidos de compreenderem o texto como um todo e observaram o contexto do assunto, a posição do

autor sobre o tema e tiveram a oportunidade de exporem as suas ideias sobre violências contra a mulher.

Destacamos a narrativa em primeira pessoa, na qual o autor negro, de origem humilde como a maior parte dos estudantes que participaram desta pesquisa. Perceberam a linguagem simples que conversa com quem lê a sua crônica, o que torna a identificação quase imediata. Diante da pandemia, ampliamos as discussões, pois o número de mulheres agredidas cresceu, e as taxas de feminicídio são alarmantes em nosso país, mesmo com uma quantidade expressiva de mulheres que sustentam seus lares, mas sofrem com a desigualdade imposta em virtude do gênero ao qual pertencem.

Finalizamos a atividade com a elaboração de três perguntas sobre o texto lido e propusemos a criação de um novo artigo para a Lei Maria da Penha, que completou 14 nos este ano, e elaboração de três perguntas sobre a crônica, como veremos nas figuras(numerar).

#### 4)Após o vídeo explicativo: interação, enquetes e *feedback* motivacional

**Figura 36:** Interação 1 após a aula

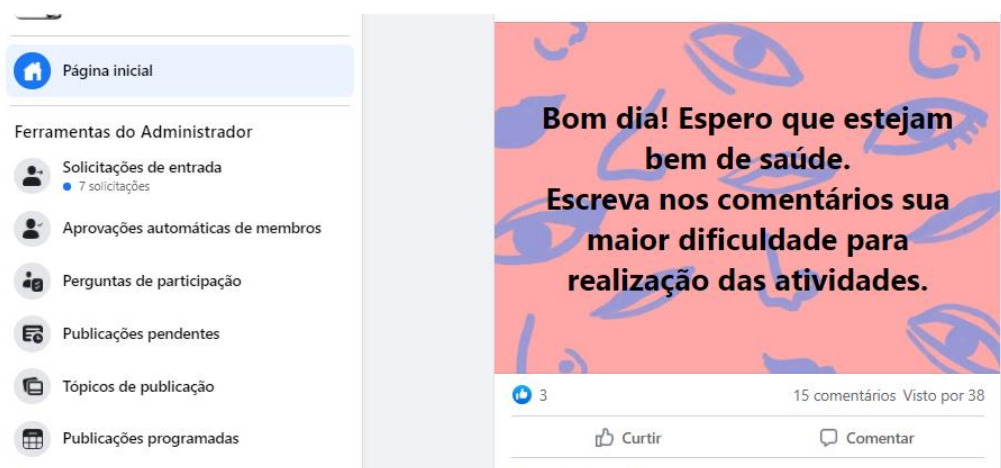


Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

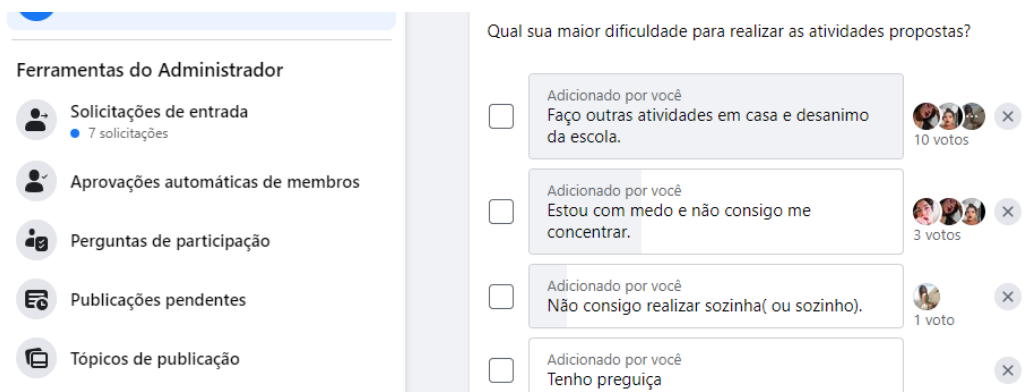
As interações mantinham, além do vínculo, a confiança no trabalho desenvolvido estabelecendo uma parceria com os estudantes que participavam e poderiam contar com apoio para as atividades. A relevância da situação da pandemia nos levou a perceber a importância das enquetes pela necessidade de respeito às diferenças particulares, a pluralidade de ideias e distinção de opiniões.

Após as respostas, novas interações eram realizadas a fim de dar auxílio a quem não conseguisse realizar a atividade por razões distintas que deveriam ser consideradas, prazos flexibilizados, garantindo oportunidades a todos.

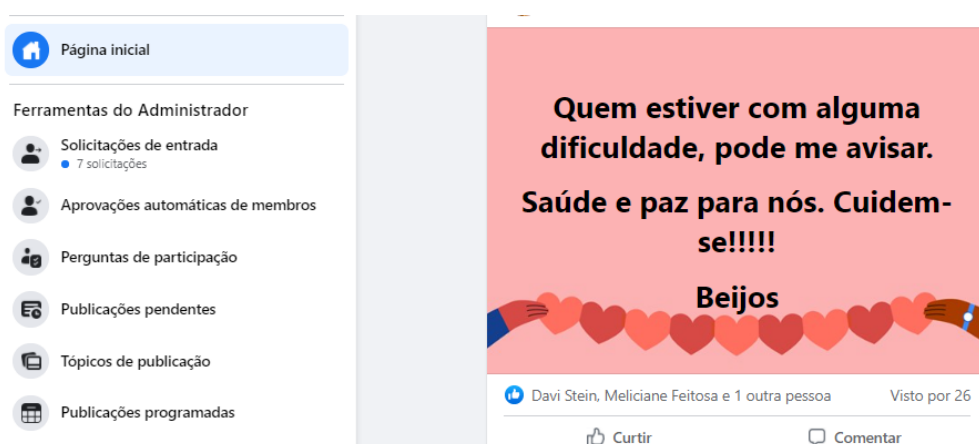
**Figura 37:** interação 2 após a aula



**Figura 38:** enquete 4



**Figura 39:** interação 4



Fonte das imagens 36, 37,38 e 39: arquivo pessoal da autora, 2020

Os instrumentos como formulários, jogos interativos com a plataforma *Kahoot* faziam parte dos procedimentos com esse público tão jovem, habituado com as redes sociais, mas que não a utilizavam como espaço de aprendizagem. Entretanto, de modo geral, os estudantes participaram, refletiram sobre o problema apresentado: a violência contra a mulher; elaboraram perguntas sobre o texto e sobre as formas de auxiliar na busca de soluções com a criação de um possível novo artigo para a lei Maria da Penha. A elaboração desse novo artigo contou com uma pesquisa sobre o tema, *link* do site informado para leitura da Lei.

**Figura 150:** proposta de atividade

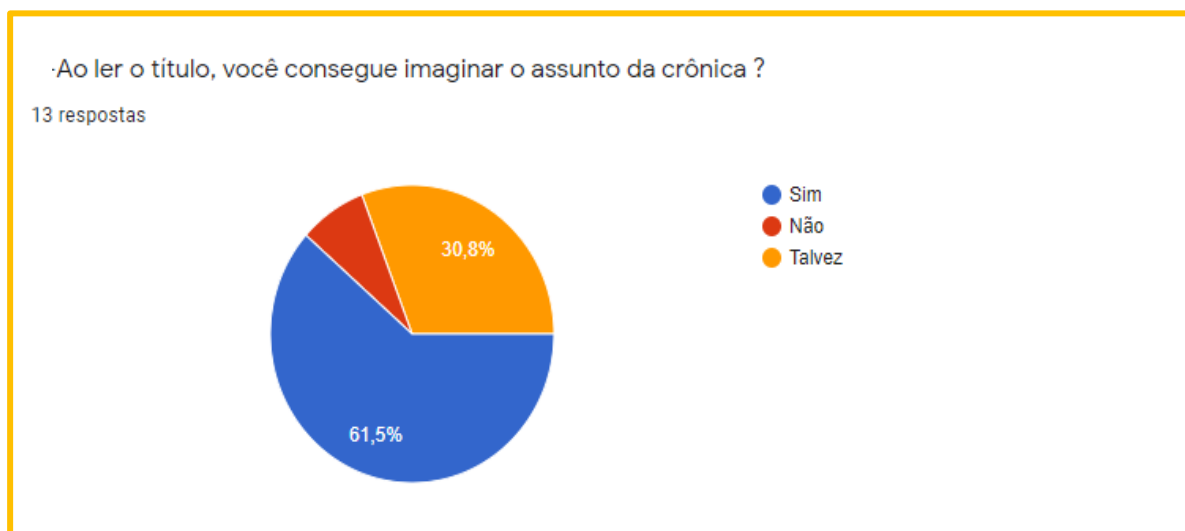
## 5) Respostas dos alunos e *feedback* motivacional

**Figura 41:** feedback para os alunos

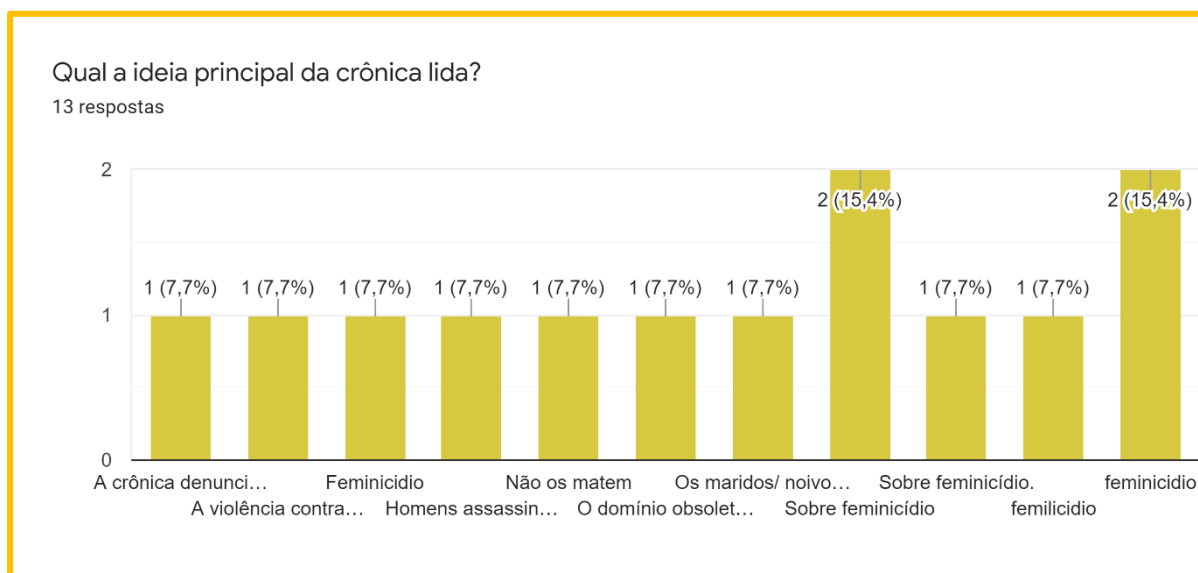
Fonte das imagens 40 e 41: arquivo da pesquisadora

As estratégias para leitura do título e antecipação de hipóteses sobre o tema se mantinham e as respostas revelam que assim o faziam. As respostas apresentadas apontam o compromisso com a leitura e que a realizaram até o final do texto, quando observamos que alguns acreditavam tratar-se de desmatamento e a certeza do tema veio após a leitura completa da crônica, como veremos nos gráficos.

**Gráfico 12** :assunto da crônica



**Gráfico 13**: ideia principal da crônica



Fonte dos gráficos 12 e 13: arquivos da pesquisadora

**Figura 42** - Atividade realizadas pela turma ( texto “Não as matem”)..

Como você conseguiu identificar a ideia principal? 13 respostas

Nos acontecimentos narrados e quando o autor se pronuncia  
 Após ler o texto  
 no texto a relato de homens matando suas mulheres  
 Lendo o texto  
 Através do texto.  
 O título dá uma ideia além do primeiro parágrafo.  
 pela primeira frase isso se torna algo obvio e o título tbm e algo que traz esse entender  
 Após ler, pôs pensei que era sobre árvores e o meio ambiente  
 Lendo o texto, pôs pode ser de " não as matem " as mulheres como diz o texto ou pode  
 ser a natureza.  
 Fazendo a leitura  
 pelo título e com o decorrer do texto  
 Lendo o tema do texto.

Fonte: dados da pesquisa, 2020

**Figura 43** - Atividade realizadas pela turma ( texto “Não as matem”).

4- Qual o posicionamento do autor sobre o assunto abordado no texto?  
 13 respostas

Ele está certo

O autor Lima Barreto, deixa bem claro que não concorda com as violências sofridas pelas mulheres, tanto que no final do texto ele escreveu, "Deixem as mulheres amar à vontade. Não as matem, pelo amor de Deus!!"

Narrador - Narrando o que aconteceu com uma mulher e que pode ser outras 100.

O autor se posiciona em um tom de raiva e piedade, como como se estivesse (e estava) suplicando a Deus

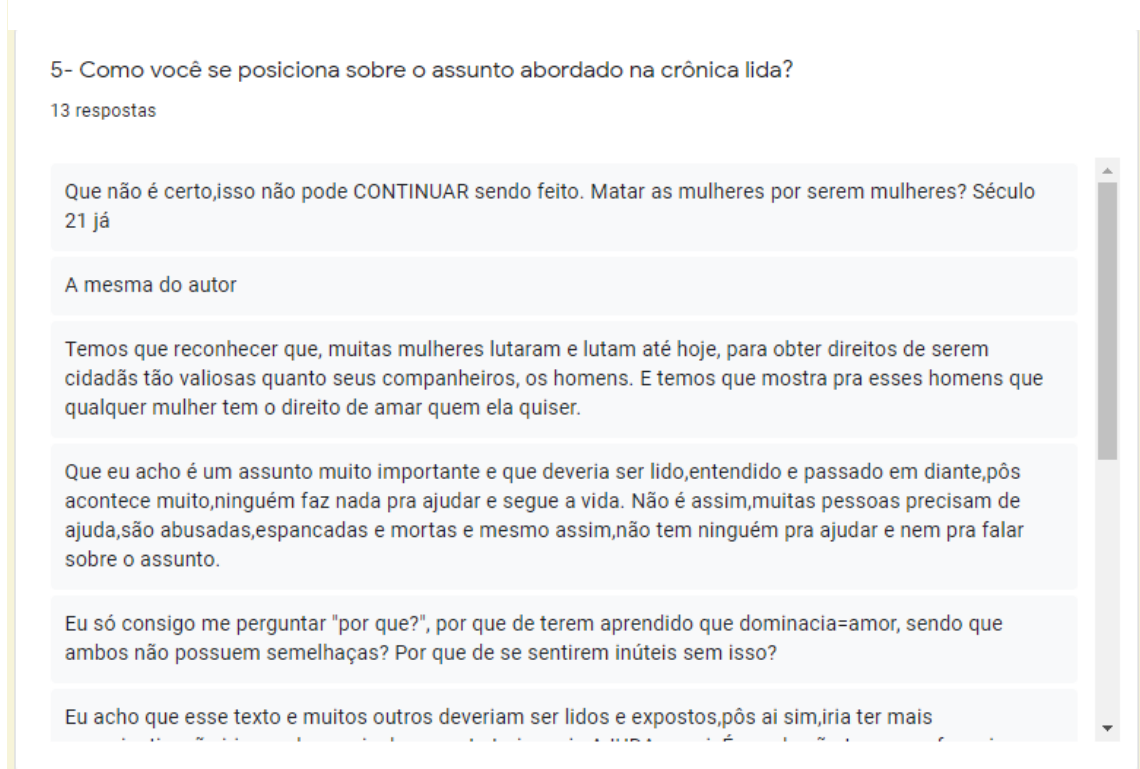
Narrador - Narrando sobre uma mulher que foi vítima de feminicídio através de seu companheiro.

Ele quer que exija mas leis ou nos canos de revolver

Não entendi:)

Ele comparou os ladrões com os noivos assassinos que querem impor a sua vontade contra sua ex-

**Figura 44** - Atividade realizadas pela turma ( texto “Não as matem”).



Fonte das imagens 42 e 43 e 44: dados da pesquisa, elaborados pela autora, 2020

As respostas eram abertas, com oportunidade de reflexão e de registro pessoal; ainda que a compreensão seja individual é necessário situar-se na lógica apresentada no texto.

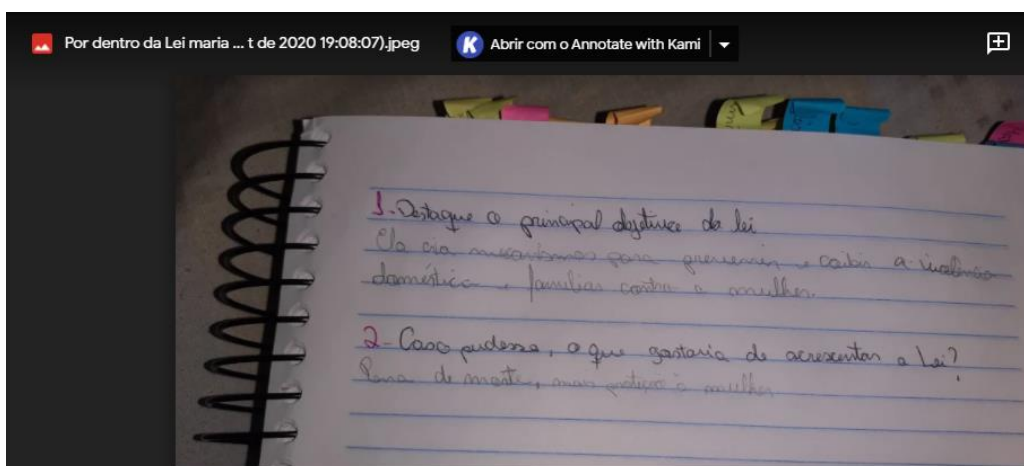
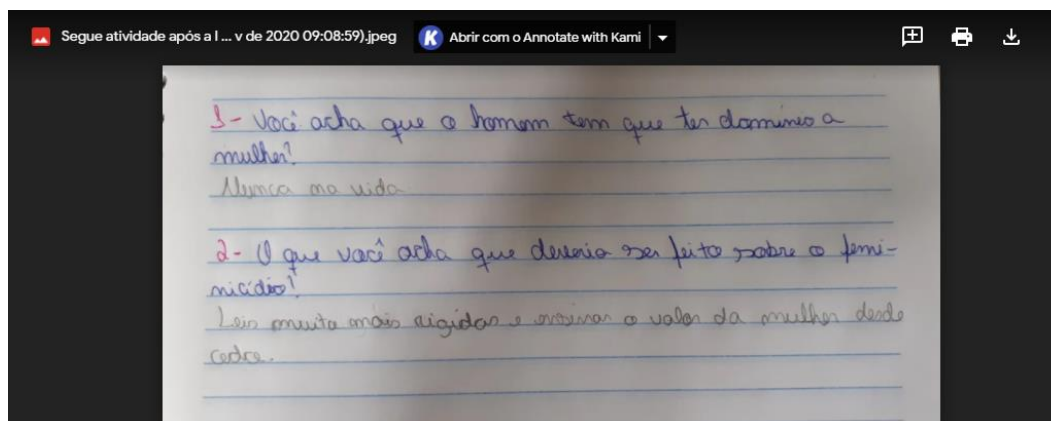
Na atividade de compreensão, geralmente partimos de informações textuais (que o autor ou falante nos dá no seu discurso) e informações não-textuais (que nós, como leitores, colocamos no texto ou que fazem parte de nossos conhecimentos ou da situação em que o texto é produzido). Com isto construímos os sentidos (inferimos os conteúdos) e estabelecemos uma dada compreensão do texto. Portanto, podemos admitir que a compreensão textual se dá em boa medida como um processo inferencial, isto é, como uma atividade de construção de sentido em que compreender é mais do que extrair informações do texto: é uma atividade de produção de sentidos.

Daí a afirmação feita acima de que a compreensão é uma atividade criativa e não simplesmente uma reação de recepção passiva. Compreender textos não é simplesmente reagir aos textos, mas agir sobre os textos.

Disponível em: <https://fdocumentos.tips/reader/full/exercicios-de-compreensao-ou-copiacao-nos-manuais-de-ensino-de-lingua>

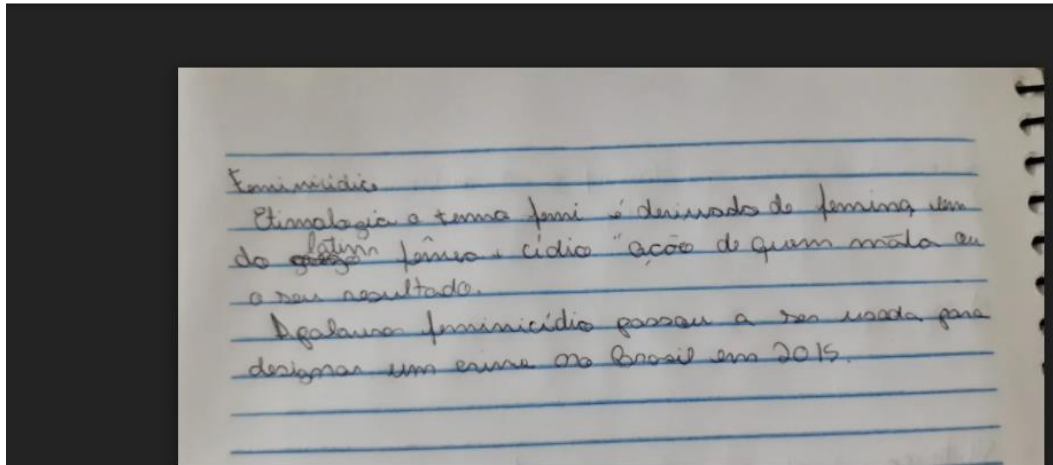
Dessa forma unem-se autor e leitor para que este elabore suas conclusões. A identificação do assunto era o passo inicial para outros questionamentos trazidos pelo texto escrito em 1915 e anterior à palavra feminicídio, que ganhou força a partir da década de 1970. Com a atividade, os alunos puderam utilizar a criatividade, interagindo com o texto e criando as próprias perguntas sobre ele, como demonstraremos em seguida.

**Figura 16:** atividades realizadas por uma aluna



Pesquise a origem da palavra Feminicídio e quando começou a ser utilizada em nosso país.

Entregue < >



Feminicídio  
Etimologia a termo femi é derivado de femina um do grego fêmea + cidio "ação de quem mata e o seu resultado."  
A palavra feminicídio passou a ser usada para designar um crime no Brasil em 2015.

Fonte: arquivo da autora, 2020

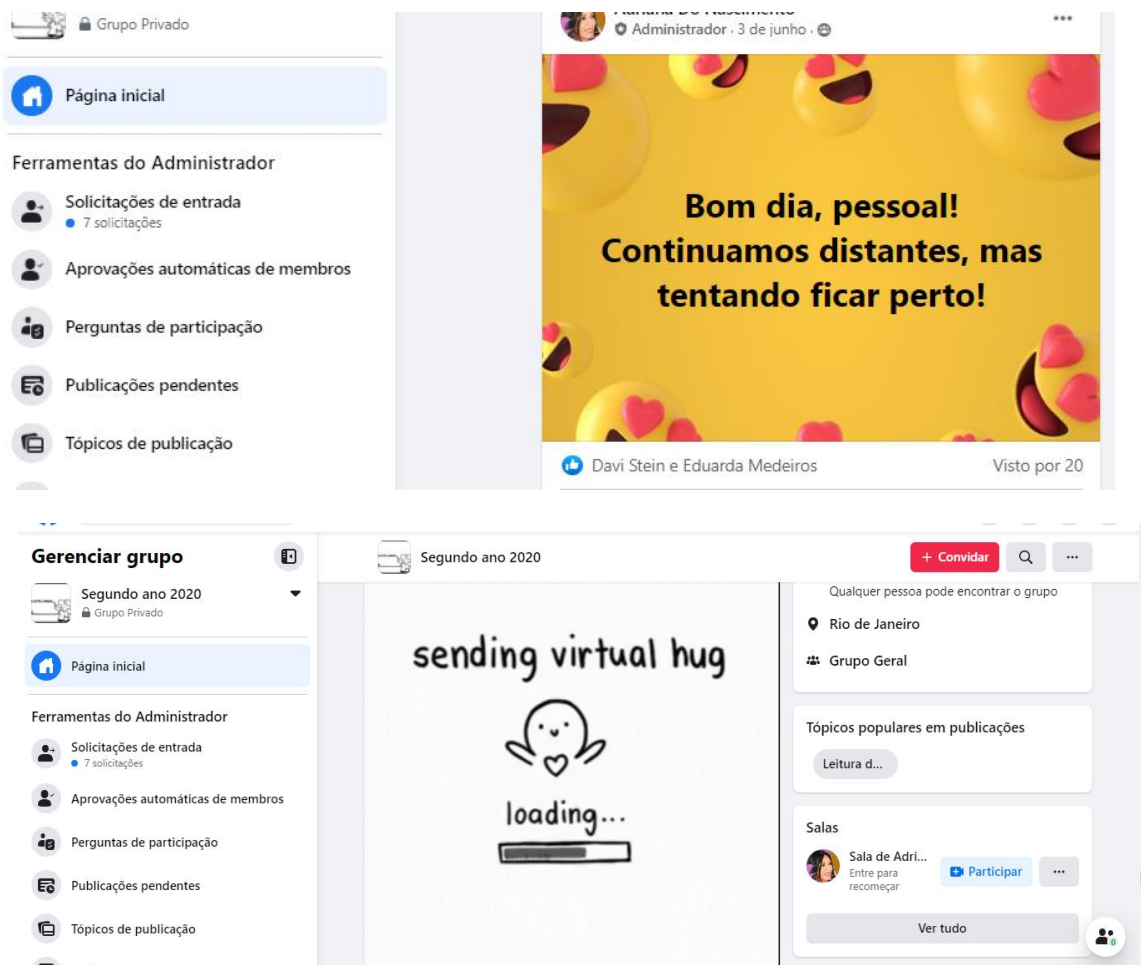
Durante a pesquisa, nossa ideia foi promover uma proposta na qual a leitura pudesse ser vista como fonte de informação, prazer e conhecimento, mediados e orientados por um adulto mais experiente, nesse caso, a pesquisadora. Os estudantes relatam que se sentem mais confiantes quando experimentam a leitura com a professora. Entretanto, foram estimulados a realizarem suas próprias leituras e o desenvolvimento da compreensão, reconhecendo na leitura uma atividade comunicativa.

#### **6) Manutenção dos vínculos**

Após o início das atividades, exclusivamente, no ambiente virtual, a criação dos vínculos foi fundamental no encaminhamento e na realização das ações esperadas. O objetivo fundamental dessa ação consistia em assegurar um ambiente colaborativo e saudável, em que os estudantes pudessem se envolver com os assuntos abordados, não apenas como práticas escolares, mas como situações cotidianas.

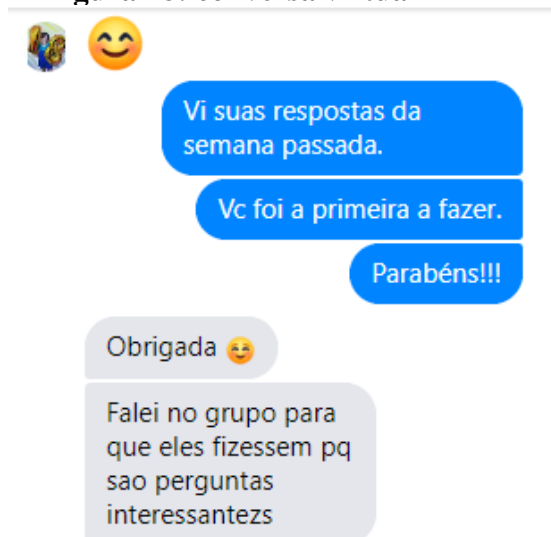
Registrar essa etapa faz parte das anotações do diário de campo e dos percursos ao longo da pesquisa, a participação dos estudantes seus interesses e desinteresses. Configurava-se em uma forma atenta às condições que se apresentavam para minimizar situações indesejadas, como adoecimento e, em segundo caso, desistência da pesquisa.

O enfoque em textos e assuntos que os evoluíram foi fundamental e cada tema em questão despertava o interesse em participar, apesar de todo o processo ter acontecido longe da escola e do espaço considerado tradicional destinado aos estudos. Todas as fases exigiram atitudes de respeito e colaboração para os desafios propostos. Ao longo do trabalho foi bastante visível que a manutenção dos vínculos assegurou o que havíamos previsto, pois a busca de criar um ambiente no qual cada um pudesse participar, interagir, opinar, até mesmo lidar com as frustrações foi respeitada, uma vez que as condições sanitárias e quiçá financeiras estavam desfavoráveis para esses jovens da periferia.

**Figura 17:** interações virtuais com a turma

Fonte: arquivo da autora, 2020

As imagens seguintes mostram conversas realizadas por mensagem, nas quais as alunas solicitam e agradecem o apoio recebido, além de demonstrarem interesse pelos temas apresentados para debates e conversas virtuais.

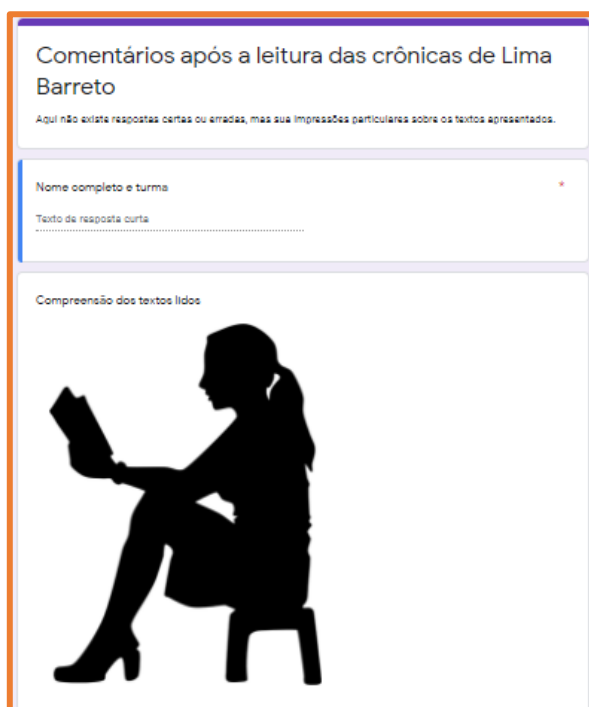
**Figura 18: conversa virtual 1**



O *Fomrs* foi realizado, no ambiente virtual, após aplicação do produto e salientamos que a investigação visava a observar o grande desafio de verificar se o objetivo geral fora alcançado. Dessa forma, esta apresentação “Trata-se de fazer conhecer os resultados de uma pesquisa que, por sua vez, poderá gerar reações e contribuir para a dinâmica da tomada de consciência e, eventualmente, sugerir o início de mais um ciclo de ação e de investigação”. (Thiolent, 2011, p.81)

O formulário como vemos a seguir, trazia também uma avaliação da prática docente, ao reconhecer o processo árduo e dificultoso vivido por inúmeros estudantes e suas famílias.

**Figura 20:** Formulário após a leitura das cinco crônicas




Comentários após a leitura das crônicas de Lima Barreto

Aqui não existe respostas certas ou erradas, mas suas impressões particulares sobre os textos apresentados.

Nome completo e turma \*

Texto da resposta curta

Compreensão dos textos lidos



Fonte: arquivo da autora, 2020

O resgate da participação dos estudantes através da sala de aula invertida proporcionou uma relação de diminuição de barreiras tornou-se facilitador no processo de construção de saber. Traçamos um modelo de questionário com perguntas objetivas, simples, com a finalidade de descobrir se tinham conseguido compreender os textos e refletir sobre os temas que lhes foram oferecidos.

Por outro lado, essas perguntas norteiam uma reflexão sobre a “compreensão” dos textos, o que nos faz pensar sobre a reciprocidade na interação com os estudantes, eficácia

no processo e caminhos percorridos durante a ação. Esse entendimento exige maturidade, pois sempre acreditamos que tudo funcionará bem, mas as apreensões, ao longo do percurso da pesquisa, nos mostram que caminhos traçados cuidadosamente muitas vezes não se confirmam. No ano de 2020, tivemos o maior obstáculo para a concretização dos projetos traçados anteriormente: a pandemia da Covid-19. Somaram-se a isso o desinteresse, a falta de internet, a falta de aparelhos de celular, a falta de computador ou de outros veículos contribuíram para dificultar a realização das propostas pedagógicas. Sabemos que, além de estarem sozinhos, a interação foi feita basicamente fora da escola com uso da tecnologia a partir de março.

Tínhamos em mente um conjunto de propostas nas quais acreditávamos serem capazes de ressignificar a aprendizagem dos estudantes nas aulas de Língua Portuguesa. O objetivo era promover a leitura de crônicas cujos temas resultassem em envolvimento e interesse por questões semelhantes, muito comuns em nossa sociedade, além de também ter a intenção de despertar interesse nos alunos pelo ato de leitura. As respostas ao formulário apontam que, apesar das adversidades do cenário que se apresentava, os alunos gostaram das propostas e relataram que recomendariam os textos lidos. Essa opção de indagação surgiu após influências recebidas da leitura de Geraldi, “O Texto na sala de aula” (2011). Adicionamos esta opção na qual os alunos informaram a probabilidade de recomendar os textos lidos, criando o circuito do texto, uma ideia adaptada da proposta “circuito do livro”, presente na obra do mesmo autor:

No microcosmo da sala de aula é possível criar esse mesmo circuito, e talvez não sejamos nós, professores, os melhores informantes para nossos alunos. Rodízios de livros entre alunos, bibliotecas de sala de alunos, biblioteca escolar, frequência a bibliotecas públicas são algumas das formas para iniciar esse circuito. (GERALDI, 2011, p,97)

Os estudantes são pares que, muitas vezes, se auxiliam mutuamente, formando uma importante rede de trocas e conhecimentos. Com essa intenção, o questionário configura-se em atividade individual, identificação de possíveis problemas, análise das práticas e verificação de contribuições para os envolvidos. Dialogar com esses alunos e alunas é parte fundamental na sistematização de ideias e ações. Ouvi-los nos deu mais força para continuar este difícil exercício de ver e rever, de maneira coerente, as situações pedagógicas no cotidiano escolar.

As atividades desenvolvidas, inicialmente, no ambiente presencial e, posteriormente, no virtual, com utilização da rede social *Facebook* foram componentes

do percurso metodológico, visando a responder ao objetivo geral traçado para esta pesquisa: Investigar se a leitura de crônicas e as atividades desenvolvidas com esse gênero textual podem contribuir para a compreensão leitora em alunos do ensino médio regular. Pretendíamos, também, dar conta dos objetivos específicos que foram ;identificar as principais dificuldades neste processo; elaborar material didático, considerando a importância neste processo de alunos do segundo ano do Ensino Médio regular além de aplicar o material didático e avaliar os resultados após as intervenções pedagógicas realizadas durante a realização do trabalho.

Diante dos objetivos propostos, pautamos o trabalho, considerando os conhecimentos anteriores e, respaldadas pela fundamentação teórica que preconizava a compreensão leitora desses estudantes. Sabemos que estão acostumados com os processos de interpretação ou “cópiação” do texto, termo utilizado por Marcuschi (2008).

O trabalho com leitura “possui uma natureza complexa e [...] não é uma atividade natural nem uma herança genética, nem uma ação individual isolada do meio da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho”. (Marcuschi, 2008, p.229-230). Por essa razão, tivemos algum trabalho para que os resultados pretendidos fossem alcançados, mas acreditamos que ainda há muito o que fazer daqui para frente, pois a aprendizagem não se encerra ao final das atividades; ela continua em processo ao longo dos anos de escolaridade.

A proposta com gêneros textuais auxiliou no processo e contribuiu para o desenvolvimento das atividades elaboradas com propósito de proporcionar a compreensão textual desses alunos do Ensino Médio. Ao selecionarmos o gênero, pensamos, inicialmente, em temas que fossem capazes de despertar curiosidade desses jovens leitores que convivem com a desigualdade social. Na hesitação pelos temas, encontramos nas crônicas assuntos relevantes que nos fizeram decidir por um único gênero e diversos eixos temáticos. De acordo com Marcuschi (2008, p.155) “Os gêneros textuais são os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”.

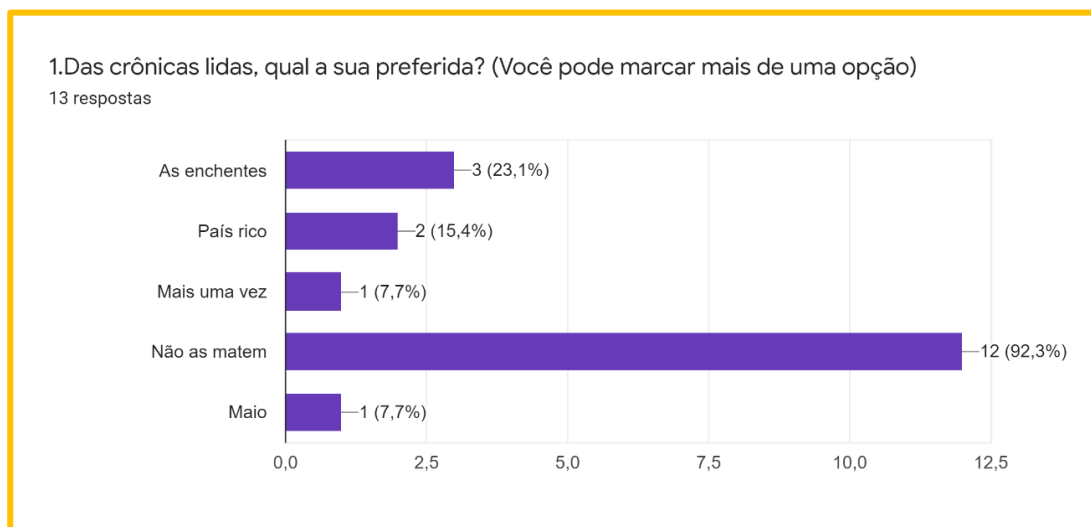
Ressaltamos que, para a compreensão das propostas, é importante que os leitores ativem os conhecimentos oferecidos pelo texto e os que estão fora dele. Essa etapa foi bem importante, pois estão acostumados a uma dependência dos

professores/professoras, no que concerne às respostas das atividades. Ficam no aguardo por insegurança, pelo risco de uma interpretação fora do senso comum do grupo ou por costume em não realizar as atividades propostas. Alguns demonstram medo ou vergonha diante da turma e não realizam as atividades. Percebemos, entretanto, o empenho através das plataformas digitais com mensagens particulares e até mesmo nos comentários públicos, talvez por se sentirem “protegidos” pelo celular ou computador, não se mostrando fisicamente. Embora sejam conjecturas, é notório que participaram de forma individual, respondendo aos formulários, expondo suas ideias com liberdade, engajando-se nas atividades, fortalecendo vínculos além da autoestima valorizada a cada proposta e, sobretudo, com reflexões sobre os temas abordados.

Os resultados foram obtidos após as práticas com vídeos, mensagens, *game* de perguntas e respostas (*Kahoot*), enquetes e *feedback* individual. Trazem nossas observações registradas durante o processo da pesquisa, experiência docente obtida ao longo dos anos, além da fundamentação teórica anteriormente apresentada e construída como forma a auxiliar a realização das intervenções. Para coletar as informações e os dados, os alunos responderam a um questionário ao final da aplicação do produto educacional, para que pudéssemos analisar se as atividades tinham sido facilitadoras no processo de compreensão.

Propusemos perguntas numa linguagem coloquial, em tom de conversa, de forma direta e objetiva para que se sentissem à vontade e participassem, além de evitar a fadiga ao final do processo. Essas informações, como um diálogo em sala de aula, tinham como objetivo saber se tinham compreendido as propostas e se as

**Gráfico 14:** crônica preferida



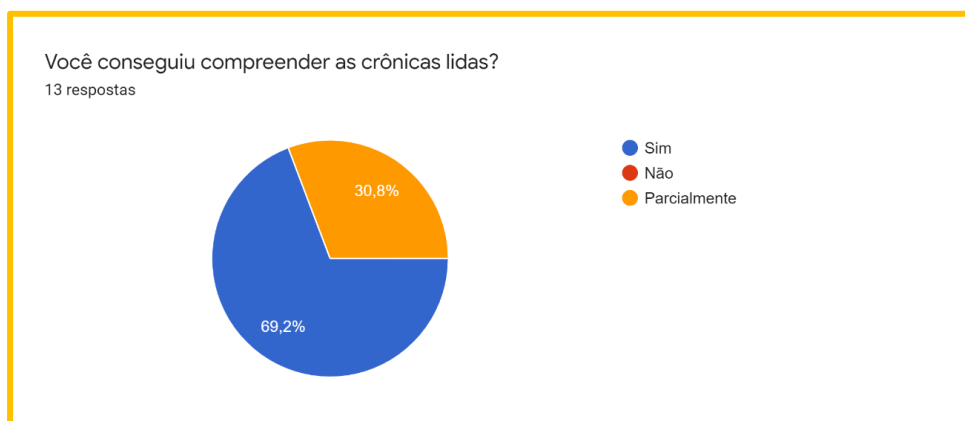
intervenções tinham tido alguma importância e se haviam sido, de alguma forma, valiosas.

Diante das respostas, acreditamos que o trabalho não se esgota, mas que os passos foram iniciados e os estudantes se encorajaram a ler, construíram suas reflexões sobre as leituras e buscaram a compreensão, como constataremos nos gráficos a seguir.

Para nossa surpresa, o texto selecionado na preferência dos estudantes foi “Não as matem”, como descrito na aplicação do produto. Imaginávamos que, devido à pandemia e outras dificuldades enfrentadas no país, especialmente no ano de 2020, seria “País rico” por se tratar de um texto que revela as desigualdades, falta de hospitais, escolas, mencionando, inclusive, a epidemia de 1918. Entretanto, as conversas e os registros informais revelaram que a violência doméstica é recorrente no local onde vivem. Eles presenciaram esse fato de forma clara e com pessoas próximas ao seu círculo de convivência.

O gráfico com a pergunta número 2, bastante direta, aponta que a maior parte da turma compreendeu a crônica, realizando as atividades e utilizando seus conhecimentos, pois esse formulário, como citado anteriormente, foi realizado após cada atividade com os textos e intervenções feitas durante e após as leituras.

**Gráfico 15** : compreensão da crônica lida



Nenhum participante declarou não ter compreendido os textos apresentados e, nas respostas a seguir, deixam observações sobre a leitura do texto preferido pela maioria. Esclarecemos que, durante as atividades, as dúvidas surgidas eram sanadas, como significado das palavras e seus usos dentro dos textos, seus sentidos metafóricos, características do gênero crônica em cada texto lido, e demais questionamentos por parte

dos envolvidos nas propostas. Assim, poderiam aprofundar seus conhecimentos sobre a crônica e refletir sobre os temas.

Durante a aplicação do produto, alguns integrantes enviavam perguntas particulares descrevendo suas dúvidas pessoais e solicitando auxílio na execução das tarefas propostas. Esse fato contribuiu para o crescimento do grupo, bem como para o aperfeiçoamento das atividades individuais. No entanto, alguns ainda continuaram apresentando uma postura passiva e aguardavam as respostas prontas e, talvez, por essa razão, tenham compreendido o texto parcialmente. Verificamos muitas dificuldades na exposição de suas dúvidas e, apesar de todo incentivo e estímulo, identificamos o receio em solicitar esclarecimento de dúvidas e, conseqüentemente, tiveram dificuldades na conclusão das atividades .

Prosseguimos com as perguntas do formulário pós-intervenção virtual e observaremos parte do processo que os alunos tiveram oportunidade de experienciar para auxiliar na compreensão de textos.

**Figura 21:** respostas abertas

<p>O que mais lhe chamou atenção na(s) crônica(s) selecionada(s)?</p> <p>A matança.</p> <p>O tamanho</p> <p>O feminicídio. Por ter viralizado pôs esse assunto precisa ser abordado.</p> <p>O feminicídio. Por ter viralizado pôs esse assunto precisa ser abordado.</p> <p>A forma de como o autor se comunica com o leitor</p> <p>A forma de como o autor se comunica com o leitor</p> <p>Mesmo os textos sendo antigos, os assuntos tratados são bem atuais</p> <p>Os assuntos que são abordados, principalmente o não as matem. Apesar de ser um texto antigo, ainda é uma grande realidade</p> <p>Que até hoje acontecem os fatos. O homem nunca aprende.</p> <p>Que mesmo anos depois da escrita, nada mudou</p> <p>Me chamou mais atenção o texto "Não as matem" , pois todos deveriam ler sobre esse assunto e absorver mais isso.</p>
--

Fonte: Arquivo da autora, 2020

A questão envolvia uma opinião pessoal, mas essa se deu após análise de cada texto, conhecimento do autor Lima Barreto, e sua abordagem sobre a sociedade da época e reflexões sobre assuntos presentes em nossa sociedade até os dias de hoje.

Seguimos com a identificação do tema principal, título do texto, releitura, esclarecimento sobre palavras desconhecidas e probabilidade de recomendação do texto

para outras pessoas, pois, embora estejam no ensino médio regular, demonstram dificuldades nestes aspectos e, por vezes, não o reconhecem, confundindo-o com o título do texto.

Dessa forma, a leitura crítica sobre os títulos foi inserida na aplicação do produto e abordada nesse formulário. Os alunos, inclusive, declararam que não estavam acostumados a essa imersão no título antes da leitura e às propostas desta pesquisa. Revelaram que sempre foram orientados a lerem os textos apresentados pelos professores e responderem às perguntas.

Percebemos, claramente, que não estavam acostumados a uma reflexão mais detalhada de elementos do texto, tais como título e características do gênero, bem como o tema principal. As respostas se mostram satisfatórias observando que leram os títulos, chegaram ao final da leitura refletiram sobre os títulos como apresentamos a seguir.

**Gráfico 16:** expectativas para a leitura



Fonte das imagens 14, 15e 16: dados da pesquisa, 2020

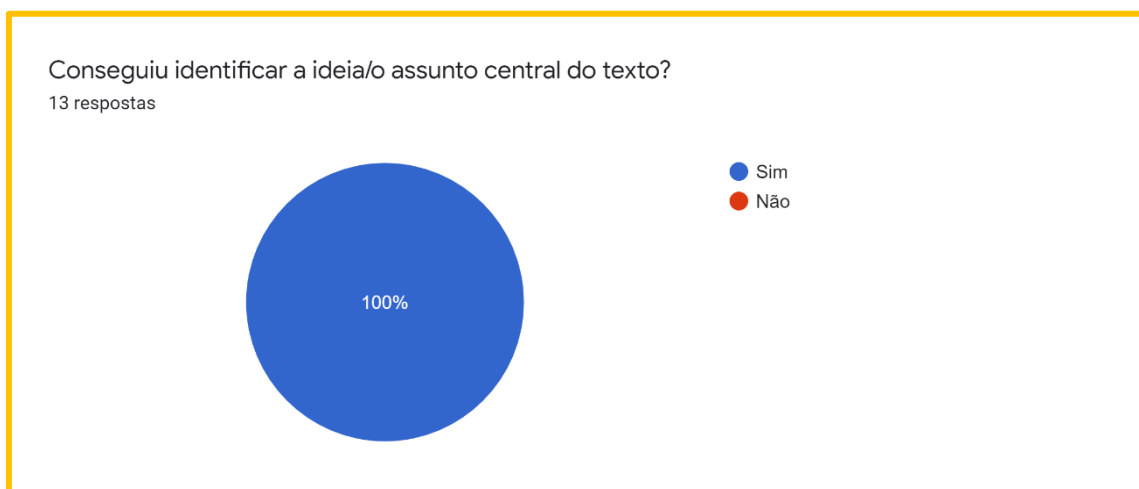
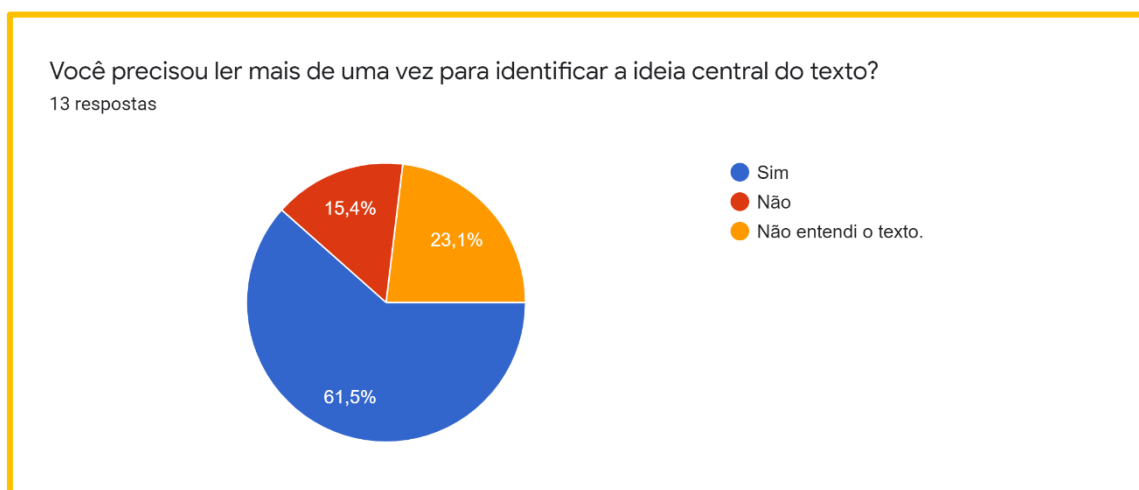
Esses alunos, que antes liam os textos, buscando as respostas nos parágrafos, quando confrontados à leitura do título, titubeavam e consideravam irrelevante. Todavia, quando instigados à leitura reflexiva, observavam o título com um olhar mais criterioso e aguçado sobre as possibilidades de análise dos conteúdos existentes nos textos. Marcuschi orienta que

O título é sempre a primeira entrada cognitiva no texto. A partir dele fazemos uma série de suposições iniciais que depois podem ser modificadas ou confirmadas. É uma maneira de avançarmos hipóteses de conteúdos com base em nossas expectativas. Assim, não é indiferente a presença de um ou outro título no texto. Se olharmos com cuidado os textos noticiosos da imprensa diária, vamos ver que os mesmos fatos recebem manchetes diferentes de um jornal para o outro e, às vezes, elas se contradizem. Analisar títulos, sugerir títulos, justificar títulos diversos para textos é uma forma de trabalhar os conteúdos globalmente. Trabalhar os títulos de textos é uma boa forma de perceber como se constrói um universo contextual e ideológico para os textos mesmo antes de lê-los. (MARCUSCHI, 2009, p.8)

Dessa forma, nossa imersão com os títulos foi bastante interessante observando que, na maioria das vezes não correspondiam às expectativas. Dos textos selecionados, apenas “As enchentes” (1915) corresponderam às expectativas dos alunos. A curiosidade foi bastante aguçada em “ Não as matem”(1915) e “ Mais uma vez”(1915), pois acreditavam se tratar de desmatamento; “País rico”(1920), levou-os a pensar nas possibilidades de riquezas naturais brasileiras, e a leitura do texto desconstruiu totalmente a ideia; perceberam as ironias do autor e suas intenções e críticas na abordagem do tema. Refletiram sobre a pandemia e na forma como os problemas sociais e as desigualdades estão presentes em nossa sociedade há mais de um século.

Em “Maio” (1911), não imaginavam as reflexões históricas e sociais presentes no texto e como Lima Barreto e seus textos exerceram papel importante na imprensa do início do século passado. O texto levou-os às indagações sobre os conceitos de liberdade e escravidão, tão discutidos atualmente, o racismo estrutural, a importância das cotas e os preconceitos vividos pelas populações negras em nosso país e no mundo. Os assassinatos de pessoas negras em 2020, sua repercussão e impactos também foram abordados pelos estudantes. O texto que, segundo a previsão inicial seria lido no primeiro semestre, ficou para o segundo, próximo ao mês da Consciência Negra. Na ocasião, realizamos reflexões sobre o tema e suas implicações na sociedade.

A partir dos títulos das crônicas de Lima Barreto, nossos leitores foram levados a levantar hipóteses sobre a temática abordada no texto, os fatos ocorridos na época em que foram escritos e o que ainda acontece atualmente. Refletiram também sobre a forma como os preconceitos e as violências prejudicam as vidas de tantas pessoas e como os atos impensados impactam o cotidiano. Ao longo da leitura das crônicas, observaram enredo, a narrativa em primeira pessoa, usos de ironias por parte do autor, a crítica social sempre presente nos textos e, desafiados às leituras, deveriam encontrar a ideia central na crônica de sua preferência.

**Gráfico 17** : assunto central**Gráfico 18** leitura dos textos

Fonte das imagens: dados da pesquisa, 2020

Questionamos os alunos sobre a possibilidade de ler mais de uma vez e refletirmos com a afirmação de Marcuschi:

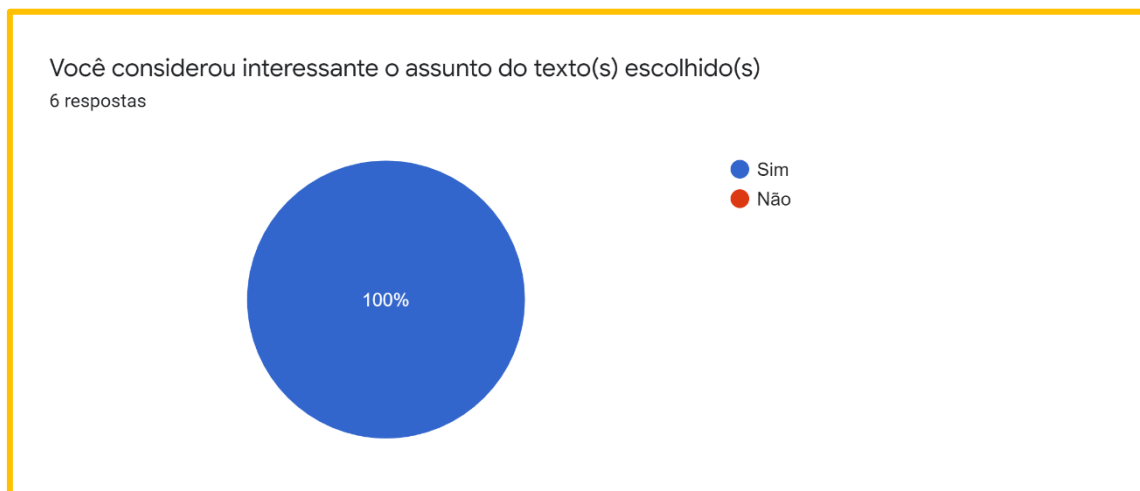
É muito provável que numa segunda ou terceira leitura de um texto em tempos diversos teremos outra visão e outra compreensão. Tratar este aspecto em sala de aula é estar fazendo algo proveitoso, pois esta situação é comum no dia a dia, já que costumamos rever nossas posições ao longo da vida. Vamos mudando de posições, opiniões, ideias e isto influencia nossa forma de compreender os textos. Por isso é bom rever nossas compreensões. Disponível em: (MARCUSCHI, 2009, p.9)

Os estudantes não gostam ou não têm costume de relerem um texto e logo demonstram impaciência na tarefa, mas, curiosamente, relataram que precisaram ler mais de uma vez e assim o fizeram. Ao logo das intervenções destacamos a importância da releitura e como esta modifica nosso pensamento e, muitas vezes, uma segunda ou mais

leituras nos levam a uma melhor compreensão e modificação de ideias iniciais sobre determinado assunto.

As ideias centrais de cada texto de Lima Barreto nos parecem relevantes e plausíveis de leitura em qualquer tempo. Mas será que os alunos concordam? Perguntamos a eles:

**Gráfico 19:** interesse sobre o assunto



Fonte: dados da pesquisa, 2020

Nessa etapa da pesquisa, os estudantes já conheciam Lima Barreto e se familiarizavam com sua forma de escrever e apresentar os problemas da cidade, que, ao falar sobre o Rio de Janeiro expressa suas dores e indignações pelo lugar que amava, mas não se esquivava em criticar. No trecho de seu livro sobre Lima Barreto, Resende (2017, p. 17) menciona essa oposição de ideias do cronista em relação do Rio: “Cidade desde sempre, de desigualdades, onde o prazer e sofrimento pareciam partilhar tantas vezes o mesmo espaço. Cidade sedutora e injusta. Cidade de que é tão difícil se afastar e onde é tão difícil viver.”

As crônicas foram especialmente interessantes para os envolvidos na pesquisa e a cada nova atividade descreviam como era interessante conhecer nosso passado histórico e refletir sobre problemas concretos de nossa sociedade presentes em textos escritos no início do século passado.

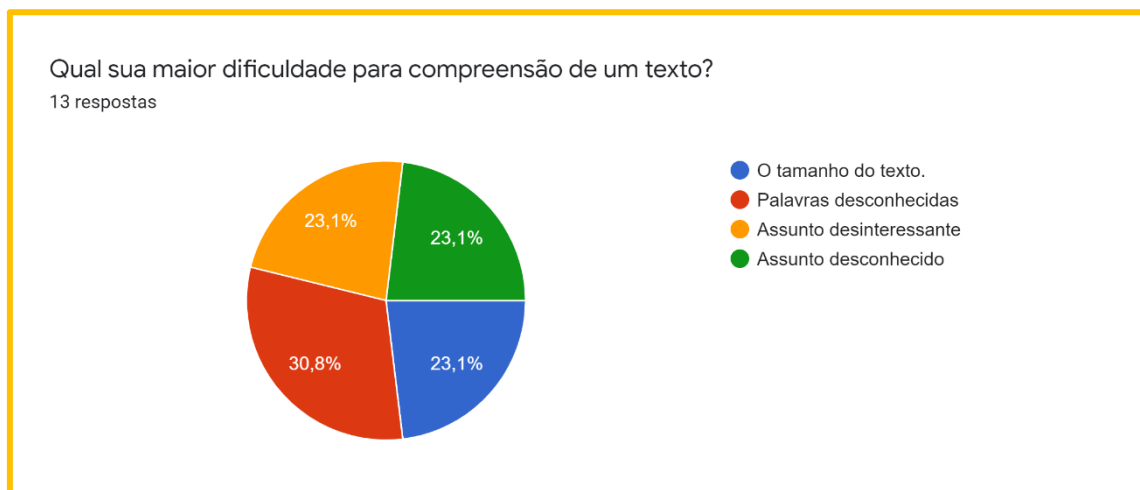
Conhecer Lima Barreto, parte de suas crônicas, a forma de narrar e o modo como se expressava chamou bastante a atenção dos alunos e, à medida que as leituras avançavam e as hipóteses levantadas sobre os títulos não se confirmavam gerava um

misto de surpresa e expectativa pelo final, muitas vezes inconcluso, uma característica do gênero. Os estudantes comentavam que já esperavam algo diferente do previsto e a preocupação em encontrar resistência nos textos deu lugar a uma troca de conhecimentos com temas que muito lhes agradaram.

O estudo com o gênero crônica mostrou-se importante nesse processo de estímulo à compreensão, pois sua linguagem leve, acessível, bem coloquial, próxima à oralidade, com temas cotidianos aproxima autor e leitor no processo de interação com o texto. Smith(1989,p.60) nos explica que “Os esquemas de gêneros auxiliam tanto os leitores quanto os escritores. Suas formas características auxiliam os leitores, proporcionando-lhes bases para previsão de como será o texto”. Essa identificação dos leitores com o gênero facilitou a leitura das narrativas. As crônicas parecem conversar diretamente com cada leitor e este vai construindo sentidos a partir de suas vivências, percepções e seu imaginário. Este diálogo exige uma reflexão, fazendo com que o leitor busque suas referências armazenadas na memória que podem auxiliar no processo de compreensão.

Ressaltamos que nosso foco é o desenvolvimento da compreensão leitora utilizando as crônicas de Lima Barreto. Perguntamos aos estudantes qual tinha sido a maior dificuldade encontrada por eles nesse processo.

**Gráfico 20:** dificuldades para compreensão do texto



Fonte: dados da pesquisa, 2020

As perguntas foram baseadas nas declarações dos estudantes coletadas durante as aulas e etapas de intervenções. Observamos o grupo bastante dividido no que concerne aos motivos que dificultam a compreensão de um texto. Destacamos que, a partir das respostas dadas, novas intervenções foram realizadas no sentido esclarecer que para se compreender um texto é importante conhecer sua estrutura e suas características. Smith (1989, p.61) ressalta “A importante função exercida por todas estas estruturas convencionais e características em benefício dos leitores, é enfatizada pelas crescentes evidências de que as estruturas são as bases para nossa compreensão dos textos”.

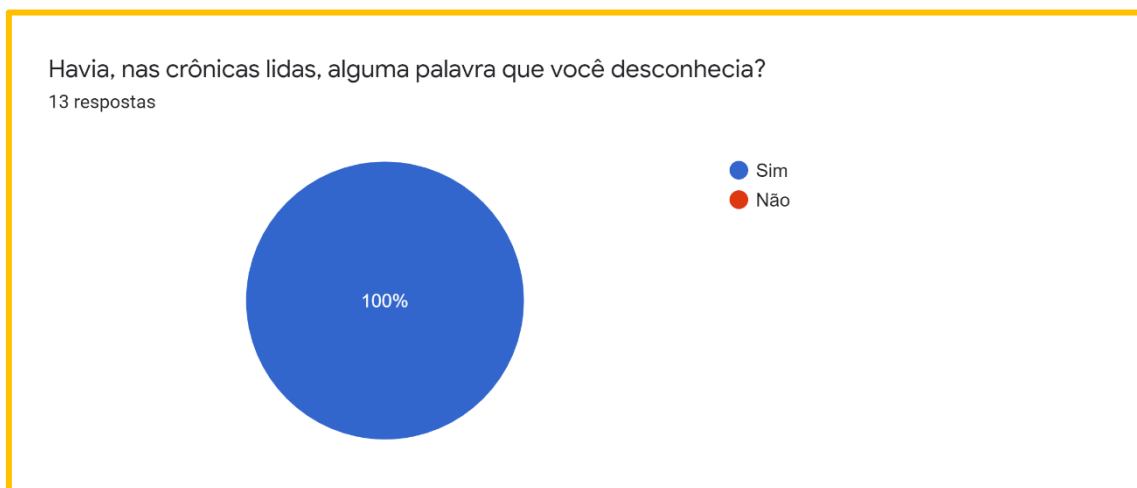
Nessa perspectiva, conversamos com os alunos sobre a importância de se conhecer o gênero e como este apresenta características próprias que o difere de outros. O mesmo autor diz que “a estrutura de nossas cabeças e não as do texto que determinam nossa memória para o texto: são as formas pelas quais os textos serão lembrados” (Smith, 1989, p.61). Conversamos, assim, sobre memórias, a que cada texto nos remete, que experiências tivemos com a leitura de cada texto e a forma como os textos estudados em sala de aula são importantes, se relacionam com o mundo e não se restringem ao ambiente da escola. Considerando que ler não é decodificar o código, como já destacamos, o leitor deve interagir com os textos, dando-lhes sentido e não ser apenas passivo na leitura.

Ao compararmos as respostas obtidas, percebemos que o item “palavras desconhecidas” teve um percentual maior em relação às demais. Os alunos se referiram aos textos lidos e não aos textos de modo geral. Constatamos que as crônicas escritas no início do século XX apresentam palavras não utilizadas com frequência e outras em latim, daí a necessidade de esclarecimentos quando questionavam palavras como *quand meme ou square*. Essa análise contribuiu para averiguarmos o que pode impedir a interação com os textos. No item “assunto desconhecido”, percebemos que muitos estudantes realmente desconhecem assuntos do cotidiano do seu bairro, cidade e país. Demonstram falta de interesse por situações que não os atingem de maneira direta, além de revelar que os informativos da televisão trazem uma linguagem de difícil compreensão e não atraente, na concepção desses estudantes.

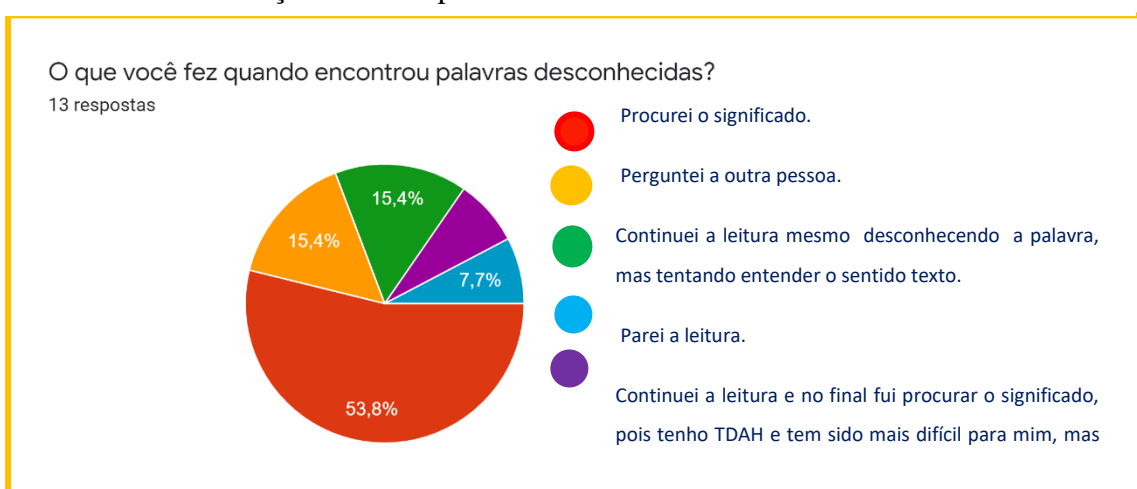
Os itens “Assunto desinteressante e tamanho do texto” obtiveram o mesmo percentual que assunto desconhecido, demonstrando que a extensão dos textos já não assusta tanto quando o assunto é interessante. Prova disso foi a crônica selecionada como a preferida destes jovens leitores: “Não as matem”. Era a mais longa entre as cinco e a

elegeram como mais interessante. Questionamos ainda a respeito das palavras desconhecidas, pois havia a preocupação de que parassem a leitura por não conhecerem alguma palavra presente nos textos apresentados e escritos em uma época diferente da atual.

**Gráfico 21:** dúvidas sobre palavras desconhecidas



**Gráfico 22:** ação sobre as palavras desconhecidas



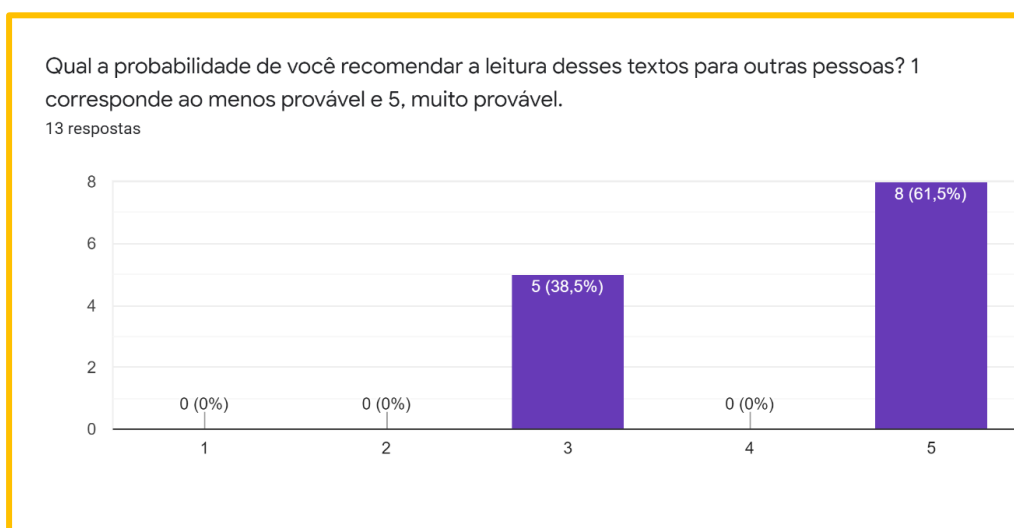
Destacamos com os alunos que a participação deles é fundamental no processo de compreensão e o conhecimento das palavras se dá à medida que interagem com os textos. Marcuschi (2008, p.238) ressalta que “ A língua é vista como uma atividade e não como um instrumento; uma atividade sempre interativa, ou seja, o processo de compreensão se dá como uma construção coletiva.”

Na tentativa de auxiliar os estudantes nesse aspecto, abordamos a importância dos conhecimentos prévios e das experiências anteriores com a leitura, informando que as palavras fazem sentido dentro de um determinado

contexto e, muitas vezes, inferimos os sentidos na leitura como um todo e os conhecimentos próprios são importantes. A compreensão é um processo interativo, como mencionamos anteriormente, e não apenas no conhecimento isolado das palavras.

Percebemos uma boa recepção desses detalhes acerca da leitura para os estudantes, pois muitos se revelam incapazes de lerem por não conhecerem algumas palavras e seus respectivos significados. Mais uma vez comentamos sobre os usos e sentidos de expressões na composição textual. Aos poucos, foram vencendo essa barreira e buscaram ler, reler e destacar características do gênero e os pontos importantes, como descrito na aplicação do produto educacional. O interesse pelos temas e a sua divulgação dos textos pode ser analisado no gráfico a seguir.

**Gráfico 23:** recomendação para leitura das crônicas



Fonte dos gráficos 21, 22 e 23: dados da pesquisa, 2020

O circuito do texto, abordado anteriormente, tinha como objetivo promover a divulgação das crônicas de Lima Barreto e fomentar o interesse em outras obras do autor. Consideramos que esses estudantes, de camadas populares, moradores de comunidade, que apresentavam inúmeras dificuldades no processo de leitura, agora podem divulgar as crônicas lidas, compartilhando-as com outros colegas. Podem, também, exercer o protagonismo, além experimentar o prazer em ler e obter o enriquecimento pessoal.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção final, retomamos nossas indagações iniciais no que concerne à leitura de crônicas nas aulas de Língua Portuguesa como textos que pudessem estimular a leitura, despertar a curiosidade e auxiliar nas propostas para compreensão leitora de textos e prazer em ler nos estudantes envolvidos na pesquisa.

Nessa perspectiva e na busca de ampliar nosso fazer pedagógico, reconhecendo a importância da leitura em sala de aula, realizamos esta pesquisa com foco na compreensão leitora de alunos e alunas do Ensino Médio.

O objetivo geral do trabalho era investigar se a leitura de crônicas e as atividades desenvolvidas com esse gênero textual podem contribuir para a compreensão leitora em alunos do Ensino Médio regular. Determinamos como objetivos específicos a identificação das principais dificuldades no processo de compreensão leitora, a elaboração de material didático, considerando a importância do processo de compreensão leitora de alunos do segundo ano do Ensino Médio regular, a aplicação do material didático e, como último objetivo tivemos a avaliação dos resultados após as intervenções pedagógicas realizadas durante a realização do trabalho.

Para alcançar esses objetivos propostos inicialmente, desenvolvemos um produto educacional com propostas de leitura voltadas para o Ensino Médio. Nesse produto, propusemos atividades para auxiliar a compreensão leitora e, para isso, buscamos assuntos e temas de interesse do público envolvido na pesquisa para que fosse possível a ampliação dos seus conhecimentos e a realização das atividades de forma mais autônoma.

Os estudos norteadores que nos levaram a refletir sobre práticas de leitura são pautados em um arcabouço de experientes pesquisadores citados anteriormente. Eles desenvolveram pesquisas com o tema escolhido por nós e puderam auxiliar o desafio de trilhar caminhos no sentido de orientar os alunos nas práticas de leitura e de compreensão textual.

Esses novos conhecimentos adquiridos fazem parte de um processo de união da teoria com a prática, que não se esgota, mas enriquece ações que podem promover um ensino capaz de levar meus alunos a compreenderem os textos lidos. As práticas de leitura que propusemos objetivaram levá-los a refletirem sobre a dura realidade em que vivemos e passarem a acreditar no poder de transformação proporcionado pela leitura.

O problema que me guiou foi: De que forma a leitura de crônicas nas aulas de Língua Portuguesa pode propiciar a compreensão leitora de textos e formar o hábito de leitura nos estudantes? Este problema me desafiou ao longo de toda a pesquisa, não se restringindo apenas a uma formalidade para a escrita da dissertação.

Entendi o grande desafio do trabalho pedagógico com jovens no século XXI e as inúmeras indagações que povoavam minha mente no início da pesquisa começavam a se revelar para que se sentissem atraídos pela leitura de textos no gênero escolhido. Vimos que o gênero crônica pôde emocionar e fazê-los refletir sobre nossa sociedade, além de ter despertado o gosto e o prazer pela leitura.

A hipótese inicial de que a leitura de crônicas pudesse favorecer a aprendizagem dos estudantes, por se tratar de um gênero que transita entre a literatura e o jornalismo, cuja narrativa contém elementos do cotidiano e do mundo contemporâneo, foi motivadora a capaz de nortear os rumos e se confirmar ao final, pois os estudantes foram engajados nas leituras e críticos em relação à leitura que tinham feito. O gênero escolhido para este trabalho possibilitou uma interação com estes jovens que passaram a se sentir motivados atentos aos acontecimentos presentes na nossa sociedade.

Deparamo-nos, muitas vezes, com jovens do Ensino Médio que apresentam dúvidas bastante incipientes em relação à leitura e percebemos equívocos e necessidade de uma intervenção pedagógica frequente para a melhoria da aprendizagem. Isso sempre nos instigou a buscar mais conhecimentos neste tão grande desafio que é o magistério. Sendo assim, a pesquisa abriu novos horizontes e, também, crescimento pessoal para nos tornamos uma profissional mais atuante e com melhores condições de intervir e auxiliar os alunos na construção de saberes.

Durante a investigação e as intervenções na pesquisa com características de pesquisa-ação, utilizamos a proposta de sala de aula invertida, descrita por Moran (2000). Esse modelo difere do modelo tradicional, considerado asfixiante. A sala de aula invertida sugere uma inversão na qual a informação básica concentra-se no ambiente virtual e as demais atividades no ambiente presencial.

Vale destacar que esse trabalho já era realizado antes do contexto da pandemia vivido em 2020. Acreditamos que a escola precisa repensar suas formas de fazer a agir, utilizando as metodologias ativas nas propostas pedagógicas. Vivemos ainda com situações de ensino e aprendizagem totalmente descontextualizadas e distantes da realidade dos estudantes. Práticas que permanecem iguais às de séculos anteriores e

estudantes também: revelam desinteresse e falta de envolvimento com as atividades propostas, pois não reconhecem seu protagonismo no que precisam fazer.

Essa falta de harmonia entre escola e alunos torna-se cada vez mais evidente nos resultados bimestrais, avaliações internas e as de larga escala, pois percebemos que não veem avaliação como processo, mas como fim e parecem não se interessarem pelas aulas, mas somente pelas notas para aprovação. Entretanto, com uma proposta de metodologia ativa, na qual podem assumir o protagonismo nas aulas, participar, dialogar e agir com o reconhecimento de que as aulas são um retrato da realidade e podem discutir temas como cidadãos críticos em formação.

Sempre pensamos na importância da escola e em seu papel nessa sociedade que nos cerca de forma tão massacrante e faz com as aulas se tornem, muitas vezes, massivas e maçantes. Com esta reflexão, as propostas de uma metodologia ativa que os envolva, atrai e faz com que os planejamentos sejam sempre revistos, atualizados e construídos com base em problemas, projetos, gamificação, sala de aula invertida e desafios constantes. Tais reflexões sobre essas novas formas de ensinar, caminhos e possibilidades de fazer mudanças significativas que colaborem nos processos de aprendizagem fazem com que a práxis seja constante.

A proposta de inversão da lógica da sala de aula já fazia parte de nossa metodologia de trabalho e foi integrada a esta pesquisa como prática pedagógica, desde 2014 e tornou-se exclusivamente remota a partir de março de 2020, com o fechamento das unidades escolares. A inversão da lógica da sala de aula funciona como extensão do espaço escolar e estreitamento da relação pedagógica de alunos e professores foi um trabalho bastante desafiador, pois o acesso à internet não é uma realidade em todas as residências e essas barreiras de comunicação e interação presencial também afetaram o processo que sofreu adaptações para que fosse realizado dentro das possibilidades que se apresentavam. Este modelo híbrido de ensino consiste em uma forma de se fazer a abordagem de um assunto que serão vistos durante a aula presencial, os alunos fazem em casa o que seria feito na aula. O conteúdo das aulas, textos, links, imagens etc. é postado antes das aulas e, ao chegarem à aula, os alunos trazem seus questionamentos e reflexões para discussão.

Apesar da pandemia e das inúmeras dificuldades ocorridas em 2020, a pesquisa foi realizada de forma bastante eficaz, visto que os estudantes já conheciam esta forma de

trabalho e não estranharam as aulas de maneira exclusivamente remota. Para isso, utilizamos a plataforma *Facebook*, uma rede social utilizada pelos alunos habitualmente como divertimento, mas que se transformou em um espaço de trocas, interação, informação e aprendizagem capaz de contornar as dificuldades impostas pela pandemia e pela impossibilidade de aulas presenciais devido à crise de saúde pública.

As práticas de tecnologia já presentes nos cotidianos desta sociedade contemporânea em que vivemos podem também estar presentes na escola. Acreditamos, por isso, ser importante refletirmos sobre os conceitos de cibercultura e sobre as novas formas de tecnologias na escola atual.

Em tempos de cultura digital, é preciso que reflitamos sobre a escola, a sala de aula e o impacto das relações nesse espaço para a vida dos estudantes, os conhecimentos tecnológicos adquiridos por eles e o uso desses conhecimentos em situações sociais. A sociedade mudou e a escola pode acompanhar essa mudança, trazendo novas formas de aprendizagem aos alunos da Educação Básica e a ressignificação para o cotidiano escolar.

Atribuir sentido à escola, ao ensino e à aprendizagem dos estudantes parece um desafio constante para nós, educadores. Quando tratamos de jovens de comunidades carentes, torna-se ainda maior pelos fatores sociais e de enfrentamento desse público que se esforça cotidianamente pela busca de certificação e de visibilidade social.

Nessa perspectiva, o uso das metodologias ativas, especificamente, a sala de aula invertida, trouxe muitos benefícios. Além do protagonismo na aprendizagem dos alunos que, muitas vezes, demonstravam baixa autoestima e falta de interesse em participar das aulas, uma nova reflexão sobre as tecnologias digitais e sua inserção nos mais variados ambientes de convivência se faz necessária na escola.

Apesar das mudanças que presenciamos e das incertezas nas quais vivemos, observamos que essa experiência mostrou que é possível refletirmos sobre nossas práticas de ensino com a sala de aula invertida. Dessa forma, os alunos podem conhecer o que será abordado com antecedência e trazer para a turma os questionamentos após a leitura dos textos e vídeos. Os encontros virtuais (ou presenciais) deixam de ser apenas aulas expositivas, mas reflexivas, com atividades em grupos, em que interagem e, mesmo com dificuldades, são capazes de buscar informações e tornar a aprendizagem mais significativa.

Os estudantes utilizaram o ambiente virtual para organização prévia e finalizaram as atividades nos encontros com toda a turma. Dessa forma, eles progrediram, exercitaram autonomia e conseguiram realizar todas as atividades propostas em um ambiente de aprendizagem, convivência e colaboração. A sala de aula invertida trouxe motivação para os estudantes, que podem estudar de forma autônoma. Quando não puderam participar dos encontros ao vivo devido às condições de trabalhos ou outros fatores podiam acessar, em outro momento, livremente, os vídeos das aulas postadas em outro momento.

A apresentação e a utilização das estratégias de leitura possibilitaram aos alunos a experiência com uma nova forma de leitura, motivando-os para a realização das atividades. A escolha do gênero se deu pelo fato de se tratar de textos com narrativas do cotidiano com os quais os alunos puderam dialogar, se sentir representados e, inclusive, participar mais ativamente das discussões orais.

Esses mesmos jovens que sempre resistiram às leituras, foram estimulados a ler com base em estratégias, e a cada proposta de atividades buscavam superar seus medos e falta de interesse na leitura dos textos. A surpresa com o conteúdo de cada crônica, o desafio suscitado por seu título e pela data da publicação foram fatores que os levaram a refletir sobre a atualidade dos temas e a se envolver na leitura.

Nessa perspectiva, buscamos promover o prazer em ler, incentivar e valorizar a leitura bem como os avanços demonstrados pelos estudantes para que se sentissem acolhidos e capazes de realizar os desafios das atividades. Durante esse processo foram inúmeras as dificuldades inerentes ao contexto escolar e outras que surgiram, como a mais grave delas, a pandemia da Covid-19. Dessa maneira, os alunos foram desafiados mais intensamente na interação com os textos e com a construção de sentidos, pois estavam em suas casas, distante dos colegas e da professora.

Os resultados observados mostram que foram capazes de se organizarem em um ambiente diferente do costumeiro, mas que foi favorável à aprendizagem levando em conta a função social da leitura e sua importância dentro e fora do espaço escolar. As análises apontam que os estudantes tiveram resultados satisfatórios após as intervenções e a apropriação do uso das estratégias. Usaram as redes sociais como forma de estudo e, dessa forma, ressignificaram as experiências com o uso da tecnologia e da aprendizagem na escola e fora dela. Os alunos se tornaram mais organizados para o processo de leitura, o que ratifica a importância do texto na sala de aula, contribuindo para despertar o

interesse por outros gêneros. Essa mudança de postura do aluno representa expectativa de ampliação do repertório de informações e de conhecimento.

Este trabalho discute, ainda, a importância das metodologias ativas no processo de compreensão de crônicas nas aulas de Língua Portuguesa em turmas do Ensino Médio no CIEP 244 Oswaldo Aranha, na cidade do Rio de Janeiro. A experiência remota não substituiu a presencial, com seus benefícios e suas interações pessoais, mas mostrou-se eficiente para que pudéssemos cumprir os objetivos traçados para esta pesquisa. Com a sala de aula invertida, eles podiam conhecer o que seria abordado com antecedência e seria possível que trouxessem para a turma os questionamentos após a leitura dos textos e vídeos, tornando as aulas mais dinâmicas e produtivas.

Seguindo esse pressuposto, cada atividade buscava como finalidade desenvolver a autonomia dos estudantes para que tivessem consciência da importância de lerem e tivessem certeza, também, de que seriam capazes de compreender os textos sem aguardar nossas respostas. Dessa maneira, a interação nesta pesquisa, com características de pesquisa-ação, foi extremamente valiosa e ganhou uma amplitude significativa para todos os envolvidos. Os alunos puderam conhecer e se apropriar de orientações não vivenciadas anteriormente de forma tão dinâmica e eficaz.

Como professora e pesquisadora, pudemos expandir nossos conhecimentos, nos aprimorar nos estudos sobre o assunto, bem como prosseguir em outras leituras que contribuíram para aperfeiçoar nossa prática docente. Dessa forma, podemos continuar contribuindo para o crescimento intelectual de estudantes que, a cada ano, temos oportunidade de conhecer e com os quais trabalhar nas aulas de Língua Portuguesa. Acreditamos que essa contribuição seja importante para a formação de seres humanos críticos e transformadores da atual conjuntura. Esperamos, também, que, dialeticamente, continuem intervindo no meio social com uma visão de totalidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aulas de português, encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003

\_\_\_\_\_. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012

\_\_\_\_\_. **Gramática contextualizada: limpando “pó das ideias simples”** São Paulo: Parábola Editorial, 2014

ASSIS, Machado de. **Crônicas escolhidas de Machado de Assis**- Coleção folha de São Paulo, 1994

AZEREDO, J. C. **Ensino de português: fundamentos, percursos, objetivos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. Revisado e reformatado por: Sebo Digital, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés do chão. In: Para gostar de ler: crônicas. Volume 5**. São Paulo: Ática, 2003

FREITAS, Fernanda; AMARO, Vagner (orgs.) **Lima Barreto: por jovens leitores** — 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2011.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo** - 1.ed. - São Paulo : Ática, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? Em aberto, Brasília, v.16, n. 96, p. 63-82, 1996.

\_\_\_\_\_. **Compreensão de texto algumas reflexões** (2009) - MARCUSCHI. Disponível em [compreensão de texto algumas reflexões \(2009\) - MARCUSCHI.pdf](#), p.1-10

\_\_\_\_\_. **O livro didático de língua portuguesa em questão: o caso da compreensão de texto**. Cadernos do I Colóquio de Leitura do Centro Oeste. Goiânia: UFGO, 1999. p.38-71.

MORAN, J.M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 11ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000

\_\_\_\_\_. **Educação híbrida: um conceito chave para a educação, hoje.** Disponível em: [www2.eca.usp.br/moran](http://www2.eca.usp.br/moran)

\_\_\_\_\_. **Mudando a educação com metodologias ativas.** Disponível em: <http://rh.unis.edu.br/wp-content/uploads/sites/67/2016/06/Mudando-a-Educacao-com-Metodologias-Ativas.pdf>

PETIT, Michèle. **A ARTE DE LER ou como resistir a adversidade.** Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto: cronista do Rio.** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2017.

RIO DE JANEIRO. Governo do Estado do Rio de Janeiro. Secretaria do Estado de Educação. **Currículo Mínimo 2012: língua portuguesa e literatura.** Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=759820>> Acesso em 04 de setembro de 2019.

SÁ, Jorge *de*. **A crônica.** 3a ed. São Paulo: Ática, 1989.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Penso, 1998.

SCHLATTER, Margarete; LAGINESTRA, Maria Aparecida; PEREIRA, Maria Imaculada. **A ocasião faz o leitor: orientação para produção de textos.** 6ª ed. São Paulo: CENPEC, 2019.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: Uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler.** 4ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário.** 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TÁVOLA, Artur da. **Ser jovem.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2011.

**APÊNDICE 1- Questionário****COLÉGIO PEDRO II****PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA**

Prezado(a) estudante,

Realizemos uma pesquisa cujo objetivo geral é investigar se a leitura de crônicas e as atividades desenvolvidas com este gênero textual podem contribuir para a compreensão leitora em alunos do ensino médio regular. As informações obtidas serão confidenciais, assegurando-se o sigilo sobre sua participação.

- 1) Você gosta de ler?  
 sim  não
- 2) O que você mais gosta de ler?  
 Quadrinhos  
 Contos  
 Ficção  
 Crônicas  
 Romance  
 Outros
- 3) O que você não gosta de ler?  
 Quadrinhos  
 Contos  
 Ficção  
 Crônicas  
 Romance  
 Outros
- 4) Qual sua maior dificuldade na leitura?  
 Falta de tempo

- Falta de vontade
  - Tamanho dos textos
  - Compreender o que foi lido
- 5) Você costuma ler fora da escola?  
 sim     Não     às vezes
- 6) Você já leu um livro completo?  
 sim     Não

**APÊNDICE 2- Entrevista****COLÉGIO PEDRO II****PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA**

Prezado(a) estudante,

Estamos realizando uma pesquisa cujo objetivo geral é investigar se a leitura de crônicas e as atividades desenvolvidas com este gênero textual podem contribuir para a compreensão leitora em alunos do ensino médio regular. As informações obtidas serão confidenciais, assegurando-se o sigilo sobre sua participação.

1) Qual sua idade?

- 14  
 15  
 16  
 17  
 18     mais de 18

2) Onde você mora?

- Bangu     Sulacap  
 Realengo     Campo Grande  
 Magalhães Bastos     Outros

3) Já teve alguma reprovação?

- sim     não

4) Em caso positivo, quantas?

- uma vez     duas vezes     mais de duas vezes

5) Foi aluno(a) de projeto de aceleração do Município?

- sim     não

### APÊNDICE 3

#### **Crônicas selecionadas para aulas e produto educacional**

##### **Aula 1: Textos: As enchentes**

- a leitura de crônicas como informação e reflexão sobre o cotidiano;
- pensando em questões ambientais;

##### **Aula 2: Texto: País rico**

- refletindo sobre as riquezas do Brasil e a miséria da população;
- Rio de Janeiro.

##### **Aula 3: Não as matem e Mais uma vez**

- taxa de feminicídio no Brasil;
- o papel social da mulher;
- igualdade de gêneros.

##### **Aula 4: Maio**

- conceitos e significado de liberdade na concepção dos alunos;
- o negro na sociedade atual;
- cotas raciais.

## ANEXO 1

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **A inversão da lógica da sala de aula e algumas possibilidades para compreensão leitora no ensino médio**, pois queremos saber se os alunos de ensino médio compreendem os textos lidos. As pessoas que irão participar desta pesquisa têm de 15 a 19 anos de idade. A pesquisa será feita no Ciep 244 Oswaldo Aranha. Durante a pesquisa, você responderá a questionários, participará de rodas de conversa e concederá entrevistas. Para isso, será usado caneta, lápis, borracha, papel e telefone celular, caso possua e deseje responder às perguntas utilizando o aparelho e com internet disponibilizada pela pesquisadora. O uso de caneta, lápis, borracha, papel e celular é considerado seguro, mas é possível você se sentir cansado ou constrangido em uma ou mais atividades. Caso aconteça algo errado, você pode procurar o(a) pesquisador(a) Adriana do Nascimento Querido pelo telefone (21994780438). Mas há coisas boas que podem acontecer, pois essa pesquisa pode contribuir para que o grupo participante tenha a oportunidade de desenvolver com maior propriedade a capacidade de reflexão crítica sobre a situação política e social da realidade que o cerca. Serão beneficiados, com a oportunidade ampliar os conhecimentos, adquirir a capacidade de reconhecer os elementos responsáveis pela produção de sentidos em um texto identificar os vários gêneros textuais e suas características. Você não precisa participar desta pesquisa se não quiser. Ninguém ficará irritado(a) ou chateado(a) com você se você disser “não”: a escolha é sua. Você pode pensar nisto e falar depois se você quiser. Você pode dizer “sim” agora e mudar de ideia depois e tudo continuará bem. É importante que você converse com seus responsáveis sobre a sua decisão. Saiba o que eles acham, fale a eles o que pretende fazer, se quer ou não participar. Você tem o tempo que precisar para isso. Também pode discutir com o(a) pesquisador(a), quando quiser. Ele(a) responderá todas as suas dúvidas, em qualquer momento. Você não receberá nenhum dinheiro nem terá que pagar nada para participar da pesquisa. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as pessoas que participaram da pesquisa.

**ASSENTIMENTO**

Eu \_\_\_\_\_ li este termo e aceito participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_ obtive de forma apropriada e voluntária o Assentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a).

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

## ANEXO 2

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MAIORES DE IDADE

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa denominada “**A inversão da lógica da sala de aula e algumas possibilidades para compreensão leitora no ensino médio**”, realizada no âmbito do Mestrado Profissional Práticas em educação Básica do Colégio Pedro II e que diz respeito a um (a) dissertação de mestrado. A pesquisa será realizada no Ciep 244 Oswaldo Aranha. Durante a pesquisa, o(a) aluno(a) responderá a um questionário, participará de rodas de conversa e concederá entrevista.

**1. OBJETIVO:** O objetivo do estudo é investigar se a leitura de crônicas e as atividades desenvolvidas com este gênero textual podem contribuir para a compreensão leitora em alunos do ensino médio regular.

**2. PROCEDIMENTOS:** a forma de participação do (a) menor consistirá em: responder a um questionário, conceder entrevistas, participar de rodas de conversa. As atividades serão realizadas durante as aulas e sem prejuízo ao conteúdo da disciplina e ano de escolaridade. Responderão perguntas pelo celular, entrevista em papel e fotos durante as aulas.

**3. POTENCIAIS RISCOS E BENEFÍCIOS:** Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo, isto é, o participante pode apresentar, mas é possível você se sentir cansado ou constrangido em uma ou mais atividades. Objetivando minimizar esses riscos, o participante tem a possibilidade de desistir ou deixar de participar em qualquer momento da pesquisa. Por outro lado, são esperados os seguintes benefícios da participação na pesquisa: Mas há coisas boas que podem acontecer, pois essa pesquisa pode contribuir para que o grupo participante tenha a oportunidade de desenvolver com maior propriedade a capacidade de reflexão crítica sobre a situação política e social da realidade que o cerca. Serão beneficiados, com a oportunidade ampliar os conhecimentos, adquirir a capacidade de reconhecer os elementos responsáveis pela produção de sentidos em um texto identificar os vários gêneros textuais e suas características.

**4. GARANTIA DE SIGILO:** os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Asseguramos que a privacidade do (a) menor será respeitada e o nome dele (a) ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o(a) identificar, será mantida em sigilo. O (a) pesquisador (a) responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

5. LIBERDADE DE RECUSA: a participação do (a) menor neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a permitir que ele (a) participe do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar que o (a) menor saia da pesquisa ele (a) não sofrerá qualquer prejuízo.

6. CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO: a participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido à participação do (a) menor no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei.

7. ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES: você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o(a) pesquisador(a). Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pelo(a) pesquisador(a). O(a) pesquisador(a) garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso ao(a) pesquisador(a) Adriana do nascimento Querido pelo telefone (21) 994780438. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II (CEP/CPII), situado no Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 29921-903, pelo telefone: 21 3891-0020 ou pelo e-mail: [cep@cp2.g12.br](mailto:cep@cp2.g12.br)

### CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_ li e concordo em participar da pesquisa.

Data:

Assinatura do(a) participante

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_ obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do(a) participante da pesquisa.

Data:

Assinatura do(a) pesquisador(a)

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## ANEXO 3

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –  
RESPONSÁVEL LEGAL**

Prezado(a) responsável/representante legal:

Gostaríamos de solicitar o seu consentimento para o(a) menor \_\_\_\_\_ participar como voluntário(a) da pesquisa denominada “**A inversão da lógica da sala de aula e algumas possibilidades para compreensão leitora no ensino médio**”, realizada no âmbito do Mestrado Profissional Práticas em educação Básica do Colégio Pedro II e que diz respeito a um (a) dissertação de mestrado. A pesquisa será realizada no Ciep 244 Oswaldo Aranha. Durante a pesquisa, o(a) aluno(a) responderá a um questionário, participará de rodas de conversa e concederá entrevista.

**1. OBJETIVO:** O objetivo do estudo é investigar se a leitura de crônicas e as atividades desenvolvidas com este gênero textual podem contribuir para a compreensão leitora em alunos do ensino médio regular.

**2. PROCEDIMENTOS:** a forma de participação do (a) menor consistirá em: responder a um questionário, conceder entrevistas, participar de rodas de conversa. As atividades serão realizadas durante as aulas e sem prejuízo ao conteúdo da disciplina e ano de escolaridade. Responderão perguntas pelo celular, entrevista em papel e fotos durante as aulas.

**3. POTENCIAIS RISCOS E BENEFÍCIOS:** Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo, isto é, o participante pode apresentar, mas é possível você se sentir cansado ou constrangido em uma ou mais atividades. Objetivando minimizar esses riscos, o participante tem a possibilidade de desistir ou deixar de participar em qualquer momento da pesquisa. Por outro lado, são esperados os seguintes benefícios da participação na pesquisa: Mas há coisas boas que podem acontecer, pois essa pesquisa pode contribuir para que o grupo participante tenha a oportunidade de desenvolver com maior propriedade a capacidade de reflexão crítica sobre a situação política e social da realidade que o cerca. Serão beneficiados, com a oportunidade ampliar os conhecimentos, adquirir a capacidade de reconhecer os elementos responsáveis pela produção de sentidos em um texto identificar os vários gêneros textuais e suas características.

**4. GARANTIA DE SIGILO:** os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Asseguramos que a privacidade do (a) menor será respeitada e o nome dele (a) ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o(a) identificar, será mantida em sigilo. O (a) pesquisador (a) responsável se compromete a

manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

**5. LIBERDADE DE RECUSA:** a participação do (a) menor neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a permitir que ele (a) participe do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar que o (a) menor saia da pesquisa ele (a) não sofrerá qualquer prejuízo.

**6. CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO:** a participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido à participação do (a) menor no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei.

**7. ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES:** você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o(a) pesquisador(a). Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pelo(a) pesquisador(a). O(a) pesquisador(a) garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso ao(a) pesquisador(a) Adriana do nascimento Querido pelo telefone (21) 994780438. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II (CEP/CPII), situado no Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 29921-903, pelo telefone: 21 3891-0020 ou pelo e-mail: [cep@cp2.g12.br](mailto:cep@cp2.g12.br)

### CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_ li e concordo com a participação do menor \_\_\_\_\_ na pesquisa.

Assinatura do(a) responsável/representante legal	Data: ___/___/___
--	----------------------

Eu, \_\_\_\_\_ obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do (a) responsável /representante legal pelo (a) menor participante da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a)	Data: ___/___/___
---------------------------------	----------------------

## ANEXO 4- Crônicas de Lima Barreto usadas na pesquisa

### As enchentes

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas.

Além da suspensão total do tráfego, com uma prejudicial interrupção das comunicações entre os vários pontos da cidade, essas inundações causam desastres pessoais lamentáveis, muitas perdas de haveres e destruição de imóveis.

De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos.

Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolvível tão simples problema.

O Rio de Janeiro, da avenida, dos *squares*, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral.

Como está acontecendo atualmente, ele é função da chuva. Uma vergonha!

Não sei nada de engenharia, mas, pelo que me dizem os entendidos, o problema não é tão difícil de resolver como parece fazerem constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão.

O Prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descuroou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio.

Cidade cercada de montanhas e entre montanhas, que recebe violentamente grandes precipitações atmosféricas, o seu principal defeito a vencer era esse acidente das inundações.

Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social.

*Vida urbana, 19-1-1915*

### País rico

Não há dúvida alguma que o Brasil é um país muito rico. Nós que nele vivemos; não nos apercebemos bem disso, e até, ao contrário, o supomos muito pobre, pois a toda hora e a todo instante, estamos vendo o governo lamentar-se que não faz isto ou não faz aquilo por falta de verba.

Nas ruas da cidade, nas mais centrais até, andam pequenos vadios, a cursar a perigosa universidade da calariça das sarjetas, aos quais o governo não dá destino, o os mete num asilo, num colégio profissional qualquer, porque não tem verba, não tem dinheiro. É o Brasil rico...

Surgem epidemias pasmosas, a matar e a enfermar milhares de pessoas, que vêm mostrar a falta de hospitais na cidade, a má localização dos existentes. Pede-se à construção de outros bem situados; e o governo responde que não pode fazer porque não tem verba, não tem dinheiro. E o Brasil é um país rico.

Anualmente cerca de duas mil mocinhas procuram uma escola anormal ou anormalizada, para aprender disciplinas úteis. Todos observam o caso e perguntam:

- Se há tantas moças que desejam estudar, por que o governo não aumenta o número de escolas a elas destinadas?

O governo responde: - Não aumento porque não tenho verba, não tenho dinheiro.

E o Brasil é um país rico, muito rico...

As notícias que chegam das nossas guarnições fronteiriças, são desoladoras. Não há quartéis; os regimentos de cavalaria não têm cavalos, etc., etc.

- Mas que faz o governo, raciocina Brás Bocó, que não constrói quartéis e não compra cavalhadas?

O doutor Xisto Beldroegas, funcionário respeitável do governo acode logo: -

- Não há verba; o governo não tem dinheiro. –

- E o Brasil é um país rico; e tão rico é ele, que apesar de não cuidar dessas coisas que vim enumerando, vai dar trezentos contos para alguns latagões irem ao estrangeiro divertir-se com os jogos de bola como se fossem crianças de calças curtas, a brincar nos recreios dos colégios.

O Brasil é um país rico...

Marginália, 8-5-1920

### Maio

Estamos em maio, o mês das flores, o mês sagrado pela poesia. Não é sem emoção que o vejo entrar. Há em minha alma um renovamento; as ambições desabrocham de novo e, de novo, me chegam revoadas de sonhos. Nasci sob o seu signo, a treze, e creio que em sexta-feira; e, por isso, também à emoção que o mês sagrado me traz, se misturam recordações da minha meninice.

Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no largo do Paço.

- Na minha lembrança desses acontecimentos, o edifício do antigo paço, hoje repartição dos Telégrafos, fica muito alto, um sky-scraper; e lá de uma das janelas eu vejo um homem que acena para o povo.

Não me recordo bem se ele falou e não sou capaz de afirmar se era mesmo o grande Patrocínio.

Havia uma imensa multidão ansiosa, com o olhar preso às janelas do velho casarão. Afinal a lei foi assinada e, num segundo, todos aqueles milhares de pessoas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenço, vivas...

Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia.

Houve missa campal, no Campo de São Cristóvão. Eu fui também com meu pai; mas pouco me recordo dela, a não ser lembrar-me que, ao assisti-la, me vinha aos olhos a Primeira missa, de Vitor Meireles. Era como se o Brasil tivesse sido descoberto outra vez... Houve o barulho de bandas de músicas, de bombas e girândolas, indispensável aos nossos regozijos; e houve também préstitos cívicos. Anjos despedaçando grilhões, alegrias toscas passaram lentamente pelas ruas. Construíram-se estrados para bailes populares; houve desfile de batalhões escolares e eu me lembro que vi a princesa imperial, na porta da atual Prefeitura, cercada de filhos, assistindo àquela fieira de numerosos soldados desfiar devagar. Devia ser de tarde, ao anoitecer.

Ela me parecia loura, muito loura, maternal, com um olhar doce e apiedado. Nunca mais a vi e o imperador nunca vi, mas me lembro dos seus carros, aqueles enormes carros dourados, puxados por quatro cavalos, com cocheiros montados e um criado à traseira.

Eu tinha então sete anos e o cativo não me impressionava. Não lhe imaginava o horror; não conhecia a sua injustiça. Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos.

Era bom-saber se a alegria que trouxe à cidade a lei da abolição foi geral pelo país. Havia de ser, porque já tinha entrado na consciência de todos a injustiça originária da escravidão.

Quando fui para o colégio, um colégio público, à rua do Resende, a alegria entre a criançada era grande. Nós não sabíamos o alcance da lei, mas a alegria ambiente nos tinha tomado.

A professora, Dona Teresa Pimentel do Amaral, uma senhora muito inteligente, a quem muito deve o meu espírito, creio que nos explicou a significação da coisa; mas com aquele feitio mental de criança, só uma coisa me ficou: livre! livre!

Julgava que podíamos fazer tudo que quiséssemos; que dali em diante não havia mais limitação aos propósitos da nossa fantasia.

Parece que essa convicção era geral na meninada, porquanto um colega meu, depois de um castigo, me disse: "Vou dizer a papai que não quero voltar mais ao colégio. Não somos todos livres?"

Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis!

Dos jornais e folhetos distribuídos por aquela ocasião, eu me lembro de um pequeno jornal, publicado pelos tipógrafos da Casa Lombaerts. Estava bem impresso, tinha umas vinhetas elzevirianas, pequenos artigos e sonetos. Desses, dois eram dedicados a José do Patrocínio e o outro à princesa. Eu me lembro, foi a minha primeira emoção poética a leitura dele. Intitulava-se "Princesa e Mãe" e ainda tenho de memória um dos versos:

"Houve um tempo, senhora, há muito já passado..."

São boas essas recordações; elas têm um perfume de saudade e fazem com que sintamos a eternidade do tempo.

Oh! O tempo! O inflexível tempo, que como o Amor, é também irmão da Morte, vai ceifando aspirações, tirando presunções, trazendo desalentos, e só nos deixa na uma essa saudade do passado às vezes composta de coisas fúteis, cujo lembrar, porém, traz sempre prazer.

Quanta ambição ele não mata! Primeiro são os sonhos de posição: com os dias e as horas e, a pouco e pouco, a gente vai descendo de ministro a amanuense; depois são os do Amor - oh! como se desce nesses! Os de saber, de erudição, vão caindo até ficarem reduzidos ao bondoso Larousse. Viagens... Oh! As viagens! Ficamos a fazê-las nos nossos pobres quartos, com auxílio do Baedeker e outros livros complacentes.

Obras, satisfações, glórias, tudo se esvai e se esbate. Pelos trinta anos, a gente que se julgava Shakespeare, está rente que não passa de um "Mal das Vinhas" qualquer; tenazmente, porém, ficamos a viver, -esperando, esperando... o quê? O imprevisto, o que pode acontecer amanhã ou depois.

Esperando os milagres do tempo e olhando o céu vazio de Deus ou Deuses, mas sempre olhando para ele, como o filósofo Guyau. Esperando, quem sabe se a sorte grande ou um tesouro oculto no quintal?

E maio volta... Há pelo ar blandícias e afagos; as coisas ligeiras têm mais poesia; os pássaros como que cantam melhor; o verde das encostas é mais macio; um forte flux de vida percorre e anima tudo...

O mês agosto e sagrado pela poesia e pela arte, jungido eternamente à marcha da Terra, volta; e os galhos da nossa alma que tinham sido amputados - os sonhos, enchem-se de brotos muito verdes, de um claro e macio verde de pelúcia, reverdecem mais uma vez, para de novo perderem as folhas, secarem, antes mesmo de chegar o tórrido dezembro.

E assim se faz a vida, com desalentos e esperanças, com recordações e saudades, com tolices e coisas sensatas, com baixezas e grandezas, à espera da morte, da doce morte, padroeira dos aflitos e desesperados... Feiras e mafuás, 4-5-1911

### **Não as matem**

Esse rapaz que, em Deodoro, quis matar a ex-noiva e suicidou-se em seguida, é um sintoma da revivescência de um sentimento que parecia ter morrido no coração dos homens: o domínio, quand mème, sobre a mulher.

O caso não é único. Não há muito tempo, em dias de carnaval, um rapaz atirou sobre a ex-noiva, lá pelas bandas do Estácio, matando-se em seguida.

A moça com a bala na espinha, veio morrer, dias após, entre sofrimentos atrozes.

Um outro, também, pelo carnaval, ali pelas bandas do ex-futuro Hotel Monumental, que substituiu com montões de pedras o vetusto Convento da Ajuda, alvejou a sua ex-noiva e matou-a.

Todos esses senhores parecem que não sabem o que é a vontade dos outros.

Eles se julgam com o direito de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os quer. Não sei se se julgam muito diferentes dos ladrões à mão armada; mas o certo é que estes não nos arrebataam senão o dinheiro, enquanto esses tais noivos assassinos querem tudo que é de mais sagrado em outro ente, de pistola na mão.

O ladrão ainda nos deixa com vida, se lhe passamos o dinheiro; os tais passionais, porém, nem estabelecem a alternativa: a bolsa ou a vida. Eles, não; matam logo.

Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas.

De resto, semelhantes cidadãos são idiotas. É de supor que, quem quer casar, deseje que a sua futura mulher venha para o tálamo conjugal com a máxima liberdade, com a melhor boa vontade, sem coação de espécie alguma, com ardor até, com ânsia e grandes desejos; como e então que se castigam as moças que confessam não sentir mais pelos namorados amor ou coisa equivalente?

Todas as considerações que se possam fazer, tendentes a convencer os homens de que eles não têm sobre as mulheres domínio outro que não aquele que venha da afeição, não devem ser desprezadas.

Esse obsoleto domínio à valentona, do homem sobre a mulher, é coisa tão horrorosa, que enche de indignação.

O esquecimento de que elas são, como todos nós, sujeitas, a influências várias que fazem flutuar as suas inclinações, as suas amizades, os seus gostos, os seus amores, é coisa tão estúpida, que, só entre selvagens deve ter existido.

Todos os experimentadores e observadores dos fatos morais têm mostrado a inanidade de generalizar a eternidade do amor.

Pode existir, existe, mas, excepcionalmente; e exigi-la nas leis ou a cano de revólver, é um absurdo tão grande como querer impedir que o sol varie a hora do seu nascimento.

Deixem as mulheres amar à vontade.

Não as matem, pelo amor de Deus!

Vida urbana, 27-1-1915

### **Mais uma vez**

Este recente crime da rua da Lapa traz de novo à tona essa questão do adultério da mulher e seu assassinato pelo marido.

Na nossa hipócrita sociedade, parece estabelecido como direito, e mesmo dever do marido, o perpetrá-lo.

Não se dá isto nesta ou naquela camada, mas de alto a baixo.

Eu me lembro ainda hoje que, numa tarde de vadiação, há muitos anos, fui parar com o meu amigo, já falecido Ari Toom, no necrotério, no largo do Moura por aquela época.

Uma rapariga - nós sabíamos isso pelos jornais - creio que espanhola, de nome Combra, havia sido assassinada pelo amante e, suspeitava-se, ao mesmo tempo marqueseau dela, numa casa da rua de Sant'Ana.

O crime teve a repercussão que os jornais lhe deram e os arredores do necrotério estavam povoados da população daquelas paragens e das adjacências do beco da Música e da rua da Misericórdia, que o Rio de Janeiro bem conhece. No interior da morgue 2, era a frequência algo diferente sem deixar de ser um pouco semelhante à do exterior, e, talvez mesmo, em substância igual, mas muito bem vestida. Isto quanto às mulheres - bem entendido!

Ari ficou mais tempo a contemplar os cadáveres. Eu saí logo. Lembro-me só do da mulher que estava vestida com um corpete e tinha só a saia de baixo. Não garanto que estivesse calçada com as chinelas, mas me parece hoje que estava. Pouco sangue e um furo bem circular no lado esquerdo, com bordas escuras, na altura do coração.

Escrevi - cadáveres - pois o amante-cáften se havia suicidado após matar a Combra - o que me havia esquecido de dizer.

Como ia contando, vim para o lado de fora e pus-me a ouvir os comentários daquelas pobres pierreuses de todas as cores, sobre o fato.

Não havia uma que tivesse compaixão da sua colega da aristocrática classe. Todas elas tinham objurgatórias terríveis, condenando-a, julgando o seu assassinio coisa bem feita; e, se fossem homens, diziam, fariam o mesmo - tudo isto entremeado de palavras do calão obscuro próprias para injuriar uma mulher. Admirei-me e continuei a ouvir o que diziam com mais atenção. Sabem por que eram assim tão severas com a morta?

Porque a supunham casada com o matador e ser adúltera.

Documentos tão fortes como este não tenho sobre as outras camadas da sociedade; mas, quando fui jurado e, tive por colegas os médicos da nossa terra, funcionários e doutos de mais de três contos e seiscentos mil-réis de renda anual como manda a lei sejam os juízes de fato escolhidos, verifiquei que todos pensavam da mesma forma que aquelas maltrapilhas rôdeuses do largo do Moura.

Mesmo eu - já contei isto alhures - servi num conselho de sentença que tinha de julgar um uxoricida e o absolvi. Fui fraco, pois a minha opinião, se não era falhe comer alguns anos de cadeia, era manifestar que havia, e no meu caso completamente incapaz de qualquer conquista, um homem que lhe desaprovava a barbaridade do ato. Cedi a rogos e, até alguns partidos dos meus colegas de sala secreta.

No caso atual, neste caso da rua da Lapa, vê-se bem como os defensores do criminoso querem explorar essa estúpida opinião de nosso povo que desculpa o uxoricídio quando há adultério, e parece até impor ao marido ultrajado dever de matar a sua ex-carametade.

Que um outro qualquer advogado explorasse essa abusão bárbara da nossa gente, vá lá; mas que o Senhor Evaristo de Moraes, cuja ilustração, cujo talento e cujo esforço na vida me causam tanta admiração, endosse, mesmo profissionalmente, semelhante doutrina é que me entristece. O liberal, o socialista Evaristo, quase anarquista, está me parecendo uma dessas engraçadas feministas Brasil, gênero professora Daltro, que querem a emancipação da mulher unicamente para exercer sinecuras do governo e

rendosos cargos políticos; mas que, quando se trata desse absurdo costume nosso de perdoar os maridos assassinos de suas mulheres, por isso ou aquilo, nada dizem e ficam na moita.

A meu ver, não há degradação maior para a mulher do que semelhante opinião quase geral; nada a degrada mais do que isso, penso eu. Entretanto...

Às vezes mesmo, o adultério é o que se vê e o que não se vê são outros interesses e despeitos que só uma análise mais sutil podia revelar nesses lagos.

No crime da rua da Lapa, o criminoso, o marido, o interessado no caso, portanto, não alegou quando depôs sozinho que a sua mulher fosse adúltera; entretanto, a defesa, lemos nos jornais, está procurando "justificar" que ela o era.

O crime em si não me interessa, senão no que toca à minha piedade por ambos; mas, se houvesse de escrever um romance, e não é o caso, explicaria, ainda me louvando nos jornais, a coisa de modo talvez satisfatório.

Não quero, porém, escrever romances e estou mesmo disposto a não escrevê-los mais, se algum dia escrevi um, de acordo com os cânones da nossa crítica; por isso guardo as minhas observações e ilusões para o meu gasto e para o julgamento da nossa atroz sociedade burguesa, cujo espírito, cujos imperativos da nossa ação na vida animaram, o que parece absurdo, mas de que estou absolutamente certo - O protagonista do lamentável drama da rua da Lapa.

Afastei-me do meu objetivo, que era mostrar a grosseria, a barbaridade desse nosso costume de achar justo que o marido mate a mulher adúltera ou que a crê tal.

Toda a campanha para mostrar a iniquidade de semelhante julgamento não será perdida; e não deixo passar vaza que não diga algumas toscas palavras, condenando-o.

Se a coisa continuar assim, em breve, de lei costumeira, passará a lei escrita e retrogradamos às usanças selvagens que queimavam e enterravam vivas as adúlteras.

Convém, entretanto, lembrar que, nas velhas legislações, havia casos de adultério legal. Creio que Sólon e Licurgo os admitia; creio mesmo ambos. Não tenho aqui o meu Plutarco. Seja, porém, como for, não digo que todos os adultérios são perdoáveis. Pior do que o adultério é o assassinato; e nós queremos criar uma espécie dele baseado na lei.

Bagatelas, s.d.